«TORRE DE BABEL», de João Medina: «SINON, BOUM!» (PÁG. CENTRAL)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 28 DE NOVEMBRO DE 1968 N.º 16 504 ANO 48.º UM ESCUDO

ESPECTACULAR SORTEIO DE 20 AUTOMÓVEIS OPEL

Concurso PHILIPS

TRIUNFO DA TÉCNICA

Austeridade em França

O PARLAMENTO APROVOU O PLANO ECONÓMICO DO GOVERNO

PARIS, 28 — (R.) — A Assembleia Nacional francesa sancionou hoje o plano económico de 5000 milhões de francos (29 190 000 contos) do presidente de Gaulle, destinado a salvar o franco, por uma votação maciça de 391 contra 91.

Foi uma vitória retumbante para o general, de 78 anos, que no último fim-de-semana afastou o espectro de uma desvalorização do franco, transformando uma crise financeira sem precedentes num triunfo pessoal.

Os votos da oposição vieram dos 33 deputados comunistas e dos 57 da Federação das Esquerdas. Outro voto contra o plano veio de um grupo de 11 deputados independentes.

A reacção ao programa de austeridade, destinado a restaurar o equilíbrio económico da França por meio da redução do «deficit» orçamental de 1969 de 11 500 para 6500 milhões de francos, tem sido, em geral, moderada.

Os dois maiores agrupamentos sindicais da França, a G. G. T. dirigida pelos co-

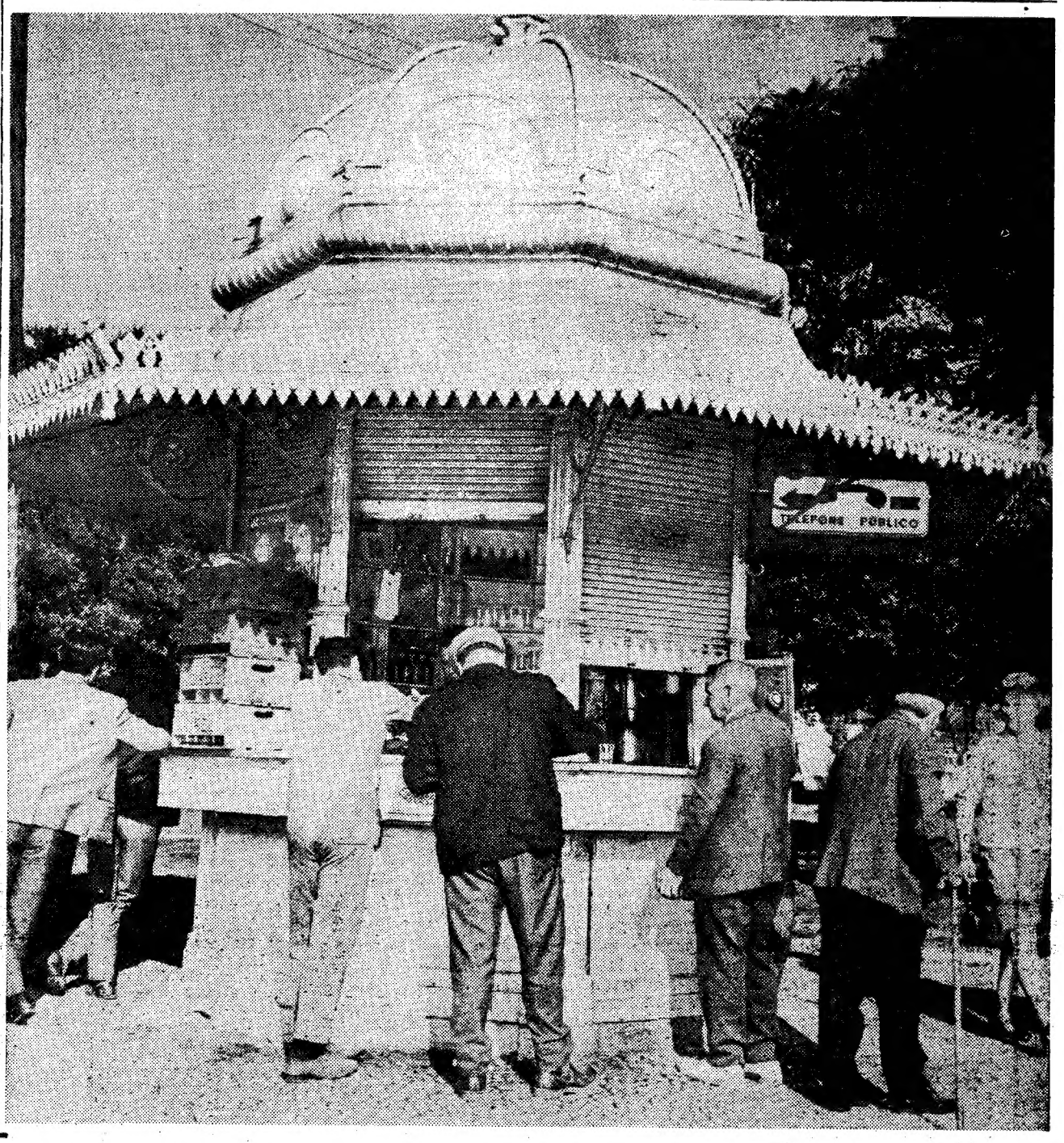
(Continua na 12.ª página)

O NATAL visto pelas crianças

Liberdade e poder criador

O profundo alcance educativo e artístico de «O Natal visto pelas crianças», que o nosso jornal promove desde 1958, não tem escapado a todas as pessoas atentas e esclarecidas. Daí que a nossa iniciativa sempre tenha encontrado o melhor acolhimento por parte das diversas entidades que se interessam pelo desenvolvimento cultural da gente nova.

(Continua na 21.ª página)



Vinte mil pessoas no enterro de três mineiros espanhóis

OVIEDO, 28 — (F. P.) — Mais de vinte mil pessoas assistiram ontem, sob chuva torrencial, ao enterro dos três mineiros que morreram na segunda-feira devido a um desmoronamento no poço Maria Luisa. A greve, desencadeada para protestar contra a frequência dos acidentes, abrangia ontem quinze mil mineiros. A companhia Hunosa, à qual pertence o poço Maria Luisa, anunciou que a viuva e os filhos dos mineiros mortos não receberão a indemnização prevista de 250 000 pesetas se a greve prosseguir.

A companhia recebe do Estado uma subvenção diária de dois milhões de pesetas para reabsorver o «déficit»

HOJE 36 PÁGINAS VISADO PELA CENSURA

que tiveram as minas de hulha das Asturias.

GREVE DE ESTUDANTES

MADRID, 28 — (F. P.) — Prossegue o movimento grevista em Faculdades de Madrid e Barcelona. Na Faculdade madrilena de Ciências Políticas e Económicas, deram-se incidentes sem gravidade entre estudantes e polícias. Depois de partirem alguns vidros no átrio e de apedrejarem as forças da ordem, Faculdade de Medicina Vete- os estudantes dispersaram. A rinária continua em greve. Nas de Filosofia e de Medicina e na Escola dos Eengenheiros, os estudantes não compareceram a diversas aulas. Em Barcelona a greve é quase total nas Faculdades de Direito, Medicina e Ciências Económicas, mas não se deu nenhum incidente.

OS QUIOSQUES DE LISBOA MORREM LENTAMENTE

Já foram muitos os quiosques de Lisboa. As suas cores vivas animavam-se nos gestos quotidianos da cidade. Hoje, porém, o seu número reduz-se ao quase nada de duas dezenas. Não haverá lugar para os quiosques, nestes tempos de «drugstores» e de supermercados? (LER REPORT. NAS PÁGS. CENTRAIS)

REFORMAS E REFORMA DA UNIVERSIDADE (3)

Educação e desenvolvimento económico

1. O DESENVOLVIMENTO económico é considerado um dos problemas-chave duma sociedade, e em tal grau, que certas camadas sociais a ele se referem, como condição de sobrevivência dessa mesma sociedade.

Com idêntica tonalidade é posta ênfase na Educação, considerando-se a evolução de ambos com direcção e finalidades paralelas, de modo que qualquer desfasamento dum em relação ao outro teria consequências graves para a colectividade.

Pretende-se no presente artigo evidenciar os pontos mais salientes que se observam ao relacioná-los.

Antes de o fazer, interessa precisar as noções de desenvolvimento e crescimento económicos. Baseando-nos em F. Perroux o *desenvolvimento* é um processo de transformações nas mentalidades, nas relações entre grupos sociais e nas instituições, capazes de assegurar de forma durável o *crescimento* do produto em termos reais. Torna-se assim clara a diferenciação entre estes dois conceitos; enquanto o desenvolvimento se apresenta como um fluxo renovador das mentalidades, o crescimento é a face visível dessa renovação, e portanto será possível existir tanto um desenvolvimento não traduzível em crescimento (porque diz respeito a aspectos directamente não mensuráveis» como um crescimento económico sem que, motivando-o, exista desenvolvimento.

2. A rede de influências mútuas estabelecidas entre o desenvolvimento e crescimento económicos por um lado, e a educação por outro, é passível de interpretação segundo um esquema de causalidade circular.

Com efeito, o problema pode ser abordado segundo duas ópticas distintas: ou admitir o sistema educacional como um centro difusor de cultura e motivações que se repercutem duma forma mais ou menos proporcional sobre o fenómeno do desenvolvimento e a maior ou menor prazo sobre o crescimento, ou, sob um ângulo de visão diametralmente oposto a este (mas todavia complementar), considerar desencadeados processos de desenvolvimento e crescimento económicos e analisar as influências que daí irão decorrer na estruturação futura do sistema de ensino.

3. Coloquemo-nos na primeira perspectiva.

Não poucas vezes se tem dito que o subdesenvolvimento é parcialmente um problema de mentalidades. Isto determina duas atitudes para ultrapassar esta situação: Uma, residindo nas transformações das instituições sociais, políticas e económicas, com o fim de estarem aptas a funcionar segundo moldes favoráveis e capazes de se adaptarem a alterações que a dinâmica do desenvolvimento imponha; outra, na adopção de medidas estritamente técnico-económicas no sentido de se aplicarem os meios mais eficientes para alcançar tal posição. Sair do subdesenvolvimento ùnicamente pela aplicação de técnicas diferentes das antigas e portanto mais actualizadas, parece-nos uma afirmação tão irrelevante, como dizer ser essa saída exclusivamente um problema de alterações institucionais. A tonicidade incidirá num dos termos do binómio eficácia técnica-estrutura e mentalidade social, consoante a sociedade em questão. «Grosso modo» diríamos mesmo que o problema das técnicas se enquadrará numa óptica de crescimento enquanto que o das modificações estruturais na do desenvolvimento.

Existem dois processos de incrementar o crescimento económico: o aumento da população activa e da produtividade. O primeiro tanto pode funcionar como acelerador ou travão, dependendo do tipo de sociedade que se considere. Assim, numa sociedade com alto nível de instrução em que cada indivíduo chega à idade adulta com pelo menos 8 ou 9 anos de escolaridade obrigatória, a sua existência será um autêntico factor de produção, o que não aconteceria numa sociedade com grande percentagem de analfabetos em que essa existência não é mais do que «uma boca adicional a alimentar» (se bem que potencialmente seja um factor de produção).

Em relação à produtividade (referir-nos-emos sempre à produtividade de mão-de-obra ou seja a produção em termos monetários correspondentes a um activo da população) têm sido feitas várias tentativas para a relacionar com diferentes parâmetros chegando-se algumas vezes a conclusões de interesse. Assim o prof. Denison verificou que cerca de metade do seu crescimento poderia ser imputado a 3 factores: melhor instrução da população activa, emprego de tecnologias mais progressivas e preparação das tarefas em moldes mais científicos.

No plano da actuação são evidentes as aplicações: ensino generalizado e eficiente e maiores dotações aos sectores-chave (no sentido de a investigação se expandir a tal ponto que possa contribuir com projectos sempre inovadores, viáveis técnica e econòmicamente e cada vez em maior número).

Aparentemente abordámos até agora problemas respeitantes ao crescimento e pouco nos colocámos numa perspectiva de desenvolvimento. Contudo esta esteve sempre presente, na medida em que uma pessoa instruindo-se se modifica, perdendo parte da estrutura velha que contém e ganhando permeabilidade às novas ideias e processos. O ensino não constitui (ou não deve constituir) ùnicamente uma aprendizagem de técnicas; há uma simbiose com novas descobertas que se fazem, há um crescente englobar de novos elementos, há um repensar constante obrigando à reformulação do modo de analisar e compreender os problemas. Isto é desenvolvimento. É uma modificação permanente da estrutura mental do indivíduo. Claro que o desenvolvimento não é só isto! Mas é também!

O ensino, sobretudo quando se comparam diferentes tipos de sociedades, leva a alterações sensíveis nos níveis de aspiração dos indivíduos, o mesmo é dizer à eclosão dum espírito crítico perante a presente situação, desejando-se o desenvolvimento e vendo-se nele a forma de obter o que até então não se conseguira. Por outras palavras a uma concordância entre níveis de expectativa e aspirações. A não se processar o desenvolvimento gerar-se-ia uma frustração daqueles, que muito dele tinham esperado.

Parece, portanto, que se podem inferir duas ideias dominantes: — As verbas gastas no ensino não são irreprodutíveis, antes podem e devem ser consideradas como investimentos. (não esquecendo todavia que o ensino também pode ser encarado como um consumo). — Os estímulos exercidos pelo sistema educacional sobre os indivíduos iniciarão uma reacção em cadeia que se difundirá pelas camadas de população por aquele abrangidos, e que não deverá parar a não ser que desejemos um sem-fim de desilusões ou mesmo tensões sociais graves.

4. Numa óptica oposta à anterior, ou seja, admitindo desencadeados processos de desenvolvimento acompanhados de crescimento económico, põe-se o problema do modo como o ensino será por eles influenciado.

O facto de a economia crescer, determina uma expansão no nível de emprego que se repercutirá no ensino, funcionando este, como o sistema de fornecimento de técnicos ou na generalidade de mão-de-obra com maior ou menor grau de especialização.

Por outro lado o processo de crescimento não se faz harmoniosamente, coexistindo sectores «de ponta» — verdadeiros motores do processo — com outros em estagnação, pedindo-se então ao ensino (em particular aos sectores dedicados à investigação) ou que se esforce em manter a liderança daqueles, ou que faça estes saírem do impasse em que se encontram. Há portanto uma espécie de efeito multiplicador que o desenvolvimento exerce sobre certos sectores do ensino, além das transformações globais necessárias, no sentido de se formarem indivíduos capazes de resolverem a sempre crescente complexidade de problemas inerentes aos diferentes aspectos da vida duma sociedade.

5. Resulta de tudo o que foi exposto, que o ensino e o desenvolvimento económico devem evoluir paralelamente, sem o que qualquer desfasamento dum em relação ao outro poderá conduzir a um circuito vicioso de atrasos e recessões, superável é certo, mas levando tempo. E como o tempo é de importância vital nestas questões!

ÂNGELO CORREIA
ANTÓNIO ANÍBAL

Diário de Lisboa
INQUERITO

Cinema de Paris

DE CLOUZOT A TRUFFAUT

Meia dúzia de filmes franceses cobrem os programas de Paris, em estreias recentes. Eles cobrem também gerações sucessivas de cineastas, de H. G. Clouzot à Truffaut e à Philippe Fourastié, celebridades de ontem e de hoje — dum cinema que se tornou clássico e do «nouveau cinéma», ou da «nouvelle vague» que clássica se tornará, se puder. Ou se o «classicismo» continuar a ser critério e categoria possivel, nestas coisas duma estética revolucionada...

Dez anos depois dos seus «400 coups», revelação sensivel de jovem criador que passava das colunas polémicas do «cahieds du Cinéma» para o campo luminoso (e mais perigoso) da tela, François Truffaut apresentou Baisers Volés, *confirmação sensivel também dum talento que melhor assim se exprime do que nas aventuras metafísicas do «Farnheit» ou da «Mariée était en noir». E cujas obras-primas continuam a ser «Jules et Jim» e «Tirez pas sur le pianiste». O Clouzot de «Le Corbeau» e de «Les Espions» (e também, «hélas», de certo filme moralizante com a B. B....) apresentou agora* La Prisonnière. *Mas não é, ou não poderá ser o mesmo Clouzot de «Les Espions» nem de «Le Corbeau»... Vê-lo-emos talvez em próxima crónica.*

La Bande à Bonnot *de Fourastié põe em cena a lenda anarquista dos anos 10, Clydes sem Bonnies nem poesia, que uma recente actualidade (nas paredes da Sorbonne liam-se vivas a Bonnot, não há muito...). não chega para justificar estèticamente. Mas a verdade é que muito menos actualidade compete a* La Chamade, *tirado fielmente do romance da Sagan por Alain Cavalier.*

No pequeno cinema-studio Git-le-Coeur saiu há pouco do écran Le Socrate, *de Robert Lapoujade, pintor e cineasta lançado na grande metragem com uma obra irregular, mas atraente. E com certeza, pouco comercial. Valha-nos o facto de ter cedido lugar a uma série notável de curtas metragens que sob o signo de «Cinéma d'inquiétude» vão do Resnais-Marker «Les Statues meurent aussi», pela primeira vez em versão integral após quinze anos de interdição, até ao célebre «A propos de Nice», a obra corrosiva de Jean Vigo, passando por um filme de Raymond Borde, com texto de André Breton, sobre Pierre Molinier.*

Mais longe, o Studio Parnasse continua o seu ciclo semanal de filmes de René Clair — mas voltemos atrás nesta nota, a propósito de Bonnot e de André Breton, para lembrar a reposição dum filme recente de Malle, Le Voleur, *tirado do admirável e desconhecido romance anarquista de Georges Darien — le maudit, que Breton tanto aconselhava.*

J. A. FRANÇA

DE ONTEM PARA HOJE

REGRESSO A MOÇAMBIQUE

A Moçambique regressou esta madrugada, depois de uns dias passados em Lisboa a examinar questões relativas á província, o governador-geral, dr. Baltasar Rebelo de Sousa, que, no aeroporto, teve afectuosa despedida por parte de muitos amigos e conhecidos e personalidades de relevo na vida política portuguesa. Ao embarcar disse o governador-geral: «Devo ao Governo central — com especial menção para os senhores ministro do Ultramar e subsecretário de Estado da mèsma pasta — desvanecido reconhecimento pela solicita receptividade dada a quanto a Moçambique diz respeito. O senhor Presidente do Conselho mostrou particular empenho em examinar os mais relevantes aspectos da vida da província dentro da superior orientação quanto ao Ultramar, que de forma tão significativa, e para nós galvanizante, ainda hoje exprimiu em memorável discurso. O venerando Chefe do Estado recordando a inolvidável visita efectuada anos atrás, acompanhou também com desvelada atenção o relato que tive a honra de lhe fazer sobre a actualidade moçambicana. Dos mais altos responsáveis levo, pois, uma mensagem de clara simpatia, devotado interesse, esclarecida e firme directriz. Lá como cá se nos impõe continuar, inabaláveis no essencial, renovando métodos, homens e soluções, insuflando dinamismo e juventude nas estruturas e nelas abancando todos quantos de boa fé se dispõem a colaborar na grande tarefa colectiva que nos une. Isto nos exige o momento que vivemos, e nos impõe em Moçambique a missão espinhosa, mas apaixonante, de em lusas paragens índicas continuar Portugal.»

ORDEM DO IMPÉRIO

Ao director do Hospital do Ultramar, dr. João Pedro de Faria, que completou 25 anos na direcção daquele estabelecimento, foi, ontem, imposta a comenda da Ordem do Império. Ao mesmo tempo foram inauguradas as actividades culturais com uma conferência do dr. Domingos Filipe, sob o tema de «Para onde vai a Biologia?». A condecoração ao dr. João Pedro Faria foi imposta pelo sr. ministro do Ultramar, prof. Silva Cunha, estando, também, presente o director-geral de Saúde do Ultramar.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu, ontem, em audiência os srs. brigadeiro Bettencourt Rodrigues, ministro do Exército, e coronel Veigas Campos, director do Laboratório Militar de Produtos Químicos e Farmacêuticos, que lhe formularam convite para a inauguração do edifício das novas instalações daquele estabelecimento; prof. dr. Silva Cunha, titular da pasta do Ultramar, major Silva Pais, director da Polícia Internacional e de Defesa do Estado; prof. dr. Pedro Soares Martinez, catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa; e António de Medeiros e Almeida.

UM MORTO E DOIS FERIDOS

Em Ponte do Salto, perto de Lagares da Beira, um tractor carregado conduzido pelo seu proprietário, sr. João Nascimento Coelho, de 37 anos, despistou-se e foi embater nas grades da ponte, voltando-se o atrelado e caindo ao rio Seia. Morte imediata teve Vítor Manuel Ramos dos Santos, de 15 anos, enquanto Luís Manuel da Fonseca Marques, de 17 anos, caindo de 20 metros de altura sobre o rio, apenas sofreu ligeiros ferimentos.

DA PONTE À MORTE

Descia a estrada em direcção á ponte que atravessa a ribeira de Alves, perto de Figueiró dos Vinhos, uma camioneta de carga. Ia com carregamento de brita para a reparação da estrada de Cernache do Bomjardim. Em dada altura despistou-se a camioneta e caiu de 50 metros de altura. Morto o motorista sr. Joaquim Marcelino Machado Ricos Olhos, de Casa Branca. Muito ferido o ajudante sr. João Beirão de Abreu, de 17 anos, que recolheu ao hospital de Avelar.

O dr. João Pedro Faria, director do Hospital do Ultramar, recebeu ontem do sr. ministro do Ultramar, as insígnias da comenda da Ordem do Império

O prof. Vitorino Magalhães Godinho fala dos seus ensaios (de que saiu o 2.º volume) e dos estudos históricos em Portugal

Há meses apareceu nas montras dos livreiros, em elegante edição da Livraria Sá da Costa, o 1.º volume dos «Ensaios», do prof. Vitorino Magalhães Godinho. Temas de história universal nele se tratavam, como então dissemos, embora nos não tenha sido possível falar do volume como ele merecia e nós teríamos querido.

O 2.º volume dos «Ensaios», sobre temas de história de Portugal, saiu agora. A mesma elegância de apresentação e sobriedade, a mesma arrumação de ideias, a mesma penetração crítica, a mesma cultura sólida, aquela cultura, penetração e limpidez que os leitores do «Diário de Lisboa» se habituaram a admirar no nosso distinto colaborador.

Dos «Ensaios» falaremos na devida altura, mas desde já quisemos ouvir o prof. Magalhães Godinho no momento em que sai este segundo volume dos quatro previstos.

E o diálogo travou-se e aqui o registamos como ele decorreu:

«D. L.» — Nos prefácios dos dois volumes publicados manifesta V. o propósito de continuar o exemplo de Sérgio, utilizando a ensaística para a reforma da mentalidade portuguesa. Quais as razões desse reatar da linhagem sergiana e, de maneira mais geral, da colectanea lançada?

Prof. Vitorino Magalhães Godinho

V. M. G. — Sim, a razão essencial foi essa: considero que permanece imperioso, e é cada vez mais urgente, reformar a mentalidade dos portugueses, de modo a abri-los ao mundo moderno (para cuja elaboração tanto contribuíram) e a levá-los a afirmarem-se na plena cidadania. Entre os caminhos a trilhar, afigara-se-me primacial introduzir no nosso País a atitude científica na abordagem dos problemas humanos. Para isso o ensaio é extremamente fecundo: porque assenta no sentido da problemática e risca todo o dogmatismo, nasce da crítica libérrima e á duvida metódica incita, porque habitua a exigir a verificação e a prova, mas inteligentemente aduzida, não por mero amontoado de factos a trouxe-mouxe. Não foi, porém, sem hesitações que nos decidimos a reunir dispersos escritos ao longo de mais de um quarto de século de pesquisas e reflexão; se o decidimos, é por julgarmos que, a despeito da diversidade de feitura e até do desigual grau de dificuldade para o leitor, podem, mesmo em parte envelhecidos, ter ainda algum préstimo no sentido desse enraizar do humanismo científico de que falávamos.

«D. L.» — O 1.º vol., «Sobre História Universal», o segundo, sobre Hist. de Portugal» os dois anunciados, agrupando esses dispersos por grandes conjuntos de temas, mostram o predomínio das preocupações historicistas. Quando novos tempos se anunciam para Portugal, não será isso afastarmo-nos das tarefas que prioritáriamente se nos impõem?

V. M. G. — Por duas ordens de razões nos devemos voltar para o passado. Em primeiro lugar, assim enriquecemos a nossa experiência, enriquecêmo-la em convívio com as multiplas e variadíssimas experiências de todos os homens de todos os tempos e lugares. E' por outro lado, a fim de responder cabalmente aos problemas que nos assaltam, áqueles que são fundamentais para nós próprios e para o nosso futuro. A história não é um campo separado do saber, é o método universal de pensar tudo quanto ao homem, e aos homens, diz respeito. Não é conservação frigorífica do passado, nem comemorativismo ritualista, é, sim, uma forma científica de ver as cousas voltadas para a prospecção; por ela apartamos o que é actual do anacrónico em que se enreda, e nos apercebemos das virtualidades entre as quais nos cumpre optar com conhecimento de causa.

«D. L.» — À luz dessa concepção, como aprecia a situação dos estudos históricos em Portugal?

V. M. G. — Tudo quanto entra no ambito das ciências humanas é, entre nós, pauperrimo, quase inexistente, em escandaloso contraste com o que se passa lá fora, e até na vizinha Espanha. Fazer história não é publicar documentos mais ou menos ao acaso, ou em colecções que não obedecem a normas rigorosas nem a critérios de largo fôlego. Não é também acumular fichas sobre um assunto qualquer, por mais «moderno» que pareça, sem elaboração reflectida e sem utilizar os métodos actuais das ciências humanas (não é elaborá-lo como há 50 anos!). E' de inteira justiça recordar aqui a geografia humana de Orlando Ribeiro, a etnologia de Jorge Dias e Veiga de Oliveira, os estudos do Centro de Economia Agrária e da «Análise Social», a «História Medieval», de Oliveira Marques, a história social-cultural de António José Saraiva, Joel Serrão, José Augusto França, a história da literatura de Rodrigues Lapa, Oscar Lopes e tantos outros, os estudos de lingufstica de Lindley Cintra. Entre os novos, destaquemos Joaquim Magalhães, Maria Adelaide Chaves, Mesquitela Lima.

«D. L.» — Não estamos afinal tão pobres como dizia?

V. M. G. — Uma gota de água no oceano, comparado com o florescimento lá fora. Franco-atiradores, sem as instituições de pesquisa científica em que se enquadrem, onde se apoiem e aonde sejam chamados a trabalhar as dezenas e dezenas de jovens que precisamos que se consagrem á investigação. Algu-

(Continua na pág. seguinte)

A OPOSIÇÃO HOLANDESA PRONUNCIA-SE CONTRA O REFORÇO DA N. A. T. O.

HAIA, Novembro. — Ainda que o interesse geral incida actualmente nos problemas monetários tratados em Bonn, os da N. A. T. O. são objecto de discussões e de divergências no Parlamento holandês. Se por um lado o Governo De Jong está certo da votação dos três partidos confessionais e do Partido Liberal, que constituem a sua maioria, a favor dos 225 milhões de florins de créditos suplementares que pediu para a defesa, depois da reunião de Bruxelas, as opiniões divergem quanto aos meios de cobrir estas novas despesas. Por outro lado, a oposição, dirigida por Den Uyl, chefe da facção socialista, considera que um aumento em homens e material das forças da Aliança Atlantica é contrário á política de conciliação preconizada pelo Governo, e conduzirá, fatalmente, a uma perigosa corrida aos armamentos. O aviso necessário a dar á URSS deve consistir na melhoria da mobilidade e da disponibilidade dos meios militares da Aliança.

Além disso, por ocasião do segundo centenário da Escola de Altos Estudos Militares, o professor americano Brzezinski, da Universidade de Columbia, afirmou que o regresso á guerra fria era desejado pelos soviéticos para restabelecer a unidade ameaçada no seu próprio país e no bloco socialista. O apaziguamento é, portanto, em sua opinião, o unico meio de contrariar o jogo dos dirigentes russos conservadores. Durante esta reunião o professor Van der Beugel, antigo secretário de Estado holandês dos Negócios Estrangeiros, atacou vivamente a política «nacionalista» francesa, enquanto o general Beaufre falava a favor de métodos destinados a prevenir conflitos entre o Leste e o Oeste e que consistiam para a N. A. T. O. em fazer preceder, num certo numero de hipóteses, as decisões e soluções a adoptar sem demora por uma consulta rápida dos países membros.

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

Nota do dia

NAS FRONTEIRAS DO POSSÍVEL

QUE PENSAR DO DISCURSO? Antes de mais nada, a verificação do espírito realista do Presidente do Conselho, pois que, ao aprestar-se para uma análise da situação política do País, colocou de frente e à frente o problema que efectivamente, mal ou bem, de um modo ou de outro, por muito ou por pouco tempo, enquanto existir condiciona essa situação: o problema do Ultramar, a guerra em África. E aí o Prof. Marcello Caetano fez a sua opção de um modo cortante: «A verdade, porém, é que a posição de Portugal não podia ser outra» — sublinhou.

Isto condiciona tudo. Condicionou o discurso e condiciona naturalmente o comentário, do qual haverá de excluir-se, por imposição da natureza do assunto, o que se referisse ao que é e continuará a ser o problema fundamental da vida portuguesa. E depois disso, que fica? Naturalmente, a compreensível tendência para comparar os dois discursos, o de ontem e o de há dois meses, que foi o das esperanças abertas no sentido da revivificação do interesse pelo fenómeno político.

E o resultado da comparação! Já aqui o havíamos escrito e ontem o disse o dr. Marcello Caetano: «Alguns alarmaram-se julgando que se está a ir longe de mais enquanto outros consideram tímidas as realizações». Mas foi, apesar de tudo, um outro estilo, pelo menos aparentemente um outro estilo, na medida em que há dois meses a novidade foi surpresa e, agora, todas as novidades porventura pareceriam poucas, porque já tinham o sabor de coisa sabida ou admitida por antecipação.

Haverá muitos aspectos que poderão desencadear e merecer os comentários. Mas, ao menos por agora, parece razoável procurar apenas as grandes linhas gerais, aquelas que podem valer como baliza da acção política que o Governo se propõe empreender. Por um lado, o dr. Marcello Caetano põe em evidência o esforço dos últimos dois meses, por outro lado, anuncia que apresentará à Assembleia Nacional «algumas» providências concretas correspondentes a certa linha de orientação. Quais?

É de esperar que nas primeiras possa vir a incluir-se a do estabelecimento de um regime legal para o exercício das actividades da Imprensa, que continua sujeito, como toda a gente sabe e como todos os dias ostensivamente se confessa, ao peso da censura prévia. Por mais de uma vez o actual Chefe do Governo, ao tempo em que, não o sendo, as suas palavras tinham a autoridade do professor mas não a responsabilidade do político, anunciou ou deixou anunciar a «sua» lei de Imprensa. Retomar o projecto? Talvez tenha envelhecido, mas retomar a ideia parece do domínio do possível.

Isto é indispensável para que se instale no País um certo ambiente que se tenha por saudável e próprio para o exercício, que se pretende regular, do que constitui o mínimo de cidadania. De um país que se revelasse abúlico o que haveria de pedir-se em laboração e responsabilidade? O interesse pelo fenómeno político pode uma vez ou outra parecer incómodo. Mas sem ele, como se governa e para quem?

Reconhece-se que estas aberturas procuram ter o valor de um estímulo. O dr. Marcello Caetano não se mostra indiferente ao que possa valer como o despertar desse interesse, não apenas nos cidadãos em si, mas também na própria Assembleia Nacional, a cuja actividade parece confiar ou dela solicitar uma participação mais intensa na elaboração legal: como se, ao mesmo tempo, quisesse reforçar por essa via a legitimidade, não da sua investidura, mas do seu exercício.

Com esta Assembleia? — perguntarão talvez os mais cépticos ou os menos crentes, que nem sempre são os mesmos... De momento é a que há. Mas não seria a primeira vez que, dentro dela, se veriam formar sectores de crítica ou correntes de opinião. Foram esses vagos assomos mal sucedidos? Poderão não o continuar a ser desde que, em vez de estancados, possam ser estimulados ou, pelo menos, entendidos como estimulantes. O espírito de cidadania que se pretende cá fora tem de afirmar-se também lá dentro.

RECTÂNGULOS DA VIDA

O «ÚLTIMO FIGURINO»

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Fechou há dias, temporária ou definitivamente, uma das lojas que melhor representavam uma certa Lisboa elegante e apegada a velhos hábitos. Ser cliente do «Último Figurino» era sinónimo de abastança real ou, pelo menos, aparente. Embora tivesse uma *boutique* e uma secção de alta costura, foi principalmente uma loja de tecidos, e de tecidos muito belos e muito caros. Ora a verdade é que o mundo evoluiu, e dentro dele, claro está, o pequeno-grande mundo da moda, foi também dando as suas voltas. Quantas lojas de tecidos haverá hoje, por exemplo, em Paris? E quem são os poucos clientes dessas lojas? Não são decerto os costureiros que recebem directamente a matéria-prima, nem as mulheres muito elegantes que se vestem nos referidos costureiros. Também não são as mulheres da chamada classe média-superior, que elegeram as *boutiques* do «prêt à porter», nem mesmo as outras, que se abastecem, conforme as suas posses, nos Grandes Armazéns ou nas lojas dos «boulevards» mais afastados do centro. Quem compra tecidos a metro, em Paris, devem ser pois as proprietárias dos «prêt à porter» e as mulheres que têm a sorte de saber fazer os seus próprios vestidos. Entre nós ainda há bastantes modistas. Mas durante quanto tempo, se as aprendizas levadas também na roda do progresso, trocam entusiàsticamente a agulha pela fábrica?

A morte passageira ou definitiva desta loja «snob» e requintada, onde as próprias empregadas falavam por vezes com desdenhosa superioridade à clientela desconhecida, é, de certo modo, simbólica. Porque no próprio dia em que as suas portas surgiram fechadas perante o espantado povo do Chiado, um pouco mais abaixo, ali, na Rua do Carmo, uma nova *boutique* nascia.

Dizem os leitores...

O ABATE DE ÁRVORES NA CIDADE

Do nosso leitor sr. Álvaro Silva, de Lisboa, recebemos esta carta:

«Li, no jornal que V. dirige, a notícia intitulada «Menos árvores na Avenida D. Carlos». O mesmo já se fez para a Avenida 24 de Julho, que as perdeu numa grande extensão. E, segundo me informaram, outros arruamentos estão condenados ao arboricídio, como a Avenida da República.

«Parte-se do princípio de que se deve adaptar a cidade ao trânsito, em lugar de se adaptar o trânsito à cidade, o que me parece não estar certo. Já se asfaltaram as faixas de rodagem, para se não estragarem os pneus, como nas cidades de outros países, mas não se modernizaram os passeios, que são autênticas montanhas russas, e nas ruas íngremes perigosos, porque o calcário pule, sendo frequentes as quedas de quem neles transita. O pretexto invocado para se manter o calcetamento a pedra miúda é o de ser um característico português, o que não é verdade, porque na vizinha Espanha o encontramos em muitas cidades. E o que nela, actualmente, se adopta é nas ruas centrais ficarem alguns passeios calcetados a calcário com ornatos a granito, e no resto da cidade cobrirem-se a cimento. Em França faz-se o mesmo

«Com desprezo pelo peão, cuida-se só em fazer pistas para os automóveis, e o resultado é aumentarem os desastres.

«Não se pretende que Lisboa seja uma cidade bela, tornando-a calva E não se tem bem a noção do que atrai o turista. Neste sentido, resolveu-se, a pouco e pouco, tirar os bancos de madeira dos jardins. Agora, coube a vez ao jardim de Belém, em que arranjaram os arruamentos, mas fazendo desaparecer uns vinte daqueles bancos, em que muitas pessoas idosas iam aquecer-se ao sol.»

O PROF. VITORINO MAGALHÃES GODINHO FALA-NOS DOS SEUS ENSAIOS

(Continuação da pág. anterior)

mas daquelas tentativas mais ou menos isoladas ou lutando contra tantos obstáculos seriam melhor sucedidas se estivesse criado ambiente propício.

«D. L.» — Projectos?

V. M. G. — Antes de mais, concluir «Os Descobrimentos e a Economia Mundial» (a cinco fascículos do termo), aprontar, para saírem no próximo ano, os dois restantes volumes dos «Ensaios» (e já vai havendo material para um quinto...), continuar a direcção da edição portuguesa da enciclopédia *Focus* (o último volume já vai em meio), da colecção histórica *Rumos do Mundo* (dois volumes serão lançados em 1969, um de Chaunu, outro de Braudel) e da colecção de *Ciências Humanas* «A Marcha da Humanidade», onde acaba de ser publicada a esplêndida «Introdução á História da Agricultura em Portugal», de Oliveira Marques; e assim assegurar a publicação do que haja de válido nas investigações de jovens ou de nomes consagrados, quanto á evolução da nossa gente e dos nossos problemas. Gostaríamos de apresentar «os fios condutores de uma história» — a de Portugal e dos portugueses (que principiámos neste jornal) — e de um dia, com equipa, retomar essa traça com outra envergadura. Na gaveta aguardam estudos relativos á estrutura e conjuntura da economia portuguesa do séc. XV ao XIX (com documentação anexa). Continuamos a colaborar no «Dicionário de História de Portugal», regido tão eficazmente por Joel Serrão. Em Paris deve sair até ao fim do ano «L'économie de l'empire portugais — XVe-XVIe siècles» (857 páginas, 6 mapas). Insiste-se na reedição de «A Economia dos Descobrimentos Henriquinos» e dos «Documentos Sobre a Expansão Portuguesa» — mas exigem mexidela profunda. E visamos uma «Perspectiva das Ciências Sociais». O nosso maior contentamento será que continuem a afirmar-se outros investigadores de já conhecido valor e surjam muitos mais, cada vez mais numerosos, e encontrem cuidadosamente instituídos os centros onde possam trabalhar com a máxima proficiência, de modo a termos um dia uma autêntica pesquisa de ciências humanas.

A NOVA LEGISLAÇÃO E OS AJUDANTES DE FARMÁCIA

A propósito da questão tão debatida das consequências do Decreto-Lei n.º 48457, de 27 de Agosto de 1968, e da situação dos ajudantes de farmácia, que aquela disposição legal modifica, recebemos do sr. Silva Fernandes a seguinte carta, que transcrevemos:

O escrever uma carta a este jornal publicada com o título — «As vantagens de se chamar farmacêutico» provocou a publicação duma outra assinada pelo sr. Lourenço da Conceiçáço, de Setubal, em 4-11-68. Não quero estabelecer polémica, por isso se se tratasse apenas da redacção de indivíduo primário que escreve muito e nada diz — desconhecê-lo-ia. Há contudo pontos focados que pela sua pouca exactidão merecem reparos:

1) — O «Diário de Lisboa» pode confirmar que eu me limitei a pedir a publicação da referida carta, nada tendo a ver com o título que tanto incomodou aquele senhor. Se não tinha a certeza do que escrevia, devia ter pelo menos o mínimo de correcção para não tecer afirmações gratuitas.

2) — Todos os que leram a minha carta, com excepção do referido senhor, compreenderam que os meus reparos eram unicamente dirigidos aos ajudantes donos de farmácia.

Com efeito, que culpas é que se podem imputar aos senhores ajudantes de farmácia (empregados), *pelas atitudes que tomam e pelas pressões económicas que exercem os seus «colegas» patrões? Aliás, a leitura da minha carta demonstra que dum modo geral especifiquei* — ajudantes donos de farmácia.

3) — Estou de acordo que nem todos podem trabalhar por conta própria. Suponho contudo que o sr. Lourenço da Conceição foi mais uma vez infeliz ao citar outras profissões. Nunca tive conhecimento que houvesse um enfermeiro que tentasse «alugar» a responsabilidade a um médico que não pudesse montar consultório, nem de nenhum escrivão que pretendesse «alugar» a responsabilidade a um advogado que não pudesse montar cartório, nem de nenhum operário especializado em relação a um engenheiro, nem de nenhum empregado de contabilidade a um economista, nem de nenhum desenhador em relação a um arquitecto, etc., etc.

Parece pois que o que se passa no campo farmacêutico (o capitalista a manietar e a querer tomar o lugar do indivíduo qualificado) é único, *e em todas as outras profissões há o respeito, a compreensão e a noção escalonar das atribuições respectivas.*

Choca ainda a impudência de indivíduos que «tratando» o director técnico como tratam, alicerçem ainda as suas reclamações alegando pouca assiduidade e tendenciosamente clamem que é injusto e antinatural que a farmácia seja ... para o farmacêutico!

4) — Aproveito para assinalar ao sr. Lourenço da Conceição que se ainda «sofro» com o problema da farmácia, é porque tenho confiança que este seja no futuro devidamente estandardizado. Esta minha confiança mais aumentou, se possível, com as citações que fez das «Encíclicas Papais», pois estou convicto que os Sumos Pontífices ao escreverem que todos os indivíduos tinham direito ao desafogo económico não pensam sómente nos ajudantes donos de farmácia, *ou pretenderá aquele senhor que sim?*

ora diga-nos...

— O que pensa dos jornalistas?

Hoje fomos bisbilhoteiros. Quisemos saber o que o público pensa de nós, se tem consciência, enquanto lê o jornal, dos homens (e das mulheres, poucas embora) que pensaram nos assuntos que ele está a ler, o elaboraram, o averiguaram, o confeccionaram e o apresentaram como puderam, para ele se inteirar do mundo que o rodeia. Se alguma vez reflectiram nesta bizarra função que é ser, hoje, jornalista.

● *O industrial de cartonagem, sr. Carlos Alberto Rodrigues Gomes, respondeu assim:*

— Penso vamos lá a ver, que preenchem uma das funções essenciais da nossa época. Saber o que se passa, é uma coisa muito importante, e nestes tempos evoluídos é preciso saber como é...

— São úteis, a seu ver, os jornalistas?

— Ah, pois são! Podem chegar onde nós não podemos chegar, e além disso têm outra cultura que a gente não tem.

— Gostava de ser jornalista?

— Se não fosse o que sou, sim.

— Lê muito jornais?

— Uma hora por dia, mais ou menos.

● *O sr. Abel Silva, vendedor de iogurtes, reagiu embaraçadamente à nossa questão. Mas recompôs-se:*

— Pouca opinião... Leio o jornal, às vezes gosto das críticas, outras vezes não. Olhe, quando dizem mal do Benfica, não gosto, porque sou do Benfica. Se dizem mal dos outros clubes gosto. Aí está

— Mas, no fundo, que é que pensa desses tipos?

— Tenho uma opinião boa, no fundo Cumprem a sua obrigação, está certo.

— Acha que é uma profissão agradável?

— Bom, se uma pessoa escolheu ser jornalista, deve gostar. Mas também deve ter aspectos maus, trabalho excessivo, serviços de noite... É o que eu acho.

— Já a guma vez pensou em ser jornalista?

— Se tivesse inteligência e vocação para isso...

● *O inquérito acabou com o depoimento do sr. António Tonada Rodrigues, marceneiro, o qual reza assim:*

— Gosto muito de conhecer o que os jornalistas escrevem. Estão sempre dentro dos assuntos, sabem tudo.

— Acha que sim?

— Então, pois. Andam sempre à procura.

— O que não quer dizer que encontrem.

— Bom, talvez

— Lê jornais com frequência?

— Leio, há tarde principalmente, quando saio do trabalho.

— E gostava de vir a ser jornalista?

— Não tenho categoria! Mas deve ser engraçado

Antigos alunos da Escola Comercial Ferreira Borges

O Nucleo dos Antigos Alunos da Escola Comercial Ferreira Borges completa, no dia 8 de Dezembro, 27 anos de existência.

Para comemorar o acontecimento, a direcção promove, naquele dia, um almoço de confraternização num restaurante de Setubal, motivo para um passeio a Sesimbra, serra da Arrábida e visita ao Castelo de S. Filipe.

As inscrições estão abertas até ao dia 30, na sede do Nucleo, podendo também ser feitas através dos telefones 668365 e 635603.

DIA DE GOA

A comissão central do Dia de Goa promove mais uma vez, a 18 de Dezembro, cerimónias comemorativas do 7.º aniversário da invasão e ocupação de Goa, Damão e Dio. O ministro do Ultramar deporá, ás 18 e 30, um escudo nacional, em flores, no sopé do monumento a Afonso de Albuquerque, em Belém

Dia litúrgico de S. Francisco Xavier

Na próxima terça feira, ás 18 e 30, realiza-se, na igreja de São Roque, do Largo da Misericórdia, uma missa em louvor de São Francisco Xavier, Apóstolo das Índias, por devoção dos portugueses da Índia residentes nesta cidade, e em comunhão com os portugueses que, na Basílica do Jesus, de Goa, comemoram esse dia liturgico do santo taumaturgo do Oriente, com um solene pontifical.

Será celebrante o sr. arcebispo de Mitilene e o coro Stella Vitae acompanhará o acto. Senhoras goesas entoarão canticos alusivos á solenidade do dia.

O ESTADO DO PRESIDENTE SALAZAR

«Noite calma. Mantém-se o quadro clínico anterior». Foi esta a informação colhida hoje na Casa de Saúde da C. V. P. sobre o estado do Presidente Salazar, que ali iniciou o seu 82.º dia de internamento.

O Chefe do Estado fez ontem mais uma visita á Casa de Saúde, inteirando-se sobre a evolução da enfermidade do Presidente Salazar.

AGORA É ASSIM...

FRIGORÍFICOS
130 L — 2150$
165 L — 2750$
200 L — 2950$

MÁQUINAS DE LAVAR
SUPERAUTOMÁTICAS
3.990$

TELEVISORES
COM U. H. F.
3.750$

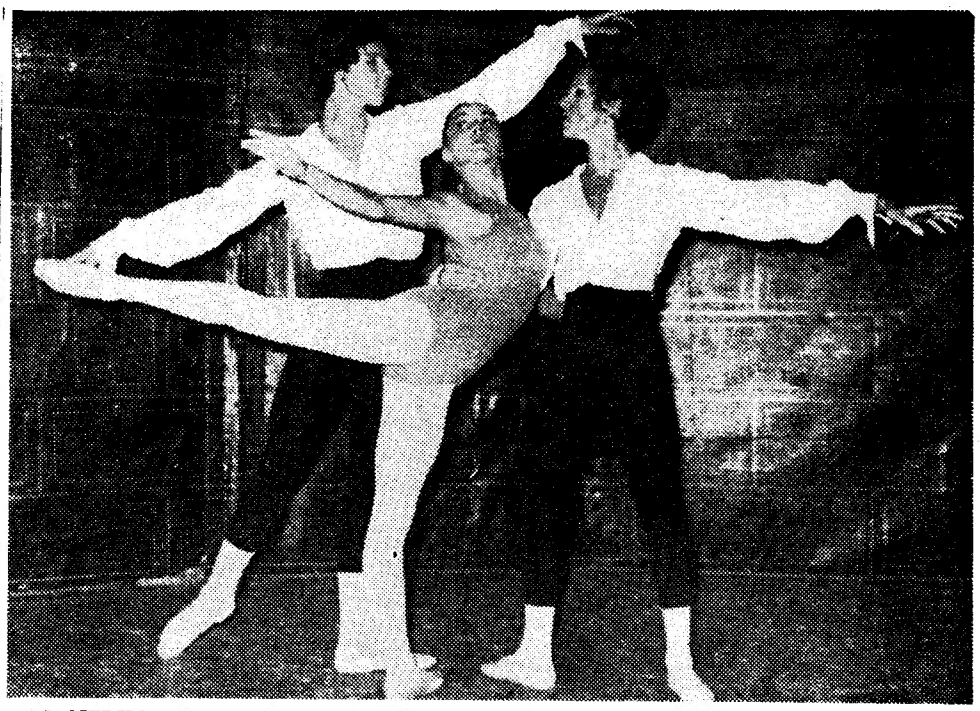
E AINDA FAZEMOS TROCAS!!

CASA M. L. FERREIRA — Rua D. Estefânia, 48-1.º andar (ao Largo)

Amanhã: Estreia de «Tango»

Uma peça indiscutìvelmente grande da moderna dramaturgia europeia vai ser oferecida ao publico de Lisboa, a partir de amanhã, no palco do Capitólio, onde se prolongam as tradições prestigiosas do Nacional. A estreia de «Tango» marca a abertura da temporada na Casa de Garrett, mas assinala também o contacto com uma das obras mais válidas e discutidas do teatro moderno. «Tango», do dramaturgo polaco Slawomir Mrozek, traduzida por Fernando Fragoso, exprime uma das melhores realizações do teatro que se debruça sobre os problemas de hoje. É uma peça audaciosa, enigmática, destinada a fazer pensar muito para além do sorriso que consegue e até do riso que irresistìvelmente arranca. Têm-na acusado de torpedear a sociedade socialista e de meter a ridículo as suas personagens, e os conservadores não lhe poupam a acusação de pretender atingir os pontos fracos das camadas que teimam em manter os moldes clássicos da vida colectiva. Mas será «Tango» uma obra deliberadamente escrita para minar os cabouços de qualquer forma de estruturação social? «Tango» é uma daquelas peças que difìcilmente passam despercebidas. Interessa e empolga, muito para além do seu simples conteúdo literário e da sua expressão plástica. É uma peça viva, diferente, capaz de despertar interpretações construtivas e de arrancar esclarecidas correntes de opinião. Acima de tudo, é uma grande obra de teatro moderno oferecida pela Empresa Rey Colaço-Robles Monteiro ao apreço do nosso publico.

«Tango», classificada para adultos, maiores de 17 anos, estreia-se amanhã, estando já abertas as bilheteiras do Teatro Capitólio. Domingo, ás 16 horas, tarde especialmente dedicada aos estudantes.



OS MELHORES DO CONSERVATÓRIO (DE PARIS) — São muito jovens, mas vão celebrizar-se por certo no mundo do bailado, os vencedores do recente Concurso de Dança do Conservatório de Paris. Da esquerda para a direita: Patrice Malguy, Martine Herrenschmidt e Jean-Luc Chirpaz-Cerbat

CINECLUBE IMAGEM

Em continuação da sua programação de 35 mm para os meses de Novembro-Dezembro, o Cineclube Imagem exibe hoje no Jardim Cinema, ás 18 e 15, o filme de Masaki Kobayashi «Kwaidan».

NOVO CASINO ESTORIL

apresenta hoje
em estreia

JANIE AND THE COLLEGE BOYS
vedetas da TV inglesa

ROCKY RENDALL
JOANA BELO
BONJOUR PARIS SHOW
de Doriss Haug

JIRINA'S COMBO
OS "SHEIKS"
JORGE COSTA PINTO
E SUA ORQUESTRA

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos • no snack-bar às 1.00h m/21 anos

NO CINEMA, ÀS 17 e 21.30 H.
CHUBASCO
(M/ 17 anos)

• ISSO! VÁ HOJE MESMO AO
• MARIA VITÓRIA •
Às 20.45 e
Às 23 horas
ADULTOS

Mariema
em
«Miss Bond»

VER A REVISTA DA GARGALHADA
GRANDE POETA É O ZÉ!...
• O TRIUNFO DE UM COLOSSAL ESPECTÁCULO E DE UM BOM ELENCO
com
• Salvador • Viana • Mariema
MAX ☆ ANITA ☆ DORA ☆ VÍTOR MENDES ☆ MARIANO FRANCO
e a atracção internacional
• Brigitte St. John
• UM ESPECTÁCULO DE GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO
• 3.º MÊS DE ENCHENTES!
• DOMINGO «MATINÉE» ÀS 16 H.

MORRIS CHALFEN apresenta
Holiday on Ice
a maior revista mundial no gelo inteiramente nova!
ÚLTIMOS DIAS
ÚLTIMAS ACTUAÇÕES
NO COLISEU
HOJE «MATINÉE» ÀS 16 H. PARA M/ 6 ANOS
TODOS OS DIAS «SOIRÉES» ÀS 21.30 H. PARA M/ 12 ANOS

ESTE É O ÊXITO!
(PERGUNTE A QUEM JÁ VIU)
DOIS CONTRA O TEXAS
O FAMOSO «TEXAS ACROSS THE RIVER»
ELES SÃO GRANDES...
DEAN MARTIN ALAIN DELON

...E IAM REBENTANDO COM O TEXAS DE UMA VEZ PARA SEMPRE!
NÃO PERCA
DOIS CONTRA O TEXAS
SCOPE TECHNICOLOR
O FILME FENÓMENO DA ÉPOCA
UNIVERSAL
FILMES LUSOMUNDO
2.ª SEMANA
DIVIRTA-SE: VÁ AO POLITEAMA
MAIORES DE 12 A.

O CARNAVAL JÁ CHEGOU!
MASCARE-SE COM UM BILHETE E VÁ HOJE À NOITE ÀS 21 OU ÀS 23 HORAS AO TEATRO VILLARET VER
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de lisboa
12 ANOS
«TROPICALÍSSIMA!!!»
O FOLCLORE DO BRASIL num trepidante espectáculo de JACY CAMPOS com
ALMIRA — PEDRINHO RODRIGUES — GILBERTO DE ASSIS — AILTON TOBIAS — LURDES SILVA
Ballet de MERCEDES BAPTISTA
a grande atracção ANA TERESA
OLÍMPIO NASCIMENTO com as fantasias premiadas do Carnaval carioca
e LANA BITTENCOURT
Colaboração do conjunto de CARLOS QUINTAS com o pianista SILVA CASCÃO

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

APÓS UM ÊXITO MEMORÁVEL
PAVEL VIRSKY E O BALLET SOVIÉTICO
COSSACOS DA UKRANIA
despedem-se do público de Lisboa, concedendo dois espectáculos na próxima 2.ª-Feira às 18,30 e 21,30 horas.
NO TIVOLI
Bilhetes à venda a partir de hoje:
2.º balcão 80$00; 1.º balcão 150$00; plateia 200$00
Tarde m/6 anos Noite m/12 anos

UMA DIVERTIDA COMÉDIA MUSICAL!

OS MAIORES SUCESSOS DO DISCO E DA RÁDIO!

ESTREIA • HOJE • AVIS

ÀS 21.45

M/12 ANOS

UM JOVEM E TÍMIDO PROFESSOR RODEADO DE UMA MOCIDADE IRREVERENTE E DE UMA GAROTA DE SONHO!

EASTMANCOLOR

ESTA NOITE É MINHA

LOLA FALANA • GIANCARLO GIANNINI • MARISA SANNIA • ROCKY ROBERTS • NINO TARANTO

E A PARTICIPAÇÃO DE FRANCO FRANCHI e CICCIO INGRASSIA — Exclusivo DOPERFILME

5.ª SEMANA

NÃO DEIXE DE VER

O AMOR 68

UMA FANTASTICA COMÉDIA DE HENRIQUE SANTANA

UM ESPECTACULO DE VASCO MORGADO

NOVO ÊXITO DA C.ª TEATRO ALEGRE

NO TEATRO VARIEDADES T. 32 60 37

com

HENRIQUE ● IRENE ● COSTINHA ● SEMEDO ● LIA ● ANABELA e ADRIANO REYS

Hoje, ás 21.45 h. (Adultos) Dir. plástica de F. RELÓGIO

Encenação de MARIA HELENA

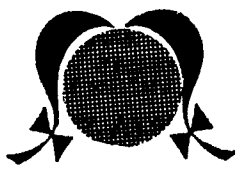
Sábado 2 sessões ás 20.45 e 23 h.

Domingo, á tarde ás 16 h.

MONUMENTAL

Domingo à tarde às 18.30 h. MAIORES 4 ANOS

A História do Pastorinho Beija-Flor



HIPPIES

Nós somos os HIPPIES!

Por isso temos cuidado com o que oferecemos

Visite as nossas exposições!

☆

HIPPIES 1 — Rua Rodrigues Sampaio, 77 Telefone 5 95 82

HIPPIES 2 — Rua Rodrigo da Fonseca, 82-A Telefone 53 82 91

HIPPIES 3 — Avenida Ressano Garcia, 34-D Telefone 53 57 20

HIPPIES 4 — Rua Andrade Corvo, 4, 1.º Telefone 53 34 06

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *O «show» brasileiro «Tropicalíssima» deve apresentar-se no Porto em meados de Dezembro.*
- *Pelo que se diz nos meios teatrais, o empresário José Miguel sempre estreia a sua companhia no renovado ABC, que deve estar pronto no princípio do próximo mês.*
- *A peça «Frei Luís de Sousa», que vai ser apresentada pela companhia de Amélia Rey Colaço, inclui no seu elenco a actriz Milu.*
- *Os actores Rolando Neves e David Silva, este do Teatro Experimental do Porto, foram convidados a participar no desempenho da peça «A Preguiça».*
- *Só no final da época teatral o actor Rogério Paulo se deslocará a Bruxelas para dirigir a encenação da peça «Auto da Barca do Inferno», de Gil Vicente, num espectáculo para a televisão.*
- *Já foi apresentada á Comissão de Censura a peça que brevemente sobe à cena no Teatro Vasco Santana.*
- *Estão muito adiantadas as obras do novo Teatro Laura Alves.*
- *Continua a ser apresentada em vários teatros da província a peça «D. Quixote».*

AS ESTREIAS DE HOJE

No Aviz

Título em Português — «Esta noite é minha»

Produção — Italiana.

Realização — Ettore Fizzarott

Intérpretes — Lola Falana, Giancarlo Giannini, Marisa Sannia e Rocky Rolests.

Género — Comédia

Distribuição — Doperfilme

Processo — Eastmancolor

Classificação — 12 anos.

CAPITÓLIO

Tel. 32 03 79

AMANHÃ às 21.30 h.

Abertura da temporada do TEATRO NACIONAL D. MARIA II

«TANGO»

de Slawomir Mrozek

Trad. de Fernando Fragoso

(Maiores 17 anos)

Domingo ás 16 horas—Tarde dedicada aos estudantes

ÀS 21.45 H. NO TRINDADE F.N.A.T.

Telef 32 00 00

O T. N. P. APRESENTA

A ADMIRÁVEL COMÉDIA ITALIANA

A TORRE E O GALINHEIRO

POR TODOS OS SEUS PRINCIPAIS ELEMENTOS ARTÍSTICOS

P.º M/ 12 ANOS

TRAV. DA ESPERA, 38 TELEF. 35464

MIL E UM ... É FADO!

SUPER PANELA DE PRESSÃO

Hispano Suiza

modelo marmitex

sempre a tempo e... mais saborosos...

Utilize os seus compartimentos auxiliares. Poderá ter ao mesmo tempo dois pratos diferentes sem que tomem o sabor um do outro.

sonarte

Representantes:

RÁDIO INDÚSTRIAS, LDA.

RUA PASCOAL DE MELO, 127 — LISBOA — TEL. 536443

RÁDIO ATLÂNTICA

Rua de Santa Catarina, 615 - 1.º — PORTO

Griffith e Méliès na Cinemateca

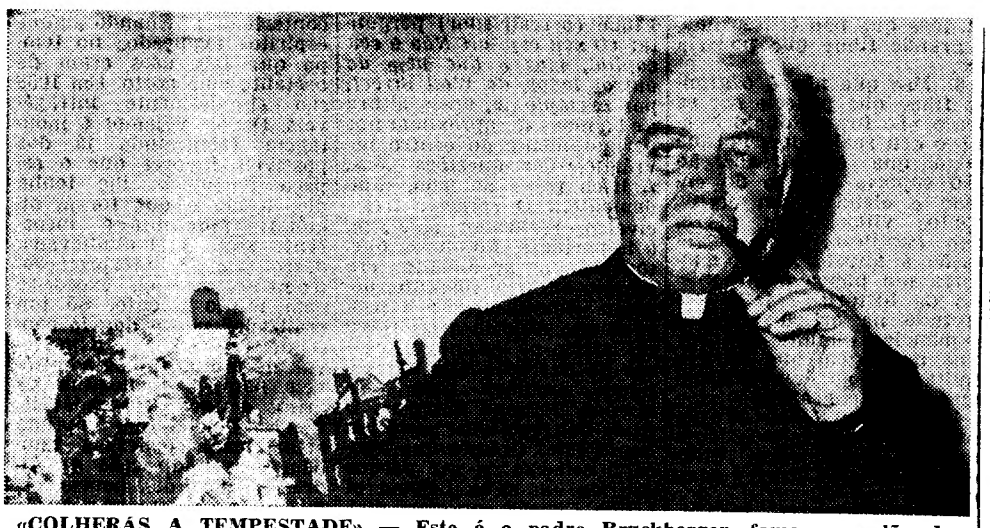
Levado a efeito pela Cinemateca Nacional, inicia-se hoje o novo ciclo do programa «Os Filmes da Cinemateca», constituído por doze filmes que trazem a assinatura de personalidades marcantes, muitas delas das mais representativas na história do Cinema.

O filme que abre esta nova série de exibições é da responsabilidade desse incomparável mestre de cinema que foi David Wark Griffith e tem por título «O Lírio Quebrado», que um dos mais responsáveis críticos europeus da especialidade, Jean Mitry, professor de História do Cinema do I. D. H. E. C., de Paris, considera um dos mais puros poemas da tela, definindo-o como a obra-prima de D. W. Griffith.

«O Lírio Quebrado», o famoso «Groken Blossoms», que representa uma completa mudança no tipo de obras erguidas por aquele realizador, apresenta uma das mais extraordinárias interpretações de que o cinema silencioso foi testemunha — a de Lillian Gish, com Ricahrd Barthelmess a dar notável réplica.

Em complemento exibe-se um dos ultimos e dos mais bem logrados filmes de George Melies, «À Conquista do Polo», realizado em 1912, um autêntico e delicioso «primitivo».

Na Agência de Turismo dos Restauradores acham-se em distribuição convites para as sessões das 18 e das 21 e 30.



«COLHERÁS A TEMPESTADE» — Este é o padre Bruckberger, famoso capelão da Resistência Francesa e realizador da não menos famosa longa metragem «Colherás a tempestade», humaníssima evocação dos anos trágicos de ocupação nazi. O sacerdote posou para os fotógrafos nas Catacumbas de Paris, a 60 metros de profundidade, no local do antigo P. C. da Resistência, tendo ao lado o primeiro diagrama do seu filme

«Elas é que sabem!» – um belo friso de bailarinas

O corpo de baile, ensaiado por mestre Charles, é um dos grandes aliciantes da revista «Elas é que sabem!», a subir á cena no ABC. Algumas das bailarinas internacionais: Jacqueline, Mira, Rossy e Clarisse.

Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha são os autores do texto. Os maestros João Nobre e João de Vasconcelos escreveram a musica. O artista plástico Mário Alberto dirigiu a montagem e desenhou os figurinos que foram executados por Ateliers Paiva, sob direcção de Josefina Soares. José Manuel pintou os cenários, segundo maquetas de Mário Alberto, Hernani Lopes e Velez de Lima.

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

- **Segundo notícias não confirmadas, o filme de Gerard Oury, «Três Homens em Fuga», com Louis de Funés e Bourvil, foi seleccionado para a candidatura da França ao «Oscar» de 1969, reservado á melhor película estrangeira.**
- **A primeira longa metragem de Valerim Borowszyk, «Goto, Ilha de Amor», interpretada por Pierre Brasseur, Lizia Branice e Ginette Leclerc, recebeu em Knolle-le-Zoute o grande prémio do «Challenge» internacional dos cinemas de arte e de ensaio.**
- **Dominique Fabbre recebeu o Grande Prémio da Literatura Policial pelo seu livro «Um Belo Monstro». Os herois são Alain Jane e, segundo se afirma, a autora pensava em Alann Delon e em Jane Fonda ao escrever este livro, que vai ser levado ao «ecran» por Etienne Perier.**
- **Depois dos «westerns», a cinematografia italiana começa a interessar-se pelos filmes de guerra, que têm sido uma produção característica de Hollywood. A primeira película deste género será rodada pelo jovem realizador italiano Gialio Giuseppe Negri e conta a história de um regimento norte-americano de fuzileiros navais. O título será «O Sete de «Marines» Cessou o Jogo».**
- **Cinquenta delegados de trinta países participaram em Beirute no 17.º Congresso do Secretariado Internacional do Cinema, inaugurado pelo director-geral da Informação do Líbano, Charles Rizk, em representação do Presidente da Republica. A admissão do Líbano, da India, da Tailandia e das Honduras elevou a 78 o numero de elementos do Secretariado, cujo congresso teve por tema «O Cinema ao Serviço dos Valores Espirituais».**

SIMONE

Canta para o público admirador no seu Restaurante **CANDELABRO** durante o jantar hoje e todas as terças, quintas e sábados.

Acompanhamento por órgão electrónico HONNHER

(PREÇOS NORMAIS)

R. Marquês Subserra, 10 LISBOA

Reserve mesa pelo Telefone 68 09 86

CONCURSO «FUGI» – SINGLE – 8

Hitzemann e C. Lda., promotora do concurso de cinema amador com o título supra, torna público que a sessão prevista no n.º 10 do respectivo regulamento (para exibição dos dez filmes classificados, distribuição dos prémios correspondentes e e sorteio do prémio especial —um automóvel Morris-1300) que estava marcada para o dia 2 do próximo mês de Dezembro, na filial daquela firma, sita na Rua Filipe Folque, n.º 2-C e 2-D, se realiza de facto naquele mesmo dia, com início ás 18 horas, mas nas instalações do clube de Micro-Cine, na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, n.º 70-C, cave, Lisboa-1, para maior comodidade dos concorrentes e de todas as pessoas que ao acto desejem assistir.

SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO PARK

APRESENTA EM:

3.ª SEMANA

Os Teus (YOURS,

Os Meus MINE

... e os Nossos

COM

LUCILLE BALL · HENRY FONDA e VAN JOHNSON · TOM BOSLEY

«... OS TEUS, OS MEUS E OS NOSSOS», CONSTITUI, SEM FAVOR, UMA DAS MELHORES PELÍCULAS DO GÉNERO QUE TEMOS VISTO EM LISBOA...»

ADULTOS

C. — D.º DE NOTÍCIAS

Temporada de circo no Coliseu

Inicia-se a 6 de Dezembro a nova temporada de circo no Coliseu dos Recreios, com uma grande companhia internacional com famosos artistas e numeros de êxito nas mais prestigiosas pistas da Europa.

As crianças e adultos vão ter de novo em Lisboa, a partir de 6 de Dezembro, o «maior espectáculo do Mundo» — o circo incomparável e eterno!

IVA ZANNICHI NO TIVOLI

Será no cinema Tivoli, a 12 de Dezembro próximo, que a cançonetista italiana Iva Zannichi fará a sua apresentação ao público português.

A intérprete, que foi contratada por intermédio do empresário Artur Pereira, planifica uma viagem ao nosso Ultramar, com espectáculos (em Janeiro) nas cidades de Luanda e Lourenço Marques.

BBC

EMISSÕES EM PORTUGUÊS

A partir de 1 de Dezembro de 1968 Emissão da hora do almoço — novo horário: 13.30-13.45 Emissão da noite — mantém-se o mesmo horário das 23.00 às 23.30.

PRESENTES DE NATAL

SERVIÇO ESPECIAL, ECONÓMICO E EFICIENTE NA ENTREGA AO DOMICÍLIO, NO ESTRANGEIRO, DE VINHO DO PORTO, DE ORIGEM.

BURMESTER

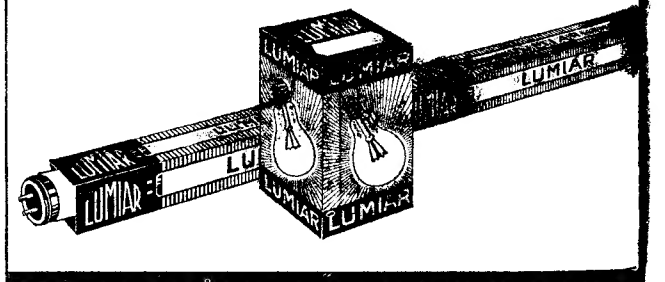
(DESDE 1750)

GARANTIA DE FINA QUALIDADE

Rua de Belomonte, 89-1.º — PORTO — Telefones: 21086 - 32290

em BUCELAS o «DIARIO DE LISBOA» está á venda na casa VICENTE ROMÃO BRAVO.

LUMIAR



LÂMPADAS INCANDESCENTES E FLUORESCENTES

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO MUNDIAL

TÍTULO — «Ladrão Roubado» («Gambit», 1966).
REALIZADOR — Ronald Neame.
INTÉRPRETES — Shirley MacLaine, Michael Caine, Herbert Lom.

1. A principal, a grande, a excessiva qualidade deste filme está em Shirley MacLaine. Porque Shirley realiza um quase prodígio: desdobra-se sem se fragmentar, multiplica-se sem dispersão. Ela é a unica. Ela é a inumera. Ela é acima de tudo uma intérprete excepcional, inteiramente moldada aos papéis que lhe cabem. Mas é também, e ainda, e ainda bem, uma personalidade densa, proteica, fascinante e irredutível. Da conjunção desta unidade e desta diversidade nasce uma actriz fora de série: ora elegante, altiva, requintada, feita de distancia e distinção, ora rasteira, vulgar, caprichosa, cheia de infantilidade e arrebatamentos. Ou ainda: ora ingénua, com um ar desastrado e perdido no mundo, inábil nos gestos, retraída, tímida, ignorante, ora segura, com a segurança ajustada e lubrificada dos grandes momentos, eficaz, sobranceira e inatingível. E é talvez difícil separarmos Shirley deste filme soberbo que é *Deus sabe quanto amei* e esquecermos a figura frágil e desprotegida que inteiramente se dava em gestos de uma ternura pequena e receosa: Shirley terá sempre aquele olhar de espanto para as coisas bonitas, aquela ternura que alastra pelas pessoas e pelas casas, aquele estonteamento de fim do mundo que sucede a cada sempre primeiro beijo. Para Shirley, por ela e com ela, existe uma muito discreta comoção. E existe ainda esse pacto tão difícil de uma plena simpatia, que vem muito simplesmente da confiança mutua que uma grande actriz sabe construir.

2. Mas nem só de Shirley vive o filme — nem o espectador. Há ainda um argumento inteligente e sedutor, que irá certamente provocar a adesão do publico. Há sobretudo um efeito inicial (tentemos indicá-lo sem revelar em demasia: a projecção em pensamento de algo que se pretende realizar), que constitui um achado portentoso. E nós poderíamos desejar vê-lo desenvolvido em todas as suas inumeras virtualidades: por exemplo, na relação entre a realidade e a representação mental, entre o plano apenas concebido e o atrito que inevitávelmente provoca a sua transposição para a prática; ou na diferença entre contar com pessoas imaginadas (uma Shirley muda e transformada em estátua) e actuar com seres demasiado concretos, demasiado humanos para caberem nas redes subtis de um modelo *ideal*, mas suficientemente vivos e inventores para suprirem as limitações *idealistas* desse mesmo plano. E é aliás essa duplicação da acção em dois níveis distintos que nos revela a diferença essencial de Shirley: essa Shirley que transforma todos os planos na medida precisa em que ela é a figura do imprevisível, a transbordancia irrequieta e feliz de tudo a que habitualmente se chama vida, e é talvez amor, e é talvez a raiz matinal do desejo.

Ronald Neame prefere desviar-se do virtuosismo que o argumento propunha e cingir-se á narração de uma história divertida Não explorou com inteligência e requinte as situações, os lugares e as personagens. E o resultado é uma obra que é talvez uma das mais agradáveis comédias desta época, mas que não é, isso não, o grande filme que poderia ser.

3. Mas que não é o grande filme que poderia ser se acaso não fosse Ronald Neame o seu realizador. Porque julgo que esta realização não suporta o peso do enredo e claudica em certos pontos vitais. Sem garra, sem subtileza, sem imaginação á altura, Neame emperra um pouco o mecanismo da história e falha sobretudo na articulação das sequências simultaneas por uma montagem que recorre muita vez ao lugar-comum ou á pirueta gratuita.

4. Mas se Neame é um executante desajeitado dum projecto prometedor, Shirley está lá — e Shirley compensa.

COMPLEMENTO: Exibiu-se um documentário de António Lopes Ribeiro e Miguel Spieguel sobre «Portugueses no Brasil». Rodado em tempo «record», segundo nos dizem, esta obra didáctico-retórica é cinematográficamente destituída de qualquer interesse. Seria de aconselhar ás crianças das escolas, não fora a pobreza dum texto a estalar de lugares-comuns.

Note-se ainda um pormenor de ambiente para os intervalos: a presença do pianista Eugénio Pepe em alguns nûmeros musicais.

EDUARDO PRADO

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «A Lenda de uma Estrela» («The Legend of Liliah Clare»).
REALIZADOR — Robert Aldrich, 1968.
INTÉRPRETES — Kim Novak, Peter Finch, Ernest Borgnine, Milton Selzer, Rossella Falk, Valentina Cortesse, etc.

«A Lenda de uma Estrela», ultima realização de Aldrich, parte de um argumento construído por Hugo Butler e Jean Ronverol, ele próprio baseado (nalguns dos seus aparentemente baseado (nalguns dos seus episódios) na vida de Joseph von Sternberg e de Greta Garbo. O tema (Hollywood vista por dentro) é sempre pano para mangas e do mesmo tecido já Aldrich havia feito uma obra prima de denuncia e desassombro: «No Reino da Calunia». Agora, porém, passados que foram os anos e ganho o juizonho da maturidade, Aldrich aprendeu certamente a amealhar os lucros e desprezar os louros e assim, nada mais certo do que desviar o rumo da sua crítica. Se o que estava em causa em «No Reino da Calunia» era a forma como o capital investido num filme podia dominar um homem, amordaçá-lo e liquidá-lo, em «A Lenda de uma Estrela» o que sofre contestação é a personalidade absorvente e egoísta de um realizador de cinema que consegue assassinar duas vezes uma actriz, primeiramente a própria Liliah Clare e depois Elsa Brinkmann quando interpreta o papel de Liliah Clare. Uma personalidade forte, um temperamento obstinado e já está, lá temos a pobre da Kim Novak atirando-se do alto de um trapézio (sofria de vertigem e obrigavam-na a olhar cá para baixo, os ingratos!) e estatelando-se na areia de uma pista. Ora bolas Aldrich, isso não se faz! Ainda é cedo para o auto-retratado (se bem que já o vá merecendo) e muito tarde para acusar oficiais do mesmo ofício (tarde porque antes de «A Lenda de Liliah Claire», o mesmo cineasta assinara «No Reino da Calunia», onde tudo tinha uma razão de ser bem mais explícita e compreensível).

Dizer que no argumento não havia hipóteses possíveis, sequências a explorar, causas a aprofundar, seria faltar á verdade. «A Lenda de Liliah Claire» tem os seus aspectos positivos (entre eles uma violenta e crua imagem final de uma matilha de cães disputando comida), as suas cenas explosivas pela revelação de certas engrenagens (uma conferência de Imprensa com a-bisbilhoteira-mais-que-tudo-lá-do-sítio), mas o essencial é preservado religiosamente. Quando Ernest Borgnine diz que o capital empatado nos filmes que ele produz tem de render, Peter Finch (o realizador) pergunta: «*O seu capital? Não o seu capital, mas o que vem de outros lados, de Wall Street, por exemplo...*», nesta altura estamos a aproximar-nos perigosamente do centro nevrálgico das questões. Mas, Aldrich passa ao lado, rápidamente... O carácter irrascível do realizador, esse sim, é importante. Admita-se que, todavia, o argumento era mesmo curioso, coerente, honesto. Admita-se isso e pense-se que Aldrich o realizava utilizando os mesmos processos de narração que na realidade escolheu para esta «Lenda de uma Estrela». O filme daí resultante seria um bom filme? Cremos que nunca o conseguiria ser porque Aldrich em «The Legend of Liliah Claire» consegue dirigir um dos seus filmes mais inconsistentes e falhos de imaginação. Que dizer, por exemplo, dos *flash backs* sangrentos com o rosto de Kim Novak a um canto? Cremos que no tempo das nossas avozinhas isso era já contestado, afirmando alguns espíritos avançados no tempo que tais usos eram de bastante mau gosto. Em 1968 são simplesmente intragáveis. Depois vejamos a montagem (abstraindo já dos possíveis favores que o espaço português lhe tenha dispensado e que foram alguns): apresenta-se incoerente, solta, mal alinhavada, desconexa. Na interpretação, porém, Aldrich excede-se com muito talento. Só um realizador *muito dotado* consegue transformar a Kim Novak de tantos filmes admiráveis naquele manequim de gritos e risos desagradáveis. Peter Finch, um óptimo actor, nada beneficia também com a direcção de Aldrich. Numa das poucas cenas de amor que vemos, ele surge completamente ultrapassado pelos acontecimentos. Do conjunto ressalvem-se os nomes de Milton Selzer (outro secundário americano em ascensão) e de Rossella Falk.

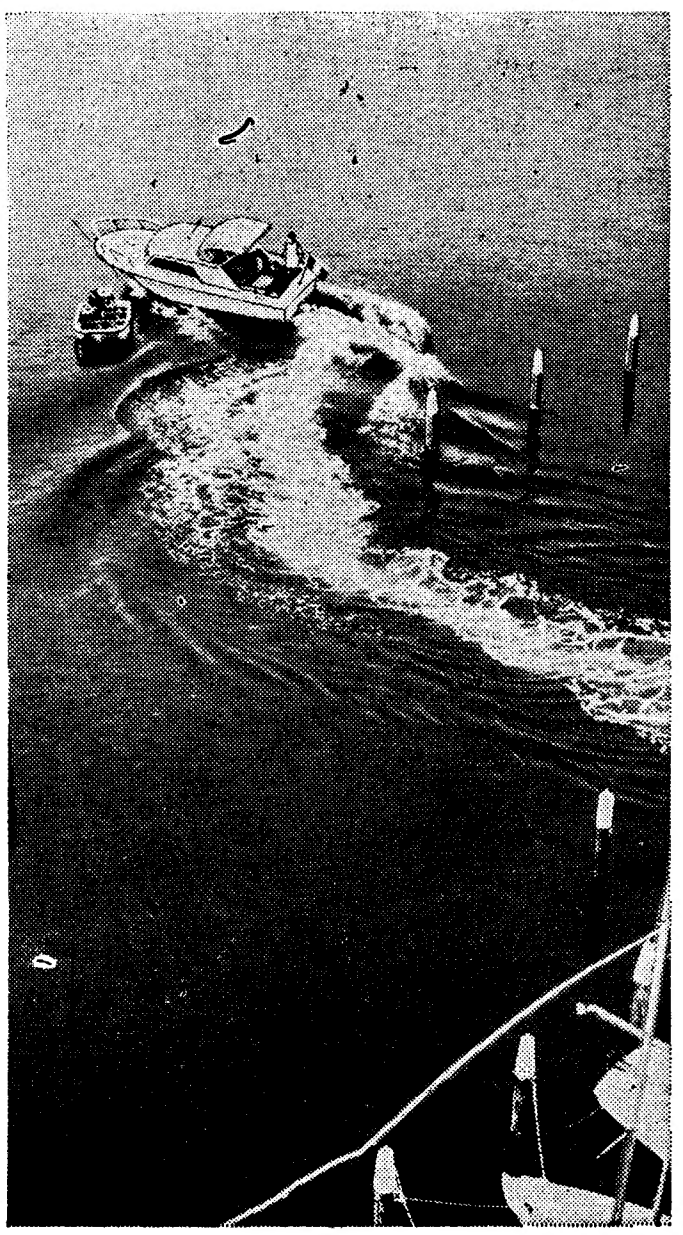
Filmografia de Robert Aldrich

Nasceu em Cranston (Estados Unidos), a 9 de Agosto de 1918. Filmes que dirigiu: 1953: «The Big Leaguer»; 1954: «World for Ransom»; «Apache» (O Ultimo Apache); «Vera Cruz (Vera Cruz); 1955: «Kiss me Deadly» (Beijo Fatal); «The Big Knife» (No Reino da Calunia); 1956: «Autumn Leaves» (Folhas de Outono); «Attack» (Ataque); 1957: «The Garment Junble» (A Selva da Alta Costura); 1959: «The Angry Hills» (A Colina da Ira); «Ten Seconds to Hell»; 1961: «The Last Sunset» (Duelo ao pôr do Sol); 1962: «Sodom and Gomorrah» (Sodoma e Gomorra); 1963: «Whatever Happened to Baby Jane?» (O que teria acontecido a Baby Jane?); «Four for Texas» (Quatro no Texas); 1964: «Hush, Hush, Sweet Charlotte» (Com a Maldade na Alma); 1965: «The Flight of the Phoenix» (O Voo da Fénix); 1966: «The Dirty Dozen» (Doze Indomáveis Patifes); 1968: «The Legend of Lilliah Claire» (A Lenda de uma Estrela».

Enfim, mais uma historieta sensacionalista *incide Hollywood*, feita segundo os esquemas comerciais de uns «Insaciáveis» ou «Sucesso sem Escrupulos», sem atingir todavia a delicadeza e o tacto que «A Mulher que não Queria Amar» (Harlow), de Gordon Douglas, lograva alcançar nalgumas das suas partes. Aldrich para esquecer, consequentemente...

LAURO ANTÓNIO

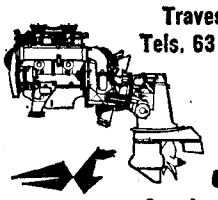
Compare a Maneabilidade dos diversos barcos com Motores "Stern-Drive":



Só o barco equipado com um OMC Johnson pode virar a 90°!

De bombordo a estibordo ou seja 45° em cada bordo, 15° mais do que qualquer outro motor «Stern Drive». E quanto à performance? Quatro potentes motores, suaves e silenciosos, de 80 a 210 CV, que conferem ao barco o poderoso impulso dos motores internos com a maneabilidade dos fora-de-borda. Cada modelo OMC Johnson possui os mesmos exclusivos: sistema de suspensão «silent blocks», levantamento eléctrico a 75° da coluna de propulsão exterior, e inversão de marcha Electramatic. Este ano como acessório um novo sistema de arrefecimento por água doce. Todos são garantidos por dois anos e beneficiam de um completo serviço após-venda. Escolha uma embarcação que lhe assegure todas estas vantagens. Insista num barco equipado com um OMC Johnson.

Dirija-se ao Distribuidor Exclusivo
NÁUTICA, BELLO & FILHO, S.A.R.L.
Travessa da Praça, 4 (Belém) Lisboa
Tels. 636154 - 637970 ou ao Agente local



Johnson
O primeiro em segurança e em serviço

Queiram fazer o favor de enviar mais detalhes sobre o Motor OMC Johnson, «Stern Drive»
Nome .....
Morada .....
..... N.° .....

A METAMORFOSE DA MEDICINA EXIGE UMA EQUIPA INOVADORA E ESPECIALIZADA —DIZ NUM RELATÓRIO O DR. MARQUES DA GAMA

É fundamental oferecer aos médicos portugueses «as melhores condições para que todos possam aprender e reaprender o necessário para serem cada vez mais úteis à Medicina e aos doentes.»

Deste aviso no relatório do secretário-geral da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, dr. Mário Marques da Gama, sobre o ano académico de 1967-1968, agora publicado em separata do *Jornal* da referida instituição.

«É evidente», prossegue o relatório, «que a Medicina não pode deixar de ser integrada na grande *revolução tecnológica* do século actual, que não só está transformando a maneira de viver, como incide no desenvolvimento das ciências e na estrutura da personalidade humana, no carácter e na mentalidade dos próprios homens».

Qual a posição da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa nesta conjuntura de renovação? Uma tentativa de acompanhar o movimento geral, diz o seu secretário, combatendo a imobilização ao nível dos conhecimentos adquiridos.

Tudo surgiu em jacto

Debate, cooperação e entendimento são as linhas mestras da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. Nesse sentido, lembra o dr Marques da Gama, foi «um dos acontecimentos mais importantes do ano académico passado» a criação, proposta por um grupo de sócios, encabeçado pelo prof. Miller Guerra da Secção de Educação Médica. Trata-se, noutras palavras, de «reformar a mentalidade médica em face da mutação que se antolha para a Medicina resultante da avalancha na técnica e na investigação».

Porque tudo surgiu «com grande velocidade, em jacto e de forma quase explosiva». Órgãos artificiais, *pace-makers*, novas conquistas da biologia molecular e da imunologia até mesmo «os aspectos positivos do planeamento familiar» na sua conjugação com as repercussões sobre a saúde da Humanidade (maior liberdade sexual, perigos decorrentes da limitação da fertilização), tudo isto *situou* a Medicina de maneira definitiva.

E o dr. Marques da Gama reforça o seu ponto de vista: «Como se tudo isto não fosse bastante, o médico sente a necessidade de acompanhar também o surto de desenvolvimento de ciências humanas, tais como a sociologia, a psicologia, a antropologia, etc., e a moderna cibernética e os ordenadores com a sua nova disciplina para a Medicina, a «informática médica». Quer isto tudo dizer que a Medicina se encontra actualmente numa dessas grandes passagens de nível, que exige uma equipa inovadora e especializada para fomentar o desenvolvimento do conhecimento, a aplicação das novas técnicas e a adaptação do meio médico a toda esta metamorfose.»

Daí a Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa procurar reunir á sua volta os cultivadores dos vários ramos da Medicina e da Cirurgia, criando as suas secções especializadas «para aumentar as possibilidades dos médicos através dum convívio mais íntimo e com sentido de comunidade se actualizarem nas técnicas especializadas para o tratamento dos doentes». O que será mais fácil, aponta o secretário-geral, quando a Sociedade tiver — como merece — a sua sede em edifício apropriado.

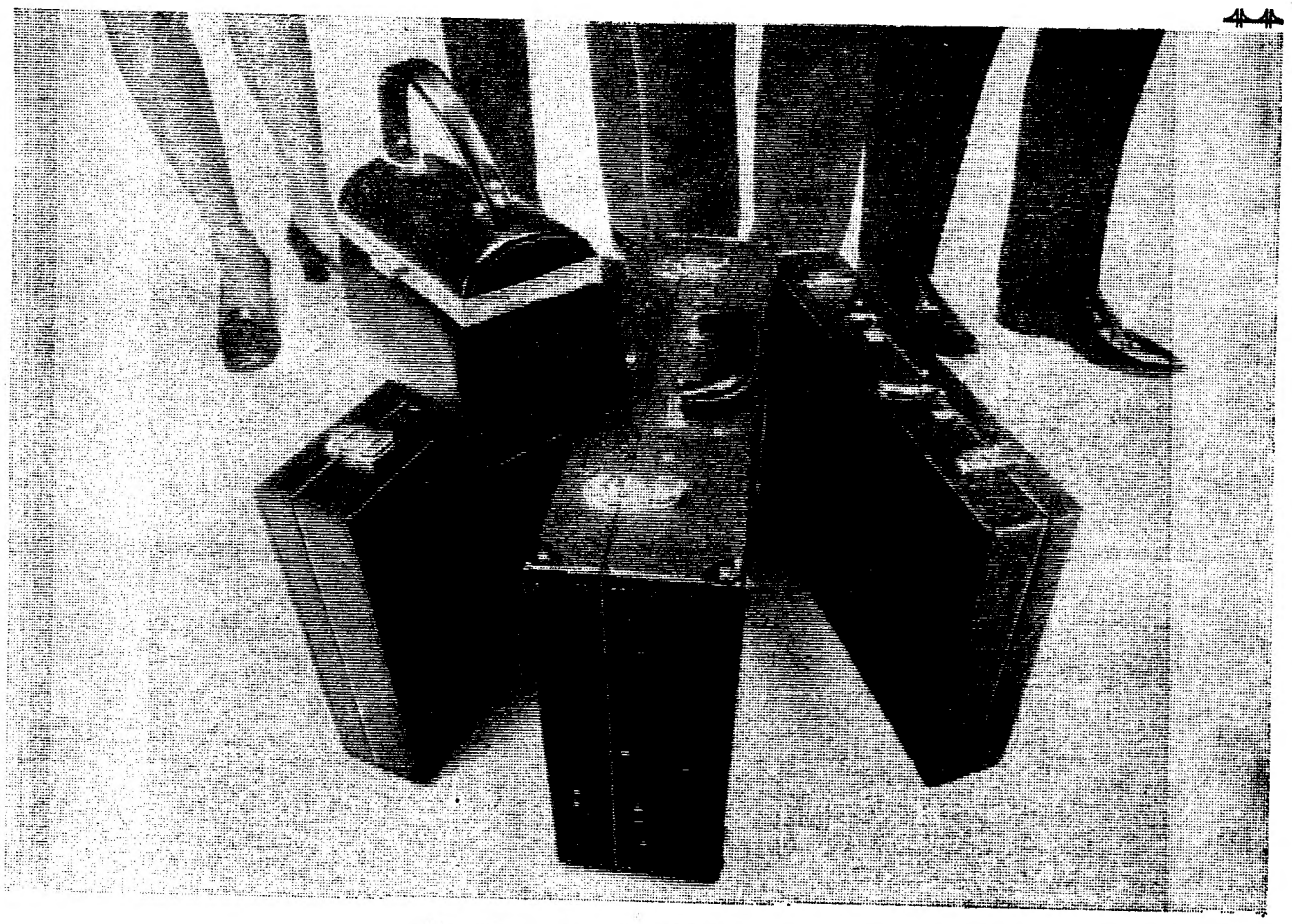
Foi recentemente inaugurado, em Francfort, na Alemanha Ocidental, um novo Metropolitano, com 30 vagões articulados, de plástico. Com este novo material, reforçado com fibra de vidro, obtêm-se diminuições de peso que oscilam entre os 20 e os 30 por cento. Consequentemente, poupa-se energia locomotora. Ganha-se, também, em segurança, devido á maior resistência do novo plástico — o Leguval

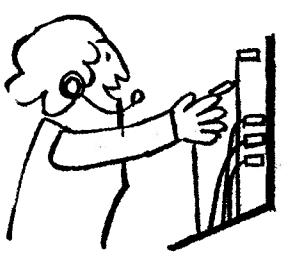
«DIÁRIO DE LISBOA»

Do Grémio da Lavoura de Beja recebemos um ofício de agradecimento pela publicação da sua nota de esclarecimento acerca de uma outra da F. N. P. T.

—— Da comissão executiva do XVIII Congresso da Liga dos Bombeiros Portugueses e do I Centenário da Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa recebemos um ofício de agradecimento pelo noticiário referente aqueles dois acontecimentos.

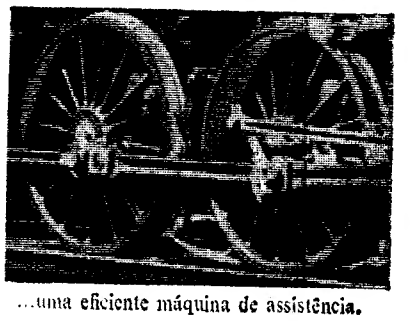
—— Do Sindicato Nacional dos Ajudantes de Farmácia e Ofícios Correlativos do Distrito de Lisboa recebemos uma carta em que nos agradece a entrevista da sr.ª dr.ª Aline Worm de Aguiar, recentemente publicada no nosso jornal. Também do nosso leitor sr. Afonso Dias Crespo, de Monte Redondo, recebemos uma carta no mesmo sentido.





Apele para a Rank Xerox...

...e movimentará rápidamente...



...uma eficiente máquina de assistência.

O nosso principal produto —É oferta!

Ninguém desconhece que a Rank Xerox produz copiadores/duplicadores de vários modelos.
Mas o nosso produto principal chama-se «SERVIÇO APÓS VENDA»! Que não vendemos. Nem alugamos. Oferecêmo-lo, simplesmente.
Este produto é posto à sua disposição juntamente com a máquina RANK XEROX, logo após a entrevista que vai ter com o nosso Delegado de Vendas — que lhe aconselhará o tipo de equipamento mais rentável para a sua organização.
Este valioso elemento não é apenas um simples ponto de contacto entre V. e a Rank Xerox! É o seu consultor permanente em assuntos de reprografia!
Mas mais! Ele, ao introduzir na sua organização um copiador/duplicador faz movimentar um grupo de pessoas que vão colaborar consigo, por forma a garantir o eficiente funcionamento do equipamento e a proporcionar-lhe novas perspectivas na racionalização do trabalho-administrativo.
Esse grupo engloba:
— Os analistas de sistemas, que recomendam a forma como o copiador/duplicador Rank Xerox pode eliminar trabalho burocrático numa organização, demonstrando que ele é um elemento imprescindível dentro dela.
— As CRO's que instruem e assistem as pessoas que vão operar com as máquinas.
— Os técnicos que velam pelos equipamentos de forma a continuamente produzirem alta qualidade de impressão.
O seu apoio pode ser constante — e, como dissemos, sem qualquer dispêndio para a sua empresa! Eles sabem uma quantidade de coisas interessantes sobre o uso dos copiadores/duplicadores RANK XEROX que o deixarão estupefacto!
Um problema de utilização, um novo esquema de trabalho, um possível problema técnico — TEM SOLUÇÃO RÁPIDAMENTE DEPOIS DO SEU TELEFONEMA.

Telefone para:
53 99 51 (Lisboa) — 6 70 58 (Porto) e 2 70 48 (Coimbra)
Sede: Av. António Augusto de Aguiar, 106 Lisboa

RANK XEROX
UMA EMPRESA DENTRO DA ORGANIZAÇÃO RANK POR PROPRIEDADE CONJUNTA COM A XEROX CORPORATION

* Rank Xerox e Xerox são marcas registadas da Rank Xerox Limited

Toda a organização é mais eficiente com Rank Xerox

HOTEL DA BALAIA

ALBUFEIRA — ALGARVE

Venha passar o **NATAL** e o **FIM DE ANO** no **Hotel da Balaia** em ambiente de festa com atracções internacionais, beneficiando do clima primaveril do Algarve.

Escolha a estadia que melhor lhe convier:

NATAL
Desde 24/12 até 26/12 a partir de Esc. 783$00

FÉRIAS DE S. SILVESTRE
Desde 26/12 até 1/1 a partir de Esc. 2.220$00

NOITE DE S. SILVESTRE
Desde 30/12 até 1/1 a partir de Esc. 740$00

FÉRIAS DE NATAL E S. SILVESTRE
Desde 24/12 até 1/1 a partir de Esc. 3.003$00

Mais 10% Serviço e 3% Imposto de Turismo.
Para informações mais detalhadas, contacte o seu Agente de Viagens ou directamente o **HOTEL DA BALAIA, Albufeira — ALGARVE — Telef. 282-286**

Atribuídos os prémios do certame de pintura «Motivos da Costa do Sol»

Mais de seis dezenas de trabalhos concorreram, este ano, ao certame internacional de pintura «Motivos da Costa do Sol». De entre todos foram seleccionados vinte e sete, por um juri constituído por Maria Fernanda Amado, em representação dos artistas concorrentes, professor Manuel Lima, pela Escola Superior de Belas-Artes, e professor Calvet de Magalhães, em nome da Estoril-Sol, entidade que, á semelhança dos anos anteriores, promoveu o certame. Todos estes trabalhos ficarão expostos no Casino Estoril, a partir do próximo dia 2, ás 19 horas, após uma cerimónia para entrega dos três prémios pecuniários instituídos pela Estoril-Sol, os quais foram atribuídos, pelo juri referido, aos seguintes quadros: «Cena de praia I», de Luís Gonçalves (1.º prémio — 10 mil escudos) «...de Cascais velha, saloia e branca», de Manuel Filipe (2.º prémio — 5 mil escudos); e «Cascais», de Álvaro Perdigão (3.º prémio — 2 mil escudos).

O 51.º aniversário dos Bombeiros de Vila Verde

VILA VERDE, 28 — A corporação de bombeiros voluntários desta vila vai comemorar, no próximo dia 15 de Dezembro o 51.º aniversário da sua fundação. O programa das celebrações é o seguinte:

Pelas 10 horas, missa solene na igreja matriz, celebrada pelo presidente da assembleia geral rev.º Gonçalves Diogo seguindo-se o hastear da bandeira e romagem aos tumulos dos dirigentes e bombeiros falecidos. As cerimónias terminam com um almoço no quartel respectivo, que, por certo, registará a presença das pessoas mais gradas da terra.

APROVADO O PLANO DE ACTIVIDADES DO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO DOURO PARA O PRÓXIMO ANO

SANTA CRUZ DO DOURO, 28 — Foram aprovados pelo Conselho Municipal o plano de actividades e as bases do orçamento da Câmara deste concelho para o ano de 1969. Documento extenso, mostra o desejo do Município de continuar a proporcionar ao povo toda a sorte de melhoramentos, sempre de harmonia com os modestos recursos de que dispõe.

Verifica-se, de há 12 anos, um acréscimo progressivo da receita e despesa. Aquela atingiu, em 1967, 3 222 996$30 e esta 3 040 639$90.

No ano que se avizinha a Câmara não recorrerá a qualquer empréstimo, pelo que se não verificarão obras de vulto, decorrendo, por isso, as actividades com mais singeleza, mas sem se verificarem, também, novos encargos. As contas ligadas á assistência a doentes pobres motivadas pelo seu internamento em hospitais e que remontavam a anos distantes, encontram-se liquidadas no que respeita áqueles estabelecimentos, mas mantém-se a dívida á Caixa Geral de Depósitos. Por tal razão, continuará a cobrança da derrama para tal fim estabelecida.

À Misericórdia local será atribuído o subsidio de 30 contos e aos postos clínicos seis contos. Será dispensada especial atenção aos serviços de electricidade de modo a incrementá-la, serão electrificadas as freguesias de S. João de Ovil, Loivos do Monte; dotadas de vários ramais as de Grilo e Mesquinhata; remodeladas as redes antigas. Em razão da albufeira de Carrapatelo determinar a submersão do aglomerado populacional da Pala, decorrem activamente, em Ribadouro, os trabalhos do levantamento do aldeamento para ali se acolher nas melhores condições a população em causa. Como os consumidores serão em numero elevado, ter-se-á de construir ali um posto de transformação da energia eléctrica.

Quanto aos caminhos, como na sua generalidade estão em estado deficiente, tornar-se-ia mister um dispêndio incomportável para o seu arranjo, pelo que se não descortina forma de os melhorar em toda a sua extensão. A III fase do Plano de Fomento permite dar sensível amplitude ás estradas camarárias programadas. Deste modo, será levada avante mais uma fase da estrada de Vilares a Godinho; ultimar-se-á a estrada de Teixeira a Teixeiró, a de Mirão sofrerá certos arranjos, sendo ainda consideradas as de Passos ao Barreiro, a da Mó e a de Sarnande. Por virtude da barragem de Carrapatelo, cuidar-se-á do acesso de várias vias que serão inutilizadas em Santa Marinha do Zêzere, Covelas Ancede e Santa Cruz do Douro, em colaboração com a Hidouro.

No que respeita ao serviço de águas, muito se tem feito neste capítulo, mas muito terreno há ainda a percorrer. Há que proceder a uma revisão cautelosa, considerando as necessidades de cada freguesia e de cada lugar.

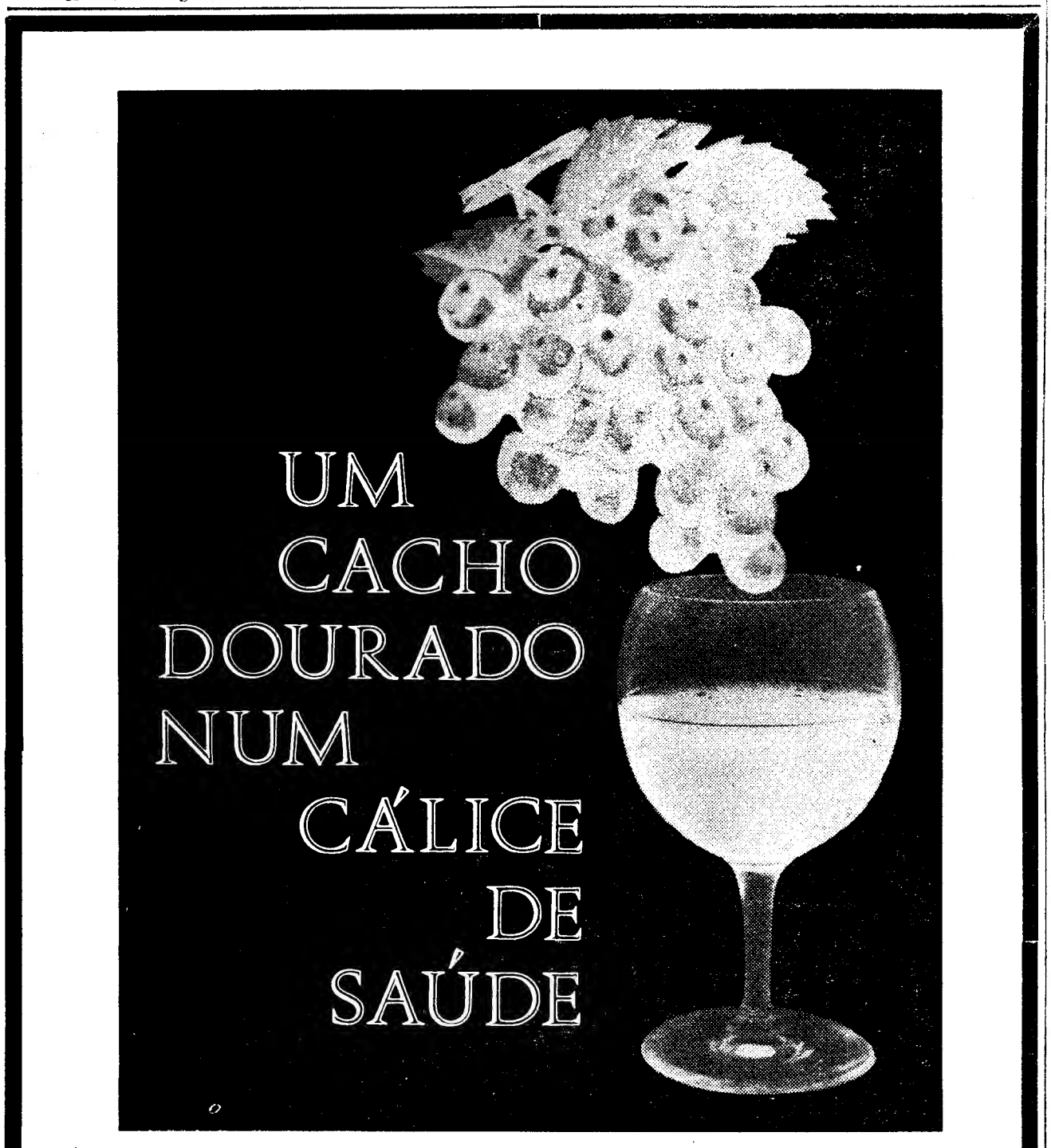
Para o abastecimento de águas a Teixeiró gastar-se-ão 976 000$ e a Várzea 295 265$.

Relativamente aos serviços de instrução, sendo vultosa a despesa com a renda de salas de aula e a comparticipação ao Estado pelas obras do Plano Centenário, vai iniciar-se a construção de edifícios escolares em Viariz, Loivos do Monte e em S. Tomé de Covelas, aguardando-se que o mesmo suceda quanto á da Pala, por virtude de a barragem de Carrapatelo exigir a sua transferência para outro local.

Sofreram grandes reparações as escolas de Quintela.

Em conclusão, despender-se-ão 3 128 000$00, assim discriminados: estrada de Barreiros a Passos, 552 000$00; para a Mó, 240 000$00; Vilares-Godinho, 2 336 000$00. Com a electrificação a despesa cifra-se no seguinte: freguesia de Loivos do Monte, 645 000$00; freguesia de Ovil, 619 000$00.

Continuará, pois, a Câmara a diligenciar o maior surto de melhoramentos possíveis para que cresça sucessivamente o nível de progresso do povo de Baião.



É já tradição de muitos oferecer VINHO DO PORTO, por ocasião do Natal, aos amigos no estrangeiro. Consolide as suas boas amizades através do enorme prestígio do Vinho do Porto engarrafado na origem. Os Exportadores do Vinho do Porto encarregam-se dessas entregas franco domicílio.

VINHO DO PORTO

A BEBIDA DAS PESSOAS DISTINTAS

FILARMÓNICA ILHAVENSE:

LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA

ILHAVO, 28 — Todos sabem da crise que aflige a grande maioria das colectividades musicais do País e o problema tem sido abordado por várias publicações periódicas e até mesmo pela Federação das Colectividades de Recreio. A Filarmónica Ilhavense não fugiu à regra e, de há muito, vive em situação verdadeiramente angustiosa.

Fundada em principios de 1836 pelos ilhavenses Conselheiro dr. António José da Rocha e José Ferreira da Cunha e Sousa, por virtude de divergência de ordem política entre Vista Alegre e Ilhavo, teve como primeiro regente José Vicente Soares que também foi chefe de bandas militares. Viveu horas de grande euforia, quando por ela passaram directores como o padre João Rodrigues Franco, Dinis Gomes, homem de grande bairrismo e cultura, Armando da Silva, artista e compositor de inspiração, Guilherminno Ramalheira, José Vidal e outros. Actualmente, a banda vive dum pequeno subsídio da Câmara e de alguns sócios «carolas» mas em grandes dificuldades financeiras. A actual direcção, à frente da qual se encontra o ilhavense José da Velha Ramalheira, resolveu organizar um sorteio para efeito da compra de um novo uniforme, e assim a banda saiu para a rua na venda dos bilhetes respectivos. Oxalá os ilhavenses acordem a tempo e correspondam ao apelo dos esforçados rapazes da filarmónica, que conta já 132 anos. Impõe-se não deixar desaparecer, como aconteceu com a vizinha Banda Vaguense, a mais antiga instituição de recreio da nossa terra.

Venda de Natal na Igreja das Mercês

Na igreja paroquial das Mercês, em frente ao Liceu de Passos Manuel, efectua-se a partir do dia 1 do próximo mês de Dezembro, uma venda de Natal, com fins beneficentes.

A venda será inaugurada no dia 1, às 11 horas da manhã. Ficará depois aberta ao público todos os dias das 16 às 20 horas, realizando-se numa das dependências da referida igreja. O produto reverterá para as obras da paróquia.

Precedendo a inauguração efectua-se, no dia 30 do corrente, pelas 22 horas, um concerto com música de Beethoven.

A entrada para a venda de caridade pode também efectuar-se pela sacristia da igreja, na Rua da Academia das Ciências.

VIDA SOCIAL

JOHAN EYSSEN

O sr. Johan Eyssen, que terminou as suas funções de adido de informação á Embaixada da África do Sul em Lisboa, teve a gentilizea de vir ao «Diário de Lisboa» apresentar cumprimentos de despedida e agradecer a colaboração prestada.

Em dia com A MODA

Confortável casaco de Bickler, em «twill» de lã, com boina a condizer
À DIREITA: É também de Bickler, em tweed irlandês, este «tailleur» para Inverno, com saia «evasée» e cinto de cabedal

Sim, estou muito satisfeita com a minha FACIT ELÉCTRICA

Todas as dactilógrafas gostam de escrever numa boa máquina. Naturalmente! Na FACIT ELÉCTRICA o trabalho de dactilografia passa a ser feito mais ràpidamente. A escrita é mais bonita e perfeita. As cópias saem mais legíveis. E o cansaço é menor.

A máquina de escrever FACIT ELÉCTRICA tem um toque ligeiro e fácil. O teclado baixo permite uma posição melhor para trabalhar. Tem também um "tabulador de memória" para os trabalhos mais usuais. Seis teclas de repetição contribuem para maior velocidade. E há ainda o Serviço FACIT.

PARA OS ESCRITÓRIOS DE TODO O MUNDO — FACIT ELÉCTRICA

Pegisconta

LISBOA – Av. Duque de Loulé, 72 – Tel. 560091 (8 linhas)
PORTO – Rua Clube Fenianos, 1 - 5 – Tel. 39382 (4 linhas)
COIMBRA – Rua Dr. Manuel Rodrigues, 16 - 2º – Tel. 26102
FARO – Rua Dr. Cândido Guerreiro, 27-A – Tel. 24347
LEIRIA – Av. Heróis de Angola, 125 - 1º Esq. – Tel. 23386

Pede-se a suspensão do defeso da pesca para fazer face à crise económica algarvia

OLHÃO, 28 — A grande maioria dos armadores e industriais das conservas está a dirigir os seus pedidos aos respectivos grémios, no sentido de, este ano, desaparecer ou retardar o período de defeso da pesca, dada a crise que se tem feito sentir na industria, por falta da principal matéria-prima, julgando-se ser essa a única forma de atenuar os efeitos da grave crise económica atravessada pelo Algarve.

A necessidade de uma doca para as pequenas embarcações

Desde há muito que se sente a falta de uma doca de abrigo neste importante centro conserveiro e piscatório, destinado aos marítimos menos abastados que têm nas suas pequenas embarcações a única forma de ganhar o pão, para si e para os seus.

Na grande maioria, chefes de numerosa prole, não têm rendimentos para se dar ao luxo de pagar a entrada ou o estacionamento, na actual doca de pesca, onde dificilmente, aliás, uma vez que as traineiras, os barcos de arrasto e outros de maior envergadura a enchem literalmente.

No sentido sudoeste, para lá do mercado do peixe, seria aí, o lugar ideal para a instalação de tal doca, pois é ali, que essas pequenas embarcações vem fundeando desde há muito, mas sem qualquer protecção dos ventos de sul ou sudoeste, pelo que, nos últimos temporais, umas se afundaram e outras ficaram completamente destruidas.

O Município pretende ali construir mais um jardim, o que consideramos desnecessário. Aconselhável é sim a construção da referida doca, onde cada pescador pudesse fundear sem qualquer encargo

A ÁRVORE DE NATAL DO S. JORGE

No dia 2 de Dezembro, ás 10 e 30, a esposa do Chefe do Estado, inaugurará a Arvore de Natal do Cinema São Jorge. Após a inauguração, será apresentada em antestreia, a comédia «Fitzwilly — «Escroque Elegante», com Dick van Dyke e Dauce Edith Evans.

LUSTRES
Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c. — Telef. 771639.
(Ao Campo Pequeno)

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

AUTO-INDUSTRIAL GM
ESTORIL — AVENIDA DE NICE, 4 — TEL. 26 33 96
LISBOA — AV. DUQUE DE LOULÉ, 93 — TEL. 56 25 51

salão VAUXHALL
AUTOMÓVEL POR DENTRO E POR FORA!
QUER CONHECER
"por dentro" os carros que admira "por fora"?
Visite o

salão VAUXHALL
Um esquema de segurança em movimento
O sensacional modelo Viva 1600 de 2 e 4 portas
Novo modelo Viva de 4 portas
A anatomia do Automóvel
O motor do GT em pormenor
e muitos outros pontos de interesse para quem GOSTA REALMENTE DE AUTOMÓVEIS

salão VAUXHALL 1969
GM MARK OF EXCELLENCE
O SALÃO VAUXHALL ESPERA POR SI NO HOTEL RITZ
Abertura - dia 30 de Novembro às 19 horas
Todos os dias, até 8 de Dezembro das 17 às 24 horas.
Sábados e Domingos das 15 às 24 horas.

342/341 AJ

Actualidade internacional

VÃO RECOMEÇAR AS CONVERSAÇÕES SINO-AMERICANAS

WASHINGTON, 28 — (F. P.) — Os Estados Unidos estão prestes a confirmar á China Popular que se encontram na disposição de reatar, em 20 de Fevereiro próximo, em Varsóvia, as conversações bilaterais, segundo se soube no departamento de Estado.

Por seu lado, o Governo de Pequim deu a conhecer na segunda-feira o seu desejo de reatar essas conversações, interrompidas desde o princípio do ano.

O informador do departamento de Estado, Robert McCloskey, desmentiu a alegação chinesa de que os Estados Unidos são os responsáveis pelo adiamento das conversações, que deviam recomeçar na capital polaca em 20 do corrente. «Esta data havia sido proposta por Washington, mas, na ausência de qualquer resposta por parte da China Popular, tínhamos concluído que os chineses não desejavam encetar novas conversações» — precisou o informador.

CONVITE À SUBLEVAÇÃO GERAL NO VIETNAM

SAIGÃO, 28 — (Por Derek Wilson da F. P.) — Tanto o Governo sul-vietnamiano como o Vietcong aceleram afanosamente os preparativos para a «guerra» política, que não deixará de eclodir logo que as conversações de paí começarem, de facto, em Paris.

Actualmente — todos os observadores concordam neste ponto — os comunistas do Vietnam do Sul estão bastante mais bem preparados para a luta política do que o Governo, que se lançou em tentativas frenéticas para desintegrar a infra-estrutura comunisa no país e desenvolver a campanha de guerra psicológica.

Só em Saigão, nas duas ultimas semanas, foram presos 136 quadros «vietcongs»: este numero é bem revelador dos esforços envidados de parte a parte Com efeito, até a um passado recente, todos aqueles dirigentes trabalhavam na clandestinidade, enquanto hoje, á medida que se aproxima a hora do desenlace, aparecem á luz do dia. Panfletos convidam para uma sublevação geral, para derrubar o Governo de Saigão e substituí-lo por outro, que represente as «verdadeiras aspirações do povo. A emissora da F. N. L. a «rádio-libertação», repete o convite diáriamente.

Já existe uma «comissão de libertação nacional» «vietcong». O facto é admitido oficialmente, no 4.º bairro da capital sul-vietnamiana, vizinho das docas e dos cais. Ontem á noite, ainda, o presidente Thieu, com aspecto severo e cansado fez um apelo pela Rádio-TV, afirmando que só podia «proteger» o Vietnam do Sul tendo o apoio do povo e do Exército.

DISCUSSÃO DO PEDIDO DA F. N. L.

SAIGÃO, 28 — (R.) — O presidente do Vietnam do Sul, Nguyen Van Thieu, reuniu hoje o Conselho Nacional de Segurança para discutir a proposta da Frente Nacional de Libertação para a realização de uma reunião preparatória quadripartida antes do início da nova série de conversações em Paris.

O Conselho Nacional de Segurança inclui o vice-presidente, Nguyen Cao Ky, nomeado ontem conselheiro prineipal e elemento de ligação do presidente Thieu nas conversações de Paris.

Um funcionário superior do Governo disse que na reunião de hoje se discutiu o pedido da F. L. N. e fizeram-se também os preparativos finais para o envio de uma delegação do Vietnam do Sul a Paris.

ATAQUES DO VIETCONG

SAIGÃO, 28 — (F. P.) — Um informador governamental assinalou que os «vietcongs» atacaram, durante a noite, dois acampamentos de forças regionais e bombardearam outros dois.

Trata-se de posições perto da fronteira com o Cambodja, ao longo da qual estão concentradas três divisões, pelo menos, de «vietcongs» e norte-vietnamianos. Entre estas e as forças pe os helicópteros armados têm-se travado combates por vezes sangrentos. Outro sector activo foi mais uma vez o da província de Quang Nam, em volta de Da-Nang, onde são notados diáriamente movimentos do inimigo, que a artilharia americana bombardea assim que são localizados.

Entretanto os «B-52» continuam os seus «raids», tendo lançado nesta mesma província de Quang Nam mais de 600 toneladas de bombas.

A INGLATERRA RATIFICOU O TRATADO DE NÃO-PROLIFERAÇÃO NUCLEAR

WASHINGTON, 28 — (R.) — A Grã-Bretanha entregou os instrumentos de ratificação do tratado de não-proliferação nuclear numa cerimónia que se realizou ontem nesta capital, tornando-se, assim, a primeira potência nuclear a ratificar o pacto.

O encarregado de Negócios britânico em Washington, Edward E. Tomkins, entregou os instrumentos a William Foster, director da agência de desarmamentos e de fiscalização de armas dos Estados Unidos.

A cerimónia realizou-se no meio de notícias de que o Governo de Johnson estava a sondar senadores com vista a realizar uma sessão especial em Dezembro para que os Estados Unidos pudessem ratificar o tratado.

Contudo, uma comunicação feita a noite passada pelo informador para a Imprensa de Richard Nixou, reiterava a opinião do presidente eleito de que o tratado não devia ser ratificado presentemente por causa da invasão da Checoslováquia pelas forças do Pacto de Varsóvia

Fontes bem informadas do Senado disseram que era improvável que o presidente Johnson conseguisse o apoio necessário se Nixon não perfilhasse a ideia.

A Irlanda e a Nigéria ratificaram também o tratado entre o Leste e o Oeste destinado a suspender a proliferação de armas nucleares.

O pacto foi assinada em 1 de Julho deste ano pelos três patrocinadores, a Grã-Bretanha, Estados Unidos e e União Soviética, e, desde então, muitos outros países firmaram também o documento. Contudo, o tratado não entra em vigor senão depois dos três patrocinadores e de 40 outros países o terem ratificado.

Espera-se que a União Soviética aguarde até estar assegurada a ratificação americana.

O tratado, aprovado pela O. N. U. em Julho ultimo, estabelece que potências nucleares não auxiliem outras nações a conseguir armas atómicas e que Estados não nucleares não aceitem ou fabriquem essas armas.

Nguyen Thanh Lhe, o informador da delegação de Hanói ás conversações de Paris, durante a ultima conferência de Imprensa dada na capital francesa.

O interesse da França

Uma das consequências mais interessantes da recente crise político-financeira por que passaram as principais potências do Ocidente foi a aproximação entre a França (principal vítima da crise) e os Estados Unidos.

As relações entre os dois países experimentavam há muito certas dificuldades. Este esfriamento deveu-se, inicialmente, a razões de carácter financeiro e, mais tarde, a divergências originadas pelo ponto de vista francês acerca da política norte-americana no Sueste Asiático. Ao diferendo franco-americano também não foi estranha a atitude adoptada por de Gaulle a respeito da maneira como deviam processar-se as relações com o Leste. A tentativa do presidente da França de seguir, relativamente á U. R. S. S. e ás democracias populares da Europa, uma política ditada exclusivamente por interesses nacionais, nunca foi do agrado de Washington. A crise atingiu o auge quando de Gaulle decidiu abandonar a N. A. T. O. Esta decisão, que vibrou um golpe importante naquele organismo militar, causou uma situação de pesado mal-estar entre Paris e Washington, a qual parecia muito difícil de superar.

Mas, apesar do manancial de recursos de que dispõem os políticos modernos para tomarem decisões que concretizem eficazmente as suas orientações, também eles são, por vezes, surpreendidos pelos acontecimeiitos. A crise de Maio constituiu, sem duvida, um desses acontecimentos. Ao pôr em causa os dados fundamentais em que assenta a politica tradicional em França, não pôde deixar de produzir repercussões profundas tanto internas como externas.

Debilitada económicamente, a França pôs em prática toda uma série de medidas para restabelecer o equilíbrio. Porém, a especulação que se gerou á volta do franco foi de tal modo intensa que obrigou o país a apelar para o auxílio estrangeiro.

A acção desencadeada para fazer face á crise monetária francesa pôs em relevo o carácter mítico do gaullismo, na medida em que salientou a necessidade da interdependência entre as nações do Ocidente. A Alemanha Ocidental, os E. U. A., a Grã-Bretanha, a Itália, o Japão e os restantes componentes do Grupo dos Dez corresponderam ao apelo da França, dispensando-lhe créditos no valor de 2000 milhões de dólares.

A mensagem de apoio enviada por Johnson ao presidente da França (após este se ter recusado a desvalorizar o franco) traduz, sem duvida, aquela interdependência, a cujo reconhecimento de Gaulle não se furtou na resposta que enviou ao presidente dos Estados Unidos.

A reconciliação franco-americana pode, assim, significar a alteração do conceito do general de Gaulle acerca do que é o interesse da França. — P. C.

Aumento de seis por cento do custo de vida em França

(Continuação da 1.ª página)

munistas, e a radical C.D.E.T. manifestaram ontem séria preocupação acerca das medidas, que se espera aumentem os preços em mais dois por cento no próximo ano.

UNICO ENTRAVE

O unico entrave provinha do militante sindicato comunista dos ferroviários, que exigiu ontem um aumento de 50 francos por mês e acção industrial contra qualquer ameaça aos seus salários, conseguidos durante a solução da crise da Primavera.

O aumento dos impostos, nos termos do plano económico do Governo, farão subir ospreços numa média de um por cento para os géneros alimentícios e seis por cento para os automóveis, segundo se calcula.

Espera-se agora que o aumento total do custo de vida em 1969 seja de cerca de seis por cento.

A DONA DE CASA É DURAMENTE ATINGIDA

A dona de casa é a mais duramente atingida pelas medidas, visto que o preço das suas compras aumentará em cerca de três por cento, em consequência dos artigos de mercearia importados.

Terá, também, de arranjar mais dinheiro para ir ao cabeleireiro — um serviço abrangido pelos impostos — e ao cinema.

Os mais onerosos aumentos de impostos — até seis por cento — recairão nos automóveis importados e artigos de luxo, como vinhos escolhidos, «brandy», «whisky» e cigarros estrangeiros.

Contudo, embora o Governo adopte uma atitude dura no regateio sobre salários, não haverá congelamento ou fixação de salários do tipo introduzidó nos programas de austeridade britanicos.

A despeito das reduções em vasta escala do orçamento, o programa de austeridade da França parece relativamente benevolente em comparação com planos semelhantes britanicos.

Do ponto de vista do publico francês, o programa tem, também, o mérito de ser o primeiro do seu género.

Greve de estudantes em Toulouse

TOULOUSE, 28 — (F. P.) — Aproximadamente uma centena dos 140 alunos da escola de magistério primário de Toulose iniciaram na passada terça-feira uma greve da fome. O movimento foi decidido em votação secreta após uma assembleia geral dos alunos de formação profissional e das classes terminais. Os manifestantes pedem modificações materiais e morais e ainda o reconhecimento da sua responsabilidade.

O conselho de administração, encarregado de elaborar, segundo a lei de orientação, o regulamento interno do estabelecimento, vai reunir-se para estudar estas reivindicações.

Entretanto os alunos mostram-se hostis á maneira como o referido conselho é constituído: seis professores, eis alunos, quatro membros da Administração e dois representantes dos pais dos alunos.

JOVEM MEXICANO MORTO

México, 28 — (F. P.) — Morreu um estudante e ficaram feridos uns vinte numa desordem ocorrida ontem. O jovem foi atingido com uma bala na cabeça, durante uma refrega entre estudantes partidários e adversários do regresso ás aulas. Foram feitas três prisões.

Com este, eleva-se a três o número de estudantes mortos nas ultimas semanas. Os outros dois pereceram em recontros com a Polícia.

INSTALAÇÕES UNIVERSITÁRIAS OCUPADAS EM BIRMINGHAM

LONDRES 28 — (F. P.) — Mais de 200 estudantes da Universidade de Birmingham ocuparam a noite passada as instalações deste estabelecimento, em manifestação de apoio ao seu pedido de participação na administração da universidade, pretensão essa rejeitada até agora pelas autoridades académicas.

FIM DE UM MOVIMENTO EM OTAVA

OTAVA, 28 — F. P. — Os estudantes de Ciências Sociais da Universidade de Otava puseram ontem á noite termo ao seu movimento de protesto depois de terem ocupado durante oito dias as instalações da faculdade. Foram aceites por grande maioria as propostas das autoridades universitárias no sentido de os estudantes passarem a estar representados, na percentagem de um terço, nos conselhos da faculdade.

O pedido inicial dos estudantes incidia numa representação de 50 por cento.

MENSAGEM DE COSTA E SILVA A PAULO VI

RIO DE JANEIRO, 28 — (R.) — O presidente Artur da Costa e Silva enviou, a noite passada, ao Papa Pulo VI um mensagem de paz e fraternidade para todas as nações, assinalndo o 20.º aniversário do dia nacional de acção de graças no Brasil, que se comemora hoje.

«Ao agardecer... ao santo nome de Deus, supremo governante de todos os povos, dirigimos a todas as nações a nossa mensagem de paz e fraternidade», dizia o telegrama.

Na mesma mensagem, o presidente Costa e Silva manifestou a Sua Santidade o «afecto filial e o respeito» do povo e do Governo do Brasil.

Em OLIVAIS SUL o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo nosso agente ANTÓNIO F. VALENTE.

Manifestação na Jugoslávia contra o presidente Tito

BELGRADO, 28 — (A. N. I.) — Centenas de pessoas, gritando protestos contra o Governo do presidente Tito, desfilaram ontem pelas ruas da cidade jugoslava de Pristina, quebrando montras, voltando automóveis e camiões e infligindo prejuízos á comunidade social e aos cidadãos» — anuncia a «Tanjug». Várias pessoas ficaram feridas.

A «Tanjug» noticia que, também ontem, se registaram manifestações antigovernamentais na provincia meridional de Kosovo-Metohija, cuja população é predominantemente de origem albana.

A agência comenta que as manifestações simultâneas parecem ter sido organizadas de acordo com um plano e que «o seu carácter e os seus objectivos foram claramente hostis».

DECLARAÇÃO DE TITO

BELGRADO, 28 — (R.) — O presidente Tito afirmou, nesta capital, que não havia qualquer perigo para a segurança da Jugoslávia desde que «exista unidade do povo e uma vontade unida de defender o que conseguimos».

Tito discursava numa recepção de gala no palácio do Governo em Belgrado, que se realizou, a noite passada, comemorando o 25.º aniversário da segunda sessão do Avnoj, o primeiro Parlamento jugoslavo em tempo de guerra, que decidiu em 1943 tornar a Jugoslávia numa republica.

O presidente acrescentou que a Jugoslávia desejava fomentar cooperação amigável com todos os países nos campos económico, cultural e outros, «numa palavra, ter e promover relações baseadas nos princípios de coexistência».

As comemorações do aniversário iniciam-se verdadeiramente amanhã, em Jajce, uma pequena e pitoresca cidade no centro da Bósnia, onde a sessão de 1943 do Avnoj se efectuou num baluarte dos patriotas no unico território libertado da Europa, ocupada pelos nazis.

RODEADO DE MISTÉRIO O REGRESSO DE JÂNIO

SÃO PAULO, 28 — (R.) — O mistério rodeava, a noite passada, os movimentos do antigo presidente Jânio Quadros quando o estadista terminou quatro meses de desterro oficial na cidade de Corumba, na fronteira boliviana.

Fontes afectas ao ex-presidente disseram que Jânio Quadros chegara já a esta cidade, após uma viagem de Corumba num avião particular. Recusara um avião da Força Aérea brasileira posto á sua disposição.

Contudo, noticias da Rádio diziam, a noite passada, que o antigo presidente se encontrava ainda em Corumba, esperando-se que parta hoje daquela cidade.

Antes, o «Jornal do Brasil» citara Quadros, que se afirmou sofrer de perturbações cardíacas, como declarando que planeava permanecer no seu hotel em Corumba por mais alguns dias devido a sentir-se doente.

Quadros vive em Santos, o porto de São Paulo.

O antigo presidente, que renunciou dramàticamente ao seu mandato em Agosto de 1961, após ter ocupado o seu cargo apenas por sete meses, foi exilado em Julho passado por desencadear ataques políticos contra o regime revolucionário, quando tinha perdido os seus direitos políticos.

Fontes afectas ao Ministério da Justiça disseram a noite passada que, se Jânio Quadros continuasse com actividades politicas após o seu desterro, estaria sujeito a novo castigo.

Criminalidade na Grã-Bretanha: aumento de 82 por cento nos últimos dez anos

O crime e a violência aumentam na Inglaterra. Nos últimos dez anos verificou-se uma subida de 82 por cento. Apesar dos dois milhões de contos gastos anualmente pelo Governo britânico na luta contra a criminalidade, os resultados são desalentadores: para cada cem delinquentes que em 1938 escaparam à justiça, actualmente 500 ficam impunes. Isto não significa, no entanto, como à primeira vista poderia parecer, que as cadeias inglesas estejam a esvaziar-se. Não. O ano transacto, a população penal registou um acréscimo de dois mil reclusos.

Enquanto a cifra de mulheres encarceradas permanece quase invariável—959 em 1966 e 953 em 1967 — no que diz respeito aos homens ela subiu de 32 127 em 1966, para 34 056 no corrente ano.

«A culpa deve atribuir-se à mudança da filosofia penal», que se converteu de punitiva em reformadora, segundo um relatório dos criminologistas de Cambridge, de acordo com o qual, o ano passado, foram enviados à prisão 50 homens e uma mulher acusados de assassínio O homicídio aumentou 20 por cento nos últimos dez anos.

Os restantes ataques físicos à pessoa humana aumentam com um ritmo muito mais espectacular: 82 por cento.

Em meados de 1967 este género de «ofensas» tinham conduzido aos cárceres 2099 homens. A crueldade com as crianças é um delito vulgar na Grã-Bretanha: 23 mulheres e 20 homens foram encarcerados por esse motivo o ano passado.

Delinquência juvenil é um dos capítulos mais significativos do relatório dos criminólogos de Cambridge. «Nos últimos quinze anos — declaram — o índice de criminalidade entre os jovens dos 14 aos 25 anos subiu em 176 por cento. O aumento, todavia, é muito maior (270 por cento) quando se reduz este índice ao período que vai dos 17 aos 21 anos».

E o relatório, em questão, termina com uma séria advertência: «Ao longo da sua vida, cada homem tem 32 por cento de probabilidades de vir a ser um criminoso e a mulher oito por cento. «Por outras palavras — acrescentam os criminologistas — isto significa para a Inglaterra que um em cada três homens e uma em cada doze mulheres serão arguidos de delitos se continuam os actuais índices de criminalidade, treze vezes mais elevados do que no início do século».

H. C.

OITO MILHÕES DE CONTOS — «DÉFICIT» ORÇAMENTAL DO VIETNAM DO SUL

Perante uma penuria de mão-de-obra, uma inflacção que se agrava de dia para dia e uma necessidade crescente de reconstrução, o Governo do Vietnam do Sul luta, actualmente, para travar a desvalorização da piastra (moeda nacional). Na Primavera passada, registava-se um *déficit* de cerca de 12 biliões de piastras num «budget» total de 95 biliões. A seguir aos ataques do Vietcong no começo deste ano e da mobilização total dos recursos humanos do país nas forças armadas, o *déficit* orçamental de 1968 subirá a 30 biliões de piastras (cerca de o to milhões de contos).

A fim de fazer face ás novas despesas, o Governo lançou sobre os artigos de luxo, como cigarros e cerveja, um imposto de 20 por cento, designado Taxa de Reconstrução e Auxílio. Correm rumores de que o Governo se vê obrigado a desvalorizar a piastra cujo cambio é de 118 piastras por um dólar americano. O Banco nacional do Vietnam revelou existir uma circulação monetária de 116,4 biliões de piastras, no corrente ano contra 82 biliões o ano passado e 47,5 em 1965.

Por outro lado, o Governo foi forçado a empreender trabalhos de reparação e de desenvolvimento das fábricas danificadas durante os bombardeamentos dos «vietcongs». Um bilião de piastras foi investido no auxílio a diversas firmas industriais, tendo os Estados Unidos contribuído com dez milhões de dólares para a aquisição do equipamento.

A produção do arroz sofre também dos efeitos da guerra. Nos dois ultimos anos, o Vietnam importou 1 200 000 toneladas de arroz, depois de ter sido um dos maiores exportadores da Ásia. De acordo com as previsões dos especialistas, serão necessários três anos de esforço intensivo para que o Vietnam possa produzir a mesma quantidade que anteriormente.

A acrescentar a tudo isto, está a falta de técnicos, cuja solução se agrava devido á obrigatoriedade do serviço militar de todos os indivíduos do sexo masculino com idade compreendida entre os 19 e os 38 anos. O facto, que constitui um milhão de homens, em pé de guerra, para uma população de 16 milhões, fará periclitar a estabilidade financeira do Vietnam durante os próximos anos

Poderá haver «empate» entre russos e americanos na conquista da Lua

CENTRO ESPACIAL DE HOUSTON (Texas), 27 — (A. N. I.) — Os Estados Unidos e a União Soviética estão em franca competição para o envio de astronautas á Lua mas sòmente do ponto de vista histórico interessa chegar lá primeiro — afirmou em Houston o dr. George Mueller, administrador adjunto de voos tripulados da N. A. S. A.

«O facto terá maior importancia noutro aspecto: os dois países mostrarão, quando os seus astronautas lá chegarem, que têm capacidade para longas viagens espaciais de cerca de quatrocentos mil quilómetros» — acrescentou o dr. George Mueller.

Alguns funcionários da N. A. S. A. ainda duvidam da possibilidade de os russos poderem chegar primeiro á Lua — o que seria um rude golpe para os norte-americanos — mas surgiram noticias de Moscovo de que a U.R.S.S. poderá colocar em órbita, á volta da Lua, dois ou três astronautas antes da data marcada pelos norte-americanos para a sua tentativa, que é 21 de Dezembro.

Caso nos lançamentos se aproveitem simultaneamente as condições óptimas de Dezembro para o efeito, poderá verificar-se o «empate» e não haverá primeiro nem segundo. A melhor altura para um lançamento de Cape Kennedy é realmente de 20 a 27 de Dezembro.

A maioria dos observadores acredita que os russos, se forem á Lua, darão a volta á face oculta e regressarão, sem se aproximarem a menos de 400 quilómetros da superfície lunar.

Os norte-americanos projectam chegar a 111 quilómetros da Lua, passando a véspera de Natal a circundar aquele planeta, num voo de treino de navegação para a eventual descida no satélite natural da Terra no próximo Verão.

Em resumo, a opinião dos técnicos norte-americanos é de que os russos irão á Lua, talvez mesmo antes, «para não ficarem atrás», mas nunca chegarão á distância tão curta da superfície lunar como os norte-americanos, nem farão uma viagem de pré-descida tão completa e arrojada.

Sinais de violência nos acampamentos da expedição ao Amazonas

RIO DE JANEIRO, 28 — (R.) — Aumentaram os receios acerca da sorte de uma expedição de 15 homens que procurava pacificar índios selvagens da selva do Amazonas, a seguir á anunciada descoberta de equipamento e de sinais de violência nos dois acampamentos da expedição.

Segundo uma comunicação enviada de um helicóptero da Força Aérea brasileira que, ontem, aterrou numa clareira, foi efectuada uma busca que levou á descoberta de equipamento, incluindo um emblema usado pelos membros da expedição, e de três chapéus velhos, um dos quais estava cortado por um golpe de machado.

O presidente da Fundação Nacional dos Índios, José de Queirós Campos, declarou á agência noticiosa governamental que não foram encontrados cadáveres.

Um repórter do jornal da tarde «O Globo» revelou que as brigadas de socorro estavam a ser guiadas por um jovem sobrevivente, Álvaro Paulo da Silva, que chegou exausto, na segunda-feira, á cidade de Manaus.

A expedição, chefiada pelo padre João Calleri, partira de Roraima, em meados de Outubro, com o fim de entrar em contacto e pacificar os índios atraoris, de forma a que uma auto-estrada pudesse ser construída através do seu território.

PROPOSTA DE ISRAEL RECUSADA PELO EGIPTO

JERUSALÉM, 8 — (F. P.) — O Governo israelita fez saber ao do Egipto que está pronto a delimitar fronteiras reconhecidas e garantidas para o estabelecimento de uma paz duradoura e consentida por todos — revelou ontem Abba Eban, ministro dos Negócios Estrangeiros israelita, perante o Parlamento. Em resposta a perguntas dos deputados, Eban precisou: «Se for instaurada a paz, a linha de cessar-fogo será substituída por fronteiras permanentes, reconhecidas e garantidas, e o estabelecimento das tropas far-se-á segundo o tratado de paz». O ministro esclareceu que enviou a Mahmud Riad, ministro dos Negócios Estrangeiros egípcio, um memorando sobre a posição de Israel quanto a uma solução do diferendo, memorando que foi transmitido por Gunnar Jarring, enviado especial de Thant.

O Governo egípcio «ignorou totalmente» esta diligência e contentou-se em condenar a «pretensa agressão israelita» e a insistir no regresso á situação existente antes da guerra de Junho, revelou Eban.

Na entrevista que este terá na próxima semana com Jarring o ministro israelita discutirá as implicações desta recusa. A definição oficial da posição egípcia é condição essencial para se chegar a um acordo, concluiu Eban.

PRISÃO DE SABOTADORES

TEL-AVIV, 28 — (F. P.) — As forças de segurança capturaram um grupo de 17 sabotadores árabes, na segunda e terça-feira, após demoradas buscas, apreendendo quantidades importantes de explosivos e minas. Dois chefes de sabotadores figuram no referido grupo, que praticou atentados a postos de Polícia de Hebron em 17 de Agosto e 9 do corrente e fez explodir bombas, também em Hebron, em 4 do corrente, próximo do tumulo dos patriarcas, e em 4 de Outubro, junto á sucursal de um banco israelita.

FOGO POSTO

NOVA YORK, 28 — (F. P.) — Por três vezes em três dias foram ateados criminosamente incêndios em sinagogas de Nova York. Nos ultimos três meses outras dez sinagogas foram alvo de atentados semelhantes ou de factos de vandalismo. Em consequência, o presidente da vereação da cidade ordenou que a Polícia e bombeiros velem especialmente pela segu-

Em OLIVAIS SUL o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo nosso agente ANTÓNIO F. VALENTE.

O «voo espacial» salvou a vida do cozinheiro

SAN JOSÉ (Califórnia), 28 — (R.) — Um voo espacial simulado salvou a vida de um homem alvejado a tiro na cabeça, durante um assalto a um restaurante — segundo revelaram médicos a noite passada.

Os médicos amarraram o ferido, Joseph Barrios, um cozinheiro de 63 anos, a uma cápsula centrífuga no centro da agência americana do espaço, nas proximidades, e sujeitaram-no ao género das forças de pressão que um astronauta experimenta durante o lançamento e a reentrada na atmosfera terrestre.

A experiência, unica do seu tipo, efectuada a semana passada, para mudar a bala de uma parte crítica do cérebro para uma zona segura, obtivera, segundo se anunciou inicialmente, apenas êxito parcial.

Contudo, os médicos revelaram, ontem á noite, que a «viagem espacial» projectara eventualmente a bala para dentro de tecido cerebral macio, onde permanecerá provàvelmente inofensiva durante o resto da vida de Barrios.

Uma operação para extrair a bala não é considerada necessária.

Uong Dinh Thao, informador da Frente Nacional de Libertação (secção política do Vietcong), na conferência de Imprensa ontem dada em Paris, durante a qual afirmou que a F. N. L. concordava em vir á capital francesa tomar parte nas negociações de paz no Vietnam.

AINDA COM DIREITO À VIDA...

OS QUIOSQUES DE LISBOA MORREM LENTAMENTE

Quiosque: eis aqui uma estranha palavra que participa da linguagem quotidiana do lisboeta. Percorreu um longo caminho antes de chegar até nós. Veio da Turquia, de kiosk que significa pavilhão.

É ainda o seu aspecto de pavilhão toscamente oriental que põe uma nota insólita em algumas praças e jardins de Lisboa. Hoje o número de quiosques pouco sobe além de uma vintena. São os últimos abencerragens de uma actividade que a vida moderna pràticamente anulou. Antigamente, pululavam, em Lisboa e noutras cidades. Diz-nos Ramalho Ortigão: «A cada esquina, em pitorescos quiosques envernizados, vendia-se, ao copo, leite quente e perfumado...»

Hoje, os quiosques arrastam uma longa agonia. Porquê?

— *Porque é que «isto» está a morrer?* — perguntou-nos, por sua vez, o arrendatário do Quiosque do Cais do Sodré, aliás um dos mais frequentados da zona ribeirinha, enquanto passava o esfregão húmido pelo mármore depois de servir «um dois tinto». E apontava-nos para o monte de moedas que crescia a um cantinho resguardado. — *É como vê: negócio de moedas pretas. E em negócio de moedas pretas quem é que se mete na mira de enriquecer?*

«Negócio de moedas pretas»: a definição está perfeita. Ao longo das horas de um dia que, em geral, abre às seis da manhã e encerra às dez da noite, os tostões pingam molemente. O máximo volume que o repórter viu aviar foram dois litros de palhete para o almoço de fragateiros a descarregar ali perto. Fora isso, aí vai uma ginjinha (*«a nossa é uma especialidade»*... diz-se em quase todos os quiosques), um «abafado», um «bagaço», um «branco» ou um «tinto». De quando em quando, uma cerveja, um maço de cigarros, com mais frequência, uma caixa de fósforos.

Por essa razão, porque negócio de moeda preta é mau negócio, os quiosques apresentam um aspecto exterior de grande pobreza, alguns mesmo, esmurrados pela chuva e pelo vento, queimados pelo sol, com ignorância total da memória sobre a última demão de tinta que lhe deram.

— *Isto só pode manter-se por carolice* — diz-nos o sr. Correia, proprietário do Quiosque de Santos. — *Comprei-o há 40 anos por 17 contos, e nunca me deu garantias de vida. Naquele tempo, porque havia muitos, agora porque, pràticamente, já não são necessários. Funcionário de uma refinaria era, funcionário sou e é disso que vivo eu e a minha família. É a minha senhora quem toma conta do quiosque, uma parte do dia. Na outra parte, mete-se uma empregada. E já nos damos por muito felizes quando a coisa dá para pagar à empregada. Hoje em dia vendemos quase ùnicamente tabaco.*

Claro que, como em tudo, há horas vivas e horas mortas para o negócio.

— *Aqui* — dizem-nos no minúsculo quiosque situado junto a uma passagem de nível na Avenida 24 de Julho — *vende-se um pouco mais por volta das seis da manhã, aí os marítimos, os trabalhadores do cais, os do porto de Lisboa.*

— *Só bebidas?*

— *Também umas sanduíches.*

Espreitamos. Na prateleira, sobre um papel de jornal onde se relata odisseia do barco estrangeiro encalhado a 40 m da costa, há um bloco negro de torresmo para fazer as tão apreciadas sanduíches. Entretanto, um trabalhador, ainda de enxada ao ombro, bebe um «dois tinto». Bebe-o ràpidamente, vai à sua vida.

— *Param aqui muitos estrangeiros?*

— *Sim, quando há barcos. Perguntam coisas, dizem coisas que eu não entendo. Querem comprar cartas, postais, jornais, malas, sei lá. Percebo é pelos sinais. Mas é claro. Só vendo é bebidas.*

— *Eles aproveitam?*

— *Ai, nã! Umas cervejas, mas principalmente vinho. São uns doidos, é uns a seguir aos outros...*

Dificuldades? Não adianta palavra. Complicações? Não entende. «Que tal vai o negócio?», não responde. Não é dono. É empregado. Galego. Tímido. «Quem xabe lá xe extes gadjos son da fixcalizaxon?».

Maior movimento, tem o quiosque da Ribeira. A sua especialidade é o vinho abafado. Fregueses bebem, fazem um aceno, vão-se embora. São fregueses certos. Pagam. Às vezes tarde, mas pagam.

— *Temos uma vida muito difícil, ninguém imagina. As despesas para manter isto são todos os meses certas: para cima de mil e trezentos escudos. Suponha só o que é preciso vender para fazer aquilo e mais alguma coisa pra se viver!*

Pois é. Antigamente havia muitos. Agora, vão-se transformando em raridades.

— *Vou-lhe dizer porquê* — explica o sr Pereira, do quisque de Santa Apolónia. — *O comércio dos estabelecimentos aumentou, por um lado, e por outro lado os quiosques mal ganham para a «bucha». Há ainda a Câmara que não passa mais licenças. Os que estão, estão... Por mim, não sou dos que têm mais razões de queixa. Nunca estou parado. Um copo, um maço de cigarros, uma caixa de fósforos. A Alfandega e a Casa do Conto cai-me tudo aqui.*

O quiosque de Santa Apolónia não é dos mais desprotegidos, mas o seu aspecto não garante a boa situação na vida. O tecido do alpendre tem rasgões, apresenta uma cor indefinida, mascarado pelo fumo, pela queima de essências, pela poeira.

Espectáculo quase geral. Despinhados, desprezados, os quiosques são, em estabelecimentos comerciais os burricos mal amanhados, amarrados á argola nas praças e nos jardins. É pena. Os pavilhões com sua amável sugestão oriental poderiam ser um atractivo, um chamariz, uma nota de vida — essa gota de poesia que se destila das velhas e inuteis candeias.

Só que esta não seria inutil. Ainda teria uma missão a cumprir, para além da função decorativa «para inglês ver». Nos jardins, nas esplanadas, nas perspectivas dos campos grandes, etc., aí onde existe quanta vez a fome de uma revista, de um livro, de um refresco, o quiosque tem uma razão de ser. Hoje, que tanto se fala em turismo, a presença orientalista do *Kiosk*, nesta Lisboa de tantos séculos, seria uma nota mais de insólito, de novidade, que tanto admiram (e procuram) os estrangeiros.

Não nos parece pois, acertada a tendência camarária para deixar morrer os quiosques alfacinhas, para os sufocar com impostos e encargos. É uma injustiça. Deixem viver os pequenos, migalhas também é pão. Os quiosques, bem tratados e conservados, darão nova dimensões á paisagem lisboeta, pagarão com altos juros as tintas novas de que se possam vestir.

Que ao menos o negócio de moeda preta tenha uma vida menos negra...

Breve intervalo na fadiga para beber um copo. O quiosque está ali mesmo á mão...

Cooperativa «Palco» — para divulgar o Teatro e sua problemática

Amanhã, às 17 e 30, os corpos gerentes da Cooperativa «Palco» receberão, no Centro Nacional de Cultura, os representantes dos órgãos de informação, aos quais exporão os objectivos da sua organização, cuja actividade agora começa. Estarão presentes, entre outros, David Mourão Ferreira, José Palla e Carmo, Alexandre Babo, Jacinto Ramos, Costa Ferreira e Fernanda França.

A Cooperativa «Palco» propõe-se divulgar o Teatro e a problemática dele decorrente, através de espectáculos, conferências, colóquios, exposições, etc.

A sede central da Universidade é inaugurada a

A sede central da Universidade Católica Portuguesa, situada a poente da Cidade Universitária de Lisboa, onde funciona já a Faculdade de Teologia, é inaugurada amanhã, pelas 17 e 30, para coincidir com o octogésimo aniversário do cardeal-patriarca de Lisboa, que presidirá á cerimónia. O acto inaugural inclui a bênção do edifício, a assinatura do auto de provisão dos primeiros cargos da Universidade e da Faculdade de Teologia e, por ultimo a sessão solene de abertu... démico...

Na s... dores... sidade... (S. J.)... Cavale... tico d... de Lis...

A c... segund... ferênc... dida,... -reitor... versid... ser, ig... nagem... çalves... da co... a Univ... tugues... como... anos...

A U... conta... funcio... ga, a... e outr... de d... que, e... lnicar... os est... Faculd... ciais e...

O p... Católi... o vice...

«MOTOR»: CINCO ANOS DE ÊXITO CRESCENTE

Perfez agora cinco anos de publicação regular o semanário «Motor», cuja personalidade é, já hoje, absolutamente ímpar no panorama da Imprensa automobilística portuguesa. Cinco anos de contínuo aperfeiçoamento, de permanente atenção aos casos e fenómenos do automóvel: nacionais ou estrangeiros, desportivos ou não. As saudações vão para o seu director, sr. dr. A. Ruella Ramos, e englobam todos os colaboradores.

Assinalando a entrada neste sexto ano de vida, «Motor» lançou hoje mesmo um numero volumoso (262.º da série), com correspondências especiais de Londres (Maratona Londres-Sidney), Bruxelas e Macau (XV Grande Prémio), e bem assim um amplo noticiário nacional e extra-fronteiras. Avelãs Coelho «conta» o XV «Rallye» Nocturno; Baptista dos Santos fala da «Fórmula V», o eng.º Norberto Pedrosa sintetiza um «road-test» com o Citroën C6G (de 1932!) e o eng.º Farinas de Almeida põe «o dedo na ferida» das estradas e ruas com buracos.

SE... AT...

SET... sr.ª D... 68 ano... Casal... do Vis... Macha... pelada... que... inespe... andam...

O co... ter pr... ma, q... nimad... médico... maran... sentav... recolh... procur... de do...

galã

TUDO PARA O HOMEM ELEGANTE

Pronto a vestir

FATOS NACIONAIS E INGLESES

NOVIDADES INVERNO

Uma casa de classe para uma clientela de classe

Rua Santa Justa, 46

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

AOS JUCISTAS

(J. U. C.)

Um grupo da primeira hora, recordando a mensagem de saudação entregue a Sua Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa em 23 de Março de 1930 e subscrita por 2.200 alunos de três Universidades portuguesas, convida todos os de então até aos de agora a manifestarem, por qualquer modo, a sua gratidão ao Ilustre Purpurado amanhã dia do seu 80.º Aniversário.

UM ESTUDO DE GRANDE ACTUALIDADE

«A MISSÃO PEDAGÓGICA DA BANCA»

Pelo Dr. João de Sousa da Câmara, com prefácio do Professor Fernando Emygdio da Silva.

Um volume de excelente aspecto gráfico e bom papel, no formato 13×18,5 cm, com XX+169 págs., Lisboa ..... 20$00

Um livro com interesse. Lê-se sem qualquer enfado, de princípio ao fim. Não lhe faltam de resto seguros méritos. É escrito com elegância e virtude rara, com clareza

... ...

Por sua vez, os múltiplos assuntos expostos trazem a marca dum estudo sério.

«Do Prefácio»

A venda nas principais livrarias do País e no depositário:

LIVRARIA PORTUGAL, Rua do Carmo, 70-74
Lisboa-2

3.º andar — A...

na Av. António Augusto de A... prio para escritórios de gran... baixada, etc.

Com 12 grandes salas asso... de banho. Área total 835 m2...

Mostra a porteira. Trata...

«O Alentejo», Compan...

Pr. Restauradores, n.º 47...

Ele, ela e um troféu. Ele é Fernandel, todos o conhecem. O troféu, de ouro, foi-lhe atribuído pela Academia Nacional do Disco, a premiar a sua actuação em «Mam'zelle Nitouche», em que ela — Eliane Thibauld — também colaborou

...central (em Lisboa)
...ersidade Católica Portuguesa
...rada amanhã à tarde

...Univer-
...tuguesa,
... Cidade
...boa, on-
...culdade
...ugurada
...30, para
...ogésimo
...rdeal-pa-
...e presi-
...to inau-
...do edi-
...do auto
...rimeiros
...de e da
...a e, por
...ene de

abertura oficial do ano académico.

Na sessão solene serão oradores o vice-reitor da Universidade, sr. dr. José Bacelar (S. J.) e sr. prof. dr. Manuel Cavaleiro Ferreira, catedrático da Faculdade de Direito de Lisboa

Primeira fase: três Faculdades

A cerimónia de amanhã, segundo anunciou, numa conferência de Imprensa, concedida, esta manhã, o vice-reitor em exercício da Universidade Católica, pretende ser, igualmente, uma homenagem ao sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, presidente da comissão episcopal para a Universidade Católica Portuguesa, que amanhã mesmo, como se disse, completa 80 anos de idade.

A Universidade Católica conta já duas Faculdades em funcionamento. Uma em Braga, a Faculdade de Filosofia, e outra em Lsboa, a Faculdade de Teologia. Espera-se que, em futuro próximo, se inicarão, também, na capital os estudos de uma terceira Faculdade: de Ciências Sociais e Humanas.

O plano da Universidade Católica — segundo afirmou o vice-reitor — ir-se-á revelando com a experiência. Mas admite-se que venham a ser constituídas, no futuro, Faculdades ou Institutos de carácter científico, pois a Universidade Católica não é encarada como centro de formação eclesiástica, embora os seus actuais professores sejam eclesiásticos, apenas com uma excepção.

A Faculdade de Teologia, por exemplo, de que é director o padre franciscano rev. António Montes, conta, presentemente, com 70 alunos. Embora a maioria seja de seminaristas, há alunos leigos (treze) e uma religiosa.

O curso da Faculdade de Teologia é de sete anos, repartido em três ciclos: Propedêutico, Geral e Licenciatura, respectivamente de dois, três e dois anos.

A sede central da Universidade Católica Portuguesa, que é inaugurada amanhã, constitui uma primeira fase do projecto, incluindo quatro blocos, destinados ás Faculdades de Teologia e de Ciências Humanas, salas de conferências e serviços gerais

O custo total foi 29 mil contos.

SEXAGENÁRIA ATROPELADA

SETUBAL, 28 — Quando a sr.ª D. Laura da Silva, de 68 anos, viuva, residente no Casal das Figueiras, Estrada do Viso, atravessava a Praça Machado dos Santos, foi atropelada por um automóvel, que encontrando-se parado inesperadamente se pôs em andamento em marcha atrás.

O condutor evadiu-se, sem ter prestado socorro á vítima, que foi conduzida, inanimada, ao hospital onde os médicos de serviço a reanimaram, verificando que apresentavam contusões, pelo que recolheu a casa. A P. S. P. procura descobrir a identidade do automobilista.

Torre de Babel

por João Medina

«SINON, BOUM!»

Se a ilha de Próspero, Miranda e Caliban estava cheia de vozes, a Gália actual parece cheia de detonações: desde o ardente mês de Maio («plaisant mois de mai», cantava ao alaúde, alguns séculos atrás, o delicado príncipe-poeta Charles d'Orléans) nunca mais aqui se respirou o mesmo ar alcínico que desde 1962 soprava nas montanhas e nas planícies do hexágono, antes ficou pelas esquinas das cidades e das memórias um curioso cheiro acre que tanto podia vir do gás destinado a comover as glândulas lacrimais dos «enragés» como do fumo das detonações que, de quando em quando, se ouvem, desde Saint-Malo a Paris, quebrando a paz deste reino. Estaremos diante dum fenómeno político novo e importante ou duma diversão passageira, duma atitude que oscila entre o folclore e o funambulismo? Receio não saber que responder. Mas vamos aos factos e deixemos às Cassandras e adivinhos o cuidado de lerem a «buena dicha».

Desde o início do ano, conheceu a província armoricana vinte e dois atentados que vão desde a plasticagem clássica ao derrube dos postes telefónicos, passando pela inscrição mural e o comunicado enviado às gazetas. Em Saint-Brieuc, Quimper, Lorient, Saint-Malo, Saint-Nazaire, etc., comandos terroristas que se reclamam dum super-patriotismo regional de raiz céltica fazem detonar a dinamite o «cocktail Molotov» ou escrevem apressados «slogans» contra uma pretensa opressão colonial francesa. A sigla deste movimento regionalista não se limita contudo a assinar os atentados da Bretanha: apareceu há dias às portas mesmo de Paris. Teremos um dia a bandeira negra e branca do separatismo bretão a flutuar furtiva no alto da torre Eiffel? Ou veremos em breve o «Hevoud», a suástica dos celtas, a ornar a «mairie» de Rennes?

Seja como for, que pretendem estes saudosistas bretões? Ressuscitar os ritos dos druidas, substituir os santos do calendário oficial pelas fadas, sereias, duendes, anões, gnomos e gigantes da mitologia céltica? Trocar o Panteão romano e laico pela floresta da Brocéliande? Mudar a língua de Molière e de Léon Zitrone pelas ásperas sílabas do dialecto da Bretanha francesa, linguajar que, na opinião da Mademoiselle de Kerkabon do «Ingénuo», ficava imediatamente depois do francês? Ignoro-o. Mas continuemos a inventariar os neobombistas do presente.

Passando por cima do misterioso atentado contra as instalações da Citroën em Paris, pouco depois de anunciado o casamento de conveniência entre esta firma e a Fiat, deixemos a polícia descobrir os culpados e fujamos da política, matéria explosiva, observando antes um grupo que escolheu a sigla O. C. E., ou seja, «Organização dos Chefes de Empresa». Apesar deste apelido com um certo sabor a sinarquia, creio que o movimento em questão não pretende impôr à França um governo de sumidades ocultas, mas tão sòmente — notável modéstia de programa! — uma reforma tributária. Vejamos como.

Um certo número de prefeitos de província receberam nos começos de Novembro embrulhos que continham explosivos, embora sem detonador. Estas encomendas eram acompanhadas por uma etiqueta que rezava: «Réforme d'impôt, sinon boum» Por outras palavras, ou os prefeitos forçavam o Governo a mudar a sua linha fiscal, ou então, como diziam os embrulhos, — bum! E no futuro, o carteiro passaria a levar aos mesmos prefeitos caixas de charutos atulhados de TNT, mas com o detonador preparado. Ora como a casta dos prefeitos, essa velha nobreza napoleónica que governa a França, vive perpètuamente absorvida pelo seu complexo ofício, sem tempo nem vagar para levar a sério ameaças de morte, sucederá muito provàvelmente que os ditos funcionários, esquecidos da sigla O. C. E., abrirão os embrulhos e — bum! — a administração ficará de luto. Por outro lado, como os impostos não parecem querer declinar, receio que doravante as gazetas vão passar a trazer pequenos e insistentes «faits divers» como: «O Sr X, prefeito de J, abre uma caixa de charutos da marca O C.E. — e bum! O funeral foi marcado para amanhã: Ou: «Mais um prefeito que faz bum! Aumenta a lista dos prefeitos que explodem». Ou ainda: «A morte numa encomenda postal: o prefeito Z abre o embrulho e — bum!»

Strasbourg, Novembro de 1968.

O vice-reitor da Universidade Católica, tendo a seu lado o director da Faculdade de Teologia, falando aos jornalistas durante a conferência da Imprensa

ROBLES MONTEIRO MORREU HÁ DEZ ANOS

Passam hoje dez anos sobre o falecimento do actor-empresário Robles Monteiro, principal impulsionador do Teatro Nacional D. Maria II. Sufragando a sua alma foi mandada celebrar, pela família, missa na igreja do Rato. A este acto singelo associaram-se amigos e discípulo do actor, nomeadamente actuais elementos do elenco do Nacional.

Com Robles Monteiro desapareceu uma das personalidades mais activas do nosso panorama teatral. O seu exemplo, e a feliz circunstância de Amélia Rey Colaço, viúva do actor-empresário, ter assegurado a continuação da empresa, permitiram a progressiva renovação do Nacional, agora lançado na descoberta da moderna dramaturgia europeia e americana.

...ar — Aluga-se

...Augusto de Aguiar, 104, pró-
...órios de grande empresa, em-

...les salas assoalhadas e 4 casas
...total 335 m2.
...rteira. Trata

...», Companhia de Seguros
...ores, n.º 47 — Tel. 30303

FRUTAS DE PORTUGAL

A NOVUM tem o prazer de recomendar a todos os seus Clientes e ao Público em geral a I Exposição de Frutas Portuguesas patente hoje, 28, das 18 às 24 H, nos estabelecimentos «Superfrutas Almeidas», Avenida Ant. Aug. de Aguiar, 58, Lisboa.

Tabuleiros de polpa de madeira «KEYES»
Película para produtos alimentares «RESINITE»

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

DE COIMBRA

A REUNIÃO DA CÂMARA

Na reunião da Câmara Municipal, depois de se referir ao problema das escolas do Ciclo Preparatório, o presidente sr eng.º Araújo Vieira, referiu-se á «maquette», que se encontrava na sala, da construção de um hotel na margem esquerda do Mondego, a montante da ponte de Santa Clara, complexo turístico a que o «Diário de Lisboa» se referiu.

Depois de acentuar o valor do empreendimento como sendo do maior interesse para a cidade, salientou as suas preocupações quanto á perca paisagística do local da instalação, sugerindo a exposição desse trabalho ao público, para que a cidade se pronunciasse, o que foi aprovado, procedendo-se, na próxima sessão, ao estudo em pormenor da «maquette» e do projecto.

A vereadora sr.ª dr.ª D Maria José Bacelar deu conhecimento do texto de uma carta particular do bispo de Vila Cabral, D. Eurico Dias Nogueira, na qual, por seu intermédio, solicita á Câmara Municipal a oferta de uma bandeira da cidade á povoação de Nova Coimbra e outra da Rainha Santa á Missão de Santa Isabel de Esperança-Litunda. A solicitação foi acolhida com o maior interesse e o problema foi entregue á Comissão de Turismo.

Depois, o vereador sr. eng.º Azevedo Sobral referiu-se ao facto de ter sido posta á disposição do sr. Presidente da República uma propriedade em Bencanta no valor de cerca de dois mil contos, como contributo para a «Fundação Salazar», e que, melhor informado, soube que essa propriedade, oferecida pelo industrial sr. Eduardo Filipe, é constituída por casa, capela, anexos e jardim, propriedade á cerca de três quilómetros da cidade, e que, pelas suas características, pode ter diversas e úteis aplicações, uma das quais bem poderá ser a instalação da sede daquela Fundação.

Depois de fazer várias considerações sobre o assunto, disse o orador que tal oferta justificaria que ficasse em Coimbra a sede da «Fundação Salazar», e que esta ideia se poderá concretizar com a ajuda do governador civil e do Município.

Sobre o «Natal da Rua», o vereador sr. António Miranda Veloso levantou a questão, e o presidente declarou não haver razões para que não se fizesse. Os serviços de Turismo convocarão uma reunião, na Câmara, com a comissão das Festas da Cidade e comissões das ruas.

Festa na «República dos Kágados»

A «República dos Kágados» comemora no domingo o 36.º «Centenário» da «independência kagadal».

A «República dos Kágados» tem como presidente Carlos Santarem Nunes Andrade e como «ministros» José Luís Câmara Alves, Rui Manuel Lobo Garcia Marques, Custódio Pinto Montes, Manuel Martins Caldeira, Alcides Leal Gomes de Jesus e José da Silva Fartaria, e «bi-karada» João da Silva Madeira e Vítor da Costa Rodrigues

Cinema para crianças

Promovida pelo «Lion's Clube», haverá, depois de amanhã, no Teatro de Gil Vicente ás 17 e 30, uma sessão de cinema para crianças, exibindo-se o filme «O ursinho brincalhão».

O produto destina-se a custear uma festa na Casa dos Pobres, no dia 8 de Dezembro. Os bilhetes estão á venda naquele teatro.

Comemoração do 1.º de Dezembro

Pela delegação distrital da Mocidade Portuguesa nesta cidade, foi estabelecido o programa das comemorações do 1.º de Dezembro, que deverá integrar sessões em todos os centros de actividades circum-escolares.

O programa estabelecido é o seguinte: ás 11 horas, na igreja de Santa Cruz, missa celebrada pelo rev.º padre Eugénio Martins, assistente distrital, com a presença de todos os dirigentes, instrutores e filiados. A fanfarra da Escola Industrial e Comercial Brotero e uma escolta do Centro de Instrução de Milícia n.º 3, prestará a guarda de honra ao altar.

Após a missa, uma quina de cada um dos Centros de Actividade do Liceu Normal D. João III, Liceu D. Duarte e Escola Comercial Brotero deporá flores no túmulo do fundador da nacionalidade.

Conferência

No Anfiteatro do Laboratório de Física da Faculdade de Ciências, o sr. dr. Lourenzo Plazza Montero faz amanhã, ás 18 horas, uma conferência subordinada ao tema: «A importância da cor na iluminação».

Reunião de quintanistas de Direito

Decorre hoje, nos Gerais, uma reunião dos alunos do 5.º ano da Faculdade de Direito, para elegerem a comissão que organizará a viagem do curso e outra para o baile e o almoço de confraternização.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Petulia» (17 anos).

AVENIDA — Às 21 e 30: «Duas raparigas em Londres» (17 anos).

TIVOLI — Às 21.30: «Não se trata assim uma senhora!» (17 anos).

SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «O prémio» (17 anos).

Farmácias de serviço

RODRIGUES DA SILVA — Rua Ferreira Borges (Telefone 22011).

SANTA CRUZ — Rua das Padeiras (Tel. 23569).

CORREIA — Rua Visconde da Luz (Tel. 22834).

SÃO JOSÉ — Arcos do Jardim (Tel. 24697).

A construção das escolas para o Ciclo Preparatório

Levantou o «Diário de Lisboa» a questão das escolas para o Ciclo Preparatório do Ensino Secundário. Dissemos, então, que das quatro escolas destinadas a esta cidade, fora resolvido iniciar-se, desde logo, a construção de duas, mas que, segundo as nossas informações, a Junta de Construções só edificava uma e em local que não estava indicado.

O vereador sr. eng.º Azevedo Sobral mostrou-se surpreendido com a notícia, e não só a leu na sessão da Câmara Municipal, como pediu sobre o caso explicações ao presidente da edilidade; e foi deliberado que aquele vereador se pusesse em contacto com a Junta de Construções, para ser elucidado do que se passava.

O sr. eng.º Azevedo Sobral, na sessão seguinte, deu conta do encargo, dizendo que, efectivamente, a Junta apenas construia uma escola e escolhera a zona de Coselhas, sendo conveniente que a Câmara Municipal adquirisse o terreno da propriedade em vista, excedente ao necessário para a escola, não só para que o preço fosse mais acessível como também para o Município iniciar obras de urbanização. Novamente o sr. eng.º Azevedo Sobral foi encarregado de contactar com o proprietário do terreno, expondo a deligência na sessão imediata e depois á Junta de Construções, dando por finda a sua comissão.

Daí para cá, o caso agitou-se, com cartas e artigos publicados nos jornais, uns defendendo, outros condenando o local escolhido. A própria Câmara deu o prazo de oito dias para que lhe fossem enviadas sugestões ou oferecessem terrenos que servissem para o efeito, nada tendo recebido, porém.

O Município acabou por indicar á Junta dois locais, um sem urbanização, redes de abastecimento de água e electricidade, saneamento e transportes, e outro possuindo tudo isto, em local junto do liceu feminino e da escola técnica.

Verifica-se, no entanto, que tudo se passa como no «Diário de Lisboa» se disse: das duas escolas que, este ano, deviam ser edificadas em Coimbra, a cidade só terá uma — e no local menos indicado, por agora.

Não houve, portanto, inexactidão na notícia que o «Diário de Lisboa» deu e agora aguardamos que a Junta opte definitivamente pela zona de Coselhas, salvo se o sr. ministro das Obras Públicas, que é desta terra e aqui estudou, conhecedor de todos os problemas que foram discutidos e dos locais em causa, proceda a uma escolha mais acertada.—*J.M.S.*

Esclarecimento do presidente do Município

Na Reunião da Câmara Municipal, o presidente, sr. eng.º Araújo Vieira, referindo-se á localização da escola para o Ciclo Preparatório do Ensino Secundário, disse:

— Como foi deliberado, aguardamos até hoje que a cidade, por intermédio dos orgãos de informação ou de quaisquer munícipes entregassem sugestões para a localização da primeira escola do Ciclo Preparatório. Até agora, não apareceram outras soluções, a não ser aquelas que a Imprensa largamente tem difundido como localizações possíveis. Estas foram apenas duas, a de Coselhas e a do Calhabé. Como aqui ficou também combinado, enviei á Comissão de Construções para o Ensino Técnico essas duas localizações, informando de que, até o dia 27 p.p. mandar-lhe-ia novas soluções, se eventualmente aparecessem. A presidência nada mais foi sugerido, desconhecendo se tem elementos ou soluções a estudar para fornecer. Dado que nenhuma sugestão mais foi apresentada, deliberou-se que a Câmara informasse a referida Comissão de Construções de nada mais haver a acrescentar aos dois processos enviados quanto a terrenos sugeridos.

Os trabalhos em Coimbra do I Curso Livre da Farmácia Industrial

No prosseguimento, na Faculdade de Farmácia, dos trabalhos do 1 Curso Livre da Farmácia Industrial, a sr.ª dr.ª D. Maria Serpa dos Santos concluiu o ciclo de lições sobre «Microbiologia Industrial», desenvolvendo o tema: «Produção industrial de antibióticos».

O sr. dr. F. Peres Gomes deu uma lição sobre «O «contrôle» biológico dos medicamentos», abrangendo os seguintes temas «O «contrôle» biológico de um medicamento tem em vista obter informações sobre a sua potência, tanto no que respeita ás suas propriedades terapêuticas como ás tóxicas»; «Os modelos experimentais utilizados pelo farmacologista são ainda demasiado complexos e as informações que obtém deverão ser sempre criticamente analisadas, impondo-se a maior prudência na extrapolação no registado no animal de experimentação para o homem»; «Obrigatoriedade de aferição biológica de certos tipos de medicamentos e vantagem de a fazer, mesmo por forma sumária noutras»; «Variação de respostas entre espécies animais, ou mesmo entre estirpes. Algumas das suas causas. Modificações de respostas por factores exógenos»; «Interpretação de testes de toxidade aguda, subaguda e crónica — suas possibilidades e limitações. Ensaio de potencialidades cancerígena e teretogénica»; «As exigências, no mundo actual, em matéria de qualidade e quantidade de animais de laboratório para fins de investigação de medicamentos».

Em seguida, o sr. dr. Xavier Basto deu a sua terceira lição sobre «A teoria dos preços. Noções elementares. Concorrência perfeita e monopólio», e, a concluir os trabalhos, o sr. dr. António Pinho de Brojo deu a sua ultima lição sobre «Aspectos teóricos e prática de formulação de propensões», descrevendo os principais agentes estabilizadores e discutindo os processos que modernamente se utilizam no «contrôle» tecnológico deste tipo de medicamentos.

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreu, em combate, na província de Angola, o guarda de 2.ª classe da P. S. P. n.º 344/Q. F., do recrutamento da província, Manuel Mendes da Silva, natural de S. Nicolau (Cabo Verde), casado, filho do sr. Marcelino da Silva e da sr.ª D Joana Mendes da Silva.

†

Francisca da Conceição Domingues Esteves

FALECEU

Elvira da Conceição Domingues Esteves e seu filho, Fernando Augusto Domingues Esteves sua mulher e filhos, Maria Helena Domingues Esteves Ferreira seu marido e filhas e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua muito querida mãe, sogra, avó e parente e que o funeral se realiza amanhã, ás 10 horas, da Igreja de Benfica para o cemitério de Benfica.

AGÊNCIA MAGNO
Telef. 534167

†

D. Rosa Lameirão Arez de Mascarenhas

Faleceu

Jorge Salustiano Mendonça Arez Mascarenhas, Rosa Maria Lameirão Arez de Mascarenhas Pombeiro, seu marido e filho; Francisco Augusto Lameirão Arez Mascarenhas, Carolina Lameirão, América Lameirão Cabral, seu marido e filhos; Latino Lameirão, sua mulher e filha; Teófilo Lameirão, sua mulher e filhas; António Lameirão, sua mulher e filhas; Maria Carolina Lameirão Fernandes Rodrigues e seu marido; Maria da Glória Lameirão Fernandes Camargo Pacheco e seu marido; Liliana Carneiro Lameirão Lima e seu marido e mais família participam que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença a sua muito querida mulher, mãe, sogra, avó, irmã, cunhada, tia e parente e que o funeral teve lugar hoje da Igreja de Santa Isabel para o seu Jazigo no Cemitério de Tavira.

AGÊNCIA BARATA

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3-2.º TELEF. 369384

T.V.
SCHAUB LORENZ
RÁDIO

No CACÉM o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA NELITO

ALUGUER SEM CONDUTOR
CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B,
Telefs: 72 76 54 - 72 49 75
LISBOA

Sociedade Portuguesa de Petroquímica
S. A. R. L.
CAPITAL: 300 000 CONTOS
Av. António Augusto de Aguiar, 104-4.º
LISBOA
SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Avisam-se os Senhores Obrigacionistas de que no próximo dia 3 de Dezembro, pelas 15 horas, se procederá, na Sede desta Sociedade, ao sorteio de 2960 Obrigações de 5 % — 1960 — 1.ª Emissão.

De conformidade com o respectivo plano de amortização, o reembolso dos Títulos sorteados far-se-á a partir de 1 de Janeiro de 1969.

Lisboa, 20 de Novembro de 1968.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Diário do Porto

Acusado de matar o filho está a ser julgado no Porto um cabo miliciano

PORTO, 28 — Sob a presidência do sr. coronel Jaime José da Silva Pereira, que tem como juiz auditor o sr. dr. Manuel Lopes, juiz militar o sr. coronel Armando da Silva Botelho, promotor de justiça o sr. coronel Manuel Machado Soares de Oliveira e Sousa, defensor oficioso o sr. tenente-coronel José Rodrigues Cerqueira e secretário o sr. alferes miliciano Manuel Nascimento Aleixo, prosseguiu esta manhã, no Tribunal Militar Territorial, o julgamento do primeiro-cabo miliciano Carlos Manuel Ataíde Coelho da Rocha, de 24 anos, morador na Rua Brito Capelo, em Matosinhos.

Sobre o réu pesa a seguinte acusação: separado, judicialmente, da esposa, sr.ª D. Helena Maria Garcia Rocha e, vendo-se na iminência de ficar sem o seu unico filho, o pequeno Carlos Miguel Garcia Coelho da Rocha que, por decisão do Tribunal de Menores, fora entregue aos cuidados da mãe, quando da separação do casal, teria assassinado a criança, dando-lhe uma dose excessiva de barbituricos. E teria atentado contra a própria existência, ingerindo outra dose de comprimidos. O drama ocorreu em Janeiro ultimo.

O arguido nega ter assassinado, deliberadamente, o filho, bem como a intenção de se suicidar.

Na primeira audiência, o Carlos Manuel da Rocha foi ouvido, durante um longo e pungente depoimento, bem como os peritos do Instituto de Medicina Legal, e ainda a ex-exposa do acusado.

Na audiência de hoje, que se prolongou pelo dia inteiro, começarám a ser ouvidas as testemunhas de acusação.

«Ballet» dos Cossacos da Ukrânia

Estreia-se esta noite, no Coliseu o «Ballet» Soviético dos Cossacos da Ukrania», constituído por 110 figuras, sob a direcção artística de Pavel Virsky.

Dada a categoria do agrupamento, que em Lisboa alcançou grande êxito, o espectáculo é aguardado com o maior interesse.

Reabilitação profissional

A convite do delegado do I. N. T. P. e do Serviço de Reabilitação Profissional, os representantes da Imprensa visitaram esta tarde, na Avenida Rodrigues Freitas, 200, uma exposição documental sobre reabilitação.

Maltrata os filhos

Esteve na P.S.P. o sr. António Palácios Domínguez, Rua Camilo Castelo Branco, 815, casa 5, no Candal (Gaia), a dar conhecimento de que um seu vizinho, que indicou, espanca bárbaramente, a qualquer hora do dia ou da noite, os filhos de 3, 4 e 10 anos. Segundo acrescentou as crianças trazem sempre o rosto e o corpo pisados.

TEATRO
SÁ DA BANDEIRA
TELEF. 23595
VASCO MORGADO apresenta todas as noites ás 21 e 45; sábados ás 16 — 20 e 45 — e 23 h.; domingos ás 16 — e 21 e 45
«LISBOA É SEMPRE MULHER»
com Camilo — Florbela — C. Coelho e as atracções Maria Teresa Quinta — Paulo Jorge — Vum-Vum
Um «ballet» de 25 figuras (Adultos)

Os noivos do Dia de Santa Catarina

A convite da TAP, seguem depois de amanhã para Lisboa, onde passam o fim-de-semana, os noivos do Dia de Santa Catarina — Maria Fernanda e Acácio da Fonseca.

Ficarão hospedados num hotel da capital.

Espectáculos para esta noite

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — Às 22: «Desporto - Rei» «Tio Simplício» (12 anos).
COLISEU — Às 21 e 45: «Ballet dos Cossacos da Ukrania» (12 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «No calor da noite» (17 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «Os longos dias da vingança» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «2001 —Odisseia no Espaço» (12 anos)
BATALHA—Às 21 e 30: «Petulia» (17 anos).
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «Assalto ao carro blindado» (12 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Amor e corridos» (12 anos).
CARLOS ALBERTO—Às 21: «Rancho Bravo» e «Mercadores de Escravos» (12 anos).
ESTUDIO — Às 15 e 30: «O grande amor de uma Gueixa» (17 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Zorba, o grego» (17 anos).
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Bailado no gelo» (12 anos).
NUN'ALVARES — Às 21 e 30: «Cleópatra» (17 anos).
ODEON — Às 21 e 30: «As Donzelas de Rochefort» (12 anos).
CINE-GAIA — Às 21 e 30: «O Cavaleiro da Rosa Vermelha» (17 anos)

Amanhã, à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «No calor da noite» (17 anos)
RIVOLI — Às 15 e 30: «Os longos dias de vingança» (17 anos)
TRINDADE — Às 15 e 30: «2001: odisseia no espaço» (12 anos)
BATALHA—Às 15 e 30: «Petulia» (17 anos)
ÁGUIA DE OURO — Às 15 e 30: «Assalto ao carro blindado» (12 anos).
OLIMPIA — Às 15 e 30: «Amor e corridos» (12 anos)
JULIO DINIS — Às 15 e 30: «Bailado no gelo» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 15: «O espião que saiu do frio» e «O mais selvagem entre mil» (17 anos).
ESTUDIO—Às 15 e 30: «O grande amor de uma gueixa» (17 anos).

Farmácias de serviço esta noite (1.º turno)

ANACLETO DE BARROS, R do Loureiro, 104 (Tel. 3-5075) ✲ **CAMARÉIRA**, R. do Heroísmo, 90 (Tel. 5-2583) ✲ **CANAVARRO**, R da Restauração, 53 (Tel. 6-0754) ✲ **CONFIANÇA**, R. de Santa Catarina, 960 (Tel 2-2884) ✲ **COSdeira**, 236 (Tel 3-6687) ✲ **NATA CABRAL**, R. de Costa Cabral, 1832 (Tel. 4-0780) ✲ **FIGUEIREDO**, Rua de Cedofeita, 125 (Tel. 2-1620) ✲ **FONTE DA MOURA**, R de Tanger, 463 (Tel 68-1444) ✲ **MONTE DOS BURGOS**, Rua do M. dos Burgos, 802 (Tel 6-2279) ✲ **MONTE CATIVO**, Rua do Monte Cativo, 444 (Tel 4-1687) ✲ **NOVA AVENIDA**, Av. Fernando Magalhães 692 (Tel 5-2250) ✲ **PADRÃO**, L do Padrão, 342 (Tel 5-2149 ✲ **PARENTE**, R dos Flores, 4 (Tel 2-1611) ✲ **POMBEIRO** Campo dos Mártires da Pátria, 52 (Tel 3-295) ✲ **SÁ DA BANDEIRA**, R de Sá da Bandeira, R Senhora da Luz, 156 — Foz (Tel 68-0833).

Notícias diversas

Amanhã, ás 21 e 30, na R. Azevedo de Albuquerque, 1, haverá diálogo, em mesa-redonda, sobre «Artistas e Críticos na Sociedade Portuguesa», no qual tomam parte Francisco Bronze, Ernesto de Sousa, Noronha da Costa e Rui Mário Gonçalves.

— António Calvário, que aqui tem muitos admiradores, apresenta-se no domingo, ás 10 horas, no Teatro Vale Formoso, no programa «Festival», do produtor Fernando Gonçalves.

CALENDÁRIO DESPORTIVO

BILHAR — Campeonato regional da categoria de honra (três tabelas) — jogos com início ás 21 horas, no Leixões Bilharista, em Matosinhos

BASQUETEBOL — Campeonato regional da 1.ª divisão: Gaia-B. P. M. (21 e 15) e F. C. do Porto-Invicta (22 e 15), no pavilhão do Gaia; Académico-C. D. U. P. (22 e 15) e Leça-Vasco da Gama (21 e 15), no pavilhão do Académico.

Leilão de antiguidades

Amanhã, no salão de festas do Coliseu, decorrerá; das 21 ás 0 horas, um leilão, a cargo da «Dinastia», de antiguidades e objectos de arte da colecção de José Maria de Sá Tenreiro Alves.

Na almoeda — que hoje foi visitada pelos representantes da Imprensa — têm principal representação porcelanas orientais das diversas Companhias das Índias, vidros coalhados e pintados, mobiliário, pratas e grande número de quadros de mestres contemporâneos.

Notícias diversas

Depois de amanhã, ás 19 e 15, será inaugurado o novo supermercado e «snack-bar», da «Confiança», na Rua de Santa Catarina.

NOTÍCIAS DE LEIRIA

Homenagem ao chefe do distrito cessante

LEIRIA, 28 — Uma segunda homenagem vai ser prestada ao sr. Olímpio Duarte Alves, governador civil cessante, num jantar, depois de amanhã, por iniciativa de uma comissão de entidades e organismos oficiais do distrito.

As inscrições estão abertas na secretaria da Câmara Municipal e podem ser feitas pelo telefone 24030.

Extinção de lugares

Por não haver interessados, a Câmara Municipal deliberou extinguir 13 lugares de serventes dos serviços de limpeza, um de ajudante de coveiro, um de contra-mestre de matança, oito de magarefe de 2.ª classe, dois de servente do matadouro, dezasseis de serventes de obras e três de serventes de jardins.

Inauguração da estátua de Paulo VI

Está já elaborado o programa das cerimónias no dia 8 de Dezembro para inauguração da estátua do Papa Paulo VI, erigida no Jardim Público, por iniciativa do Município local, a perpetuar a passagem do Sumo Pontífice por esta cidade quando das comemorações do Cinquentenário das Aparições de Fátima. Haverá ás 11 horas missa rezada na igreja de Santo Agostinho e ás 12, inauguração da estátua, com a presençça de entidades civis e religiosas.

Os trabalhos de arranjo do largo prosseguem em bom ritmo, e já ali se encontra a estátua envolvida num pano.

Exposição de artes plásticas

Na sede da Comissão Regional de Turismo está patente ao público, até depois de amanhã, uma exposição de artes plásticas que inclui colagem, desenho, óleo, escultura e cerâmica, de Cristina Mendonça, Fernando Mendonça e Calado Santirene.

Soterrados cinco homens num desabamento de terras que atingiu mais três

PORTO, 28 — Cinco homens ficaram soterrados, dois deles totalmente e mais três foram atingidos pelo desmoronamento de enormes massas de terra na obra de construção de um edifício de seis andares na qual trabalhavam, na Rua do Bolhão. O acidente ocorreu por volta das 10 e 15.

Por conta do empreiteiro

TODOS OITO FORAM SALVOS

sr. Benjamim Jorge dos Santos Moreira, de Madalena (Vila Nova de Gaia) numerosos trabalhadores empregam-se ali na construção de dois edifícios entre os numeros 103 e 102 da referida artério e dos quais é proprietário o referido empreiteiro. Um dos edifícios está em adiantado estado de construção; e no outro, diversos trabalhadores dedicavam-se esta manhã, a escorar umas terras para a construção dum muro de suporte.

Estava a tarefa de escoramento quase concluída quando, de repente, a massa enorme de terras aluiu pela base, arrastando os cinco homens e mais os outros, os quais, felizmente, se desenvencilharam da situação. O acidente deve ter sido motivado pela muita chuva dos dias anteriores e da ultima noite, ruindo a base do escoramento, sem que os trabalhadores se apercebessem.

Um dos feridos ficou hospitalizado

Em auxílio dos homens soterrados acorreram imediatamente, com toda a espécie de utensílios de trabalho os seus camaradas na obra, ao mesmo tempo que era requisitada a comparência dos bombeiros. Um dos homens foi retirado pelos colegas. Os quatro restantes foram salvos, porém, com mais dificuldade e árduo trabalho, principalmente dois que estavam por completo soterrados. Os sapadores bombeiros, que os retiraarm da difícil situação, prontamente os conduziram ao Hospital de Santo António. Um outro foi levado para o posto de socorros de uma companhia de seguros. No referido hospital deram entrada: os srs. Pedro Teixeira, de 55 anos, casado, trabalhador, de Oliveira do Douro (aGia); Daniel Pinto da Fonsect, de 43, casado, cimenteiro, Rua Particular do Castelo do Queijo, 115; António Fernandes de Sousa Monteiro, de 33, casado, trabalhador, de Penafiel e António Vieira Carneiro, de 43, solteiro, cimenteiro, Rua da Bica Velha, freguesia de Paranhos.

Com excepção do primeiro, ferido na cabeça pelo desabamento e traumatizado, que ficou internado, os outros foram para casa, depois de tratados a vários ferimentos, bem como o cimenteiro Amandio Ferreira, que recebeu tratamento no posto da companhia de seguros.

Os restantes trabalhadores, que foram atingidos ou nada sofreram ou tiveram ferimentos tão ligeros que se trataram mesmo no local A P. S P. teve ali um paquete a regular o transito de veículos e de peões.

VOLUNTÁRIOS DE LISBOA

Da Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa recebemos a medalha comemorativa da passagem do seu centenário. Agradecemos.

V. Setúbal-Fiorentina para a «Taça das Feiras»

ZURIQUE, 28 — (R.) — O sorteio para a terceira «mão» da Taça das Cidades com Feira, realizado hoje em Zurique, determinou os seguintes jogos: V. de Setúbal (Portugal)-Fiorentina (Itália). Légia de Varsóvia (Polónia)-Ujpest Dosza (Hungria) Real Saragoça (Espanha)-Newcastle United (Inglaterra) Ofk de Belgrado (Jugoslávia)-Goeztepe Izmir (Turquia).

Atlético de Bilbau (Espanha)-Eintracht de Frankfort (Alemanha Ocidental).

Leeds United (Inglaterra)-Hanover (Alemanha Ocidental) Hamburgo (Alemanha Ocidental)-Hibernian (Escócia); D. W. S. de Amsterdão (Holanda)-Glasgow Rangers (Escócia).

Os jogos terminarão em 31 de Dezembro mas em virtude da proximidade da data poderá ser concedido um adiamento em casos excepcionais.

Novos métodos da planificação expostos por um técnico do Governo francês

A convite do Gabinete de Estudos e Planeamento de Transportes Terrestres, do Ministério das Comunicações, o sr. eng. M. Rousselot, chefe do Serviço das Questões Económicas e Internacionais do Ministério do Equipamento da França, profere, amanhã, ás 21 e 30, naquele Gabinete, uma conferência subordinada ao tema «Novos métodos da planificação».

SALÃO VAUXHALL NO HOTEL RITZ

Depois de amanhã, ás 16 horas, será inaugurado, no Hotel Ritz, o salão Vauxhall. A inauguração será precedida de um «cocktail» oferecido a diversos convidados, entre os quais representantes dos órgãos da Informação.

Câmara Municipal de Lisboa

COVAIS A DESOCUPAR E ANUIDADES EM ATRASO

Avisam-se as famílias dos falecidos inumados em Dezembro de 1963, nas sepulturas seguintes, de que devem comparecer na Administração dos Cemitérios respectivos, para conhecimento das exumações a efectuar em Janeiro de 1969.

Alto S. João	—	12 889	a	13 115	adultos	7462 a 7502	menores
Prazeres	—	261	a	264	»	114 a 118	»
Ajuda	—	9 973	a	10 079	»	— —	»
Benfica	—	6 864	a	6 931	»	9306 a 9345	»
Olivais	—	9 008	a	9 031	»	2068 —	»
Lumiar	—	6 536	a	6 877	»	598 a 626	»

Avisam-se ainda os interessados de que os Serviços Cemiteriais não poderão ser responsabilizados pelo desaparecimento ou descaminho de valores que porventura tenham seguido á terra com os restos mortais a exumar, pelo que terão conveniência, quando assim tenha acontecido, em que por si ou por quem os possa representar, seja presenciada a abertura dos covais para efeito das exumações. Caso pretenda assistir a essa abertura, deverá, o interessado nos restos mortais ou quem o possa representar, expressamente declará-lo quando, para tratar da exumação, comparecer na Administração do Cemitério respectivo.

Avisam-se também os interessados no compartimento de jazigo e ossário municipais, cujas anuidades estão em atraso, de que devem actualizar o respectivo pagamento.

O Vice-Presidente
ANIBAL DAVID

Baterias

AUTOSIL estabeleceu há 15 anos

o sistema de venda de baterias

.....

valorizando

e recebendo em troca

a bateria inutilizada

para **Preços de Troca**

consulte a TABELA AUTOSIL

Todos os AGENTES AUTOSIL

cumprem rigorosamente

as valorizações estabelecidas

pela fábrica Autosil

para defesa do consumidor

av. 24 de Julho, 26-B
telef. 661583-LISBOA

largo do Mercado, 38
telef. 242 14—FARO

AUTOSIL

rua D. João IV, 643 a 656
telef. 2 35 66—PORTO

rua Nuno Velho Pereira
SANTARÉM

PEQUENO LORDE

A CASA QUE VESTE OS SEUS FILHOS DE TODAS AS IDADES; SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 15-A

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

SERVIÇO DE ABASTECIMENTOS

Grupo I — Concurso para o fornecimento de vinhos, bolos e peru
Grupo VIII — Concurso para fornecimento de lenços e peugas

Até às 17.30 do dia 10 do próximo mês de Dezembro, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 17.30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra às 13.30, as condições para os fornecimentos em referência.

LISBOA 27 de Novembro de 1968.
O CHEFE DO SERVIÇO

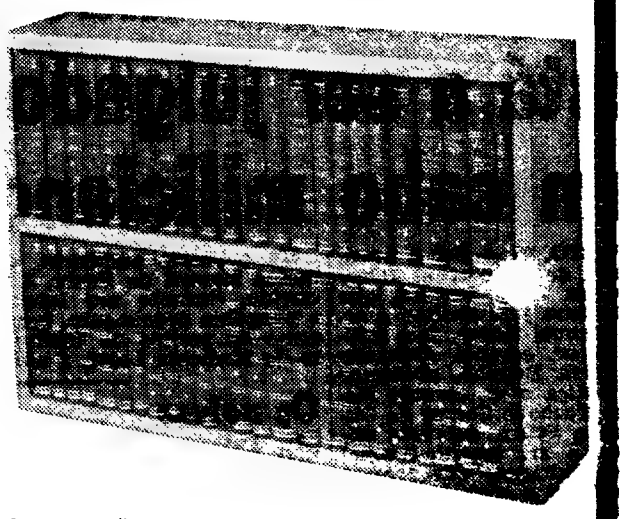
---

representante RAFAEL BURGUETE LDA
LISBOA — Rua António Enes 20 1º TEL 53 90 53
PORTO — Rua Formosa 172 — TEL 26802

UMA OPORTUNIDADE

Valorize a sua biblioteca comprando uma serie de 24 volumes no formato de 16,5 x 11 cm, encadernados em balacuir e apresentados numa ESTANTE DE BOA MADEIRA, tudo por 600$00 — importância que pode ser liquidada em 20 prestações mensais de 30$00

48 volumes, numa ESTANTE DUPLA, tudo por 1 200$00 em 20 prestações mensais de 60$00



Para a escolha das obras, remeteremos sem qualquer compromisso, a quem a solicitar, uma lista das mesmas

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS E RESPECTIVA ESTANTE CONTRA O PRIMEIRO PAGAMENTO

O interessado deverá solicitar um impresso-proposta e

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO
ou à FILIAL EM LISBOA
AV. ALMIRANTE REIS, 102-R/C-DTO — LISBOA 1

RECORTAR ESTE CUPÃO E REMETER A

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO
Rua Alberto Aires Gouveia, 27
— PORTO —

(D. L.) Agradeço me enviem um impresso-proposta e lista de obras para a sua aquisição na modalidade PAGAMENTOS SUAVES

NOME (bem legível) .....

.....

ENDEREÇO .....

.....

GABARDINES, SOBRETUDOS

ANORAKS E OS MAIS DIVERSOS AGASALHOS DE REQUINTADA ESCOLHA

ALFAIATARIA VERISSIMOS

AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO 8-C

Casacos de Cabedal e Camurça

A nossa fábrica é a mais antiga na especialização deste vestuário. Confeccionamos qualquer modelo por medida para homem ou senhora.

VERISSIMOS
AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-C

ALCÀTIFAS

ACRILAN — COURTELLE — DURNYLON — LUSOTUFO — LOUSÃ — LIDER — LEACRIL — LÃ MANUAL — MERAKLON — ROBILON — WOOLMARK

REVESTIMENTOS PLÁSTICOS — PREÇOS DE FÁBRICA—ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO APLICAÇÃO GRATUITA

NÓLÃ — Av. da República, 20 - A
Telef. 533310

ZIM ISRAEL NAVIG. Co LTD

LINHA DA AMÉRICA DO SUL

PARA

RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEO e BUENOS AIRES

O PAQUETE

«THEODOR HERZL»

EM 9 DE DEZEMBRO
E 27 DE JANEIRO

recebendo passageiros em Luxuosa Classe Turística aos Preços habituais

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU OS AGENTES GERAIS DE PASSAGENS

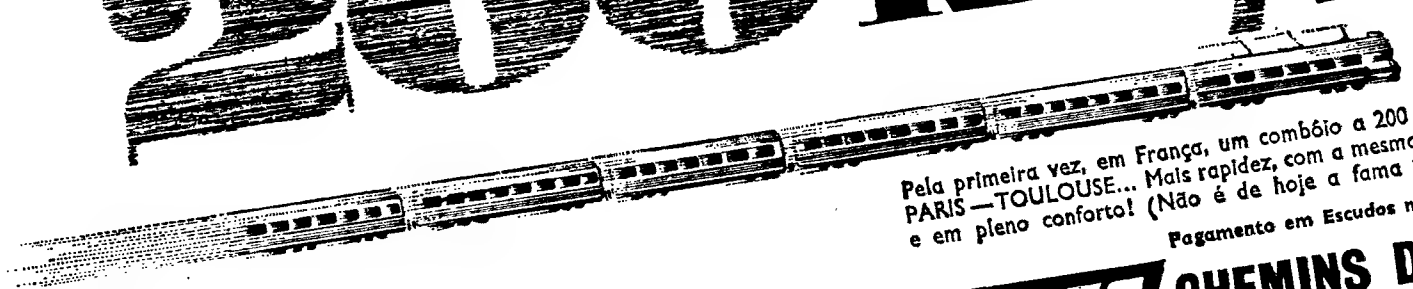
M. DRUMMOND, LDA.

Rua do Arsenal, 134
Telef. 321814
LISBOA

R. Mouzinho da Silveira, 120. 1.º
Telef. 37145
PORTO

---

200 Km/hora!



Pela primeira vez, em França, um combóio a 200 Kms/hora! É o CAPITOL, no percurso PARIS—TOULOUSE... Mais rapidez, com a mesma exactidão, a segurança de sempre e em pleno conforto! (Não é de hoje a fama da comodidade dos combóios franceses!)

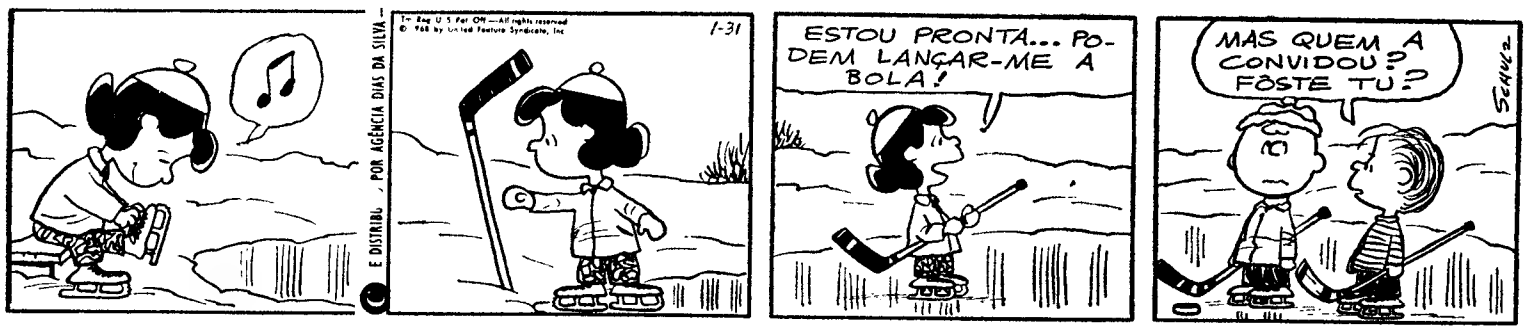
Pagamento em Escudos nas Agências de Viagens

SNCF CHEMINS DE FER FRANÇAIS

AV. JOSÉ ANTÓNIO, 57 — MADRID — TEL. 247 26 20
TOURISME FRANÇAIS — 234, R. ÁUREA, 242 — LISBOA

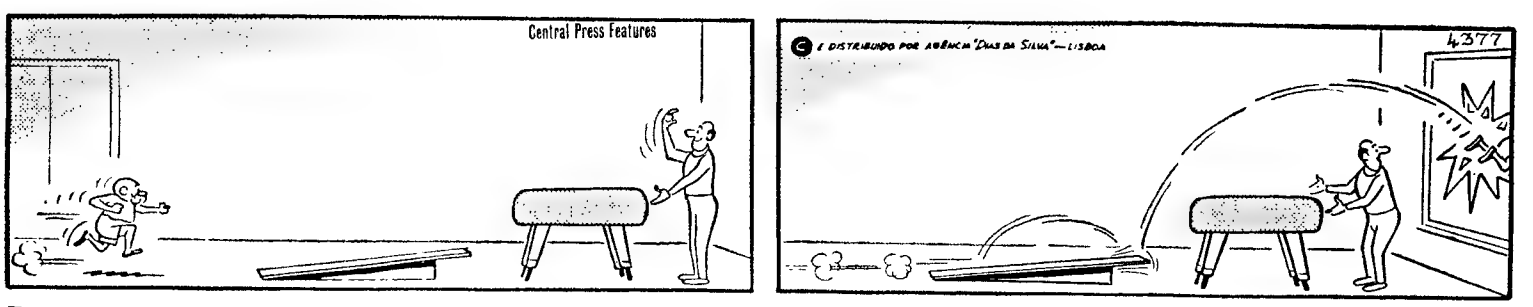
HAVAS

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 28 de Novembro de 1938 publicava:

«A Primavera tem o seu prenúncio, ás vezes muito cedo, quando ainda o Inverno não abandonou as cidades e os campos, e se não apagaram de todo os ecos festivos da consoada do Natal. «Chegaram as andorinhas». As mensageiras da Primavera são, assim, recebidas com alegria nos corações; trazem optimismo, dir-se-á que transportam mocidade.»

ORDEM DOS ADVOGADOS

CONSELHO DISTRITAL DE LISBOA

Assembleia Distrital Ordinária

Nos termos do artigo 606.º, n.º 1, e para os efeitos do artigo 608, n.º 2, do Estatuto Judiciário, convoco a Assembleia Distrital Ordinária para reunir na sede da Ordem dos Advogados, no Largo de São Domingos, n.º 14, 1.º andar, no próximo dia 13 de Dezembro, às 15 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

a) Apreciar e votar o relatório do ano corrente e, bem assim, o orçamento para 1969;

b) Eleger os membros do Conselho Distrital para o triénio de 1969/71.

Lisboa, 25 de Novembro de 1968.

O PRESIDENTE,

José Manuel da Silva Ramos

Palavras cruzadas

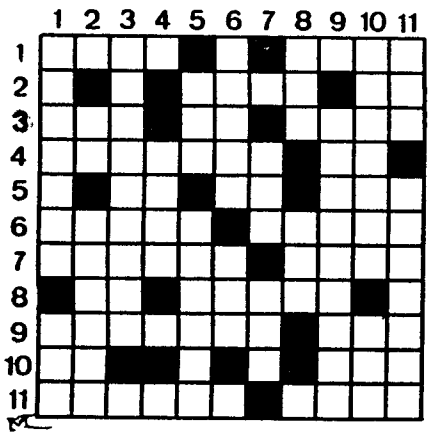
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5014

HORIZONTAIS: 1 — Aquele que. Conceder. 2 — Aumenta. Nome de letra grega. 3 — Partí. Pronome pessoal. Africano. 4 — Antiquada Popa. 5 — A tua pessoa. Artigo (pl.). Certos. 6 — Em alto grau Esperançado 7 — Eleva a cargo. Rezem 8 — Nome de letra grega Descansa no sono. 9 — Natural da Gália Ilha inglesa no mar da Irlanda 10 — Figura. Princípio. 1 — Benzer Costumes

VERTICAIS: — Cruzamento dos nervos ópticos. Fluido aeriforme 2 — Doutor. Rugira. 3 — Realizou. 4 — Prefixo que designa de si ou por si mesmo. 5 — Conheço Determina 6 — Insuficientemente Preposição e artigo (pl.). 7 — Argola Chefe etíope 8 — Deusa Maneira. 9 — Gozaremos 10 — Instrui-se Fracção da unidade. 11 — Curso de água. Inferior.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 5013

HORIZONTAIS: 1 — Preto. Ai. 2 — A'e Rompe. 3 — NUNCA O. El. 4 — AVARENTO 5 — Mi. Um. Ofir 6 — Nos Eram. 7 — El. Quadrado. 8 — Puni. Ir. 9 — Entes. Tasco. 10 — Se. MEDROU. 11 — Mó Tema

VERTICAIS: 1 — Anamneses. 2 — Pluvial NEM. 3 — Rena. Pt. 4 — Cru QUEM 5 — Trasm. Uns. 6 — Sai Me. 7 — Roto. Tem. 8 — AO. Ofertada 9 — Im. Ira. Sr. 10 — PÉ. Radicou 11 — DELE. MOROU.

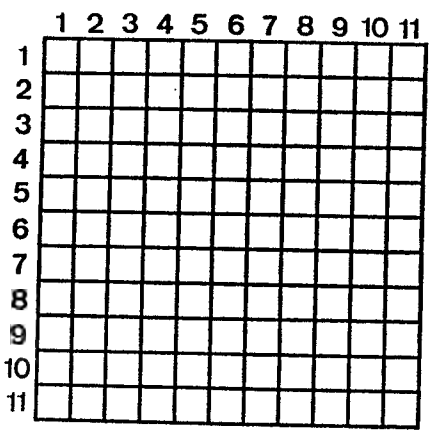
(PROVÉRBIO: **Nunca o avarento medrou nem quem ao pé dele morou).**

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8858

HORIZONTAIS: 1 — Reputação Filo. 2 — Ter capricho 3 — Grande ribeira do Ásia russa Fora para fora. Neon (s. q.) 4 — Irmã da mãe. Rate Mau cheiro. 5 — Primeira parte do nome duma vila do concelho de Santarém Joeirar. 6 — Tempo do verbo ser Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. 7 — Nota musical. Duodécimo mês do ano hebraico e sexto do ano civil 8 — Leva à sirga Apelido. Sapo do Amazonas. 9 — Quarto. Rio da Sibéria Artigo indefinido. 10 — Filhos muito novos das ovelhas 11 — Deste modo Campeões

VERTICAIS: 1 — Médico inglês autor de estudos célebres sobre a doença das vértebras lombares Instiga 2 — Vozes de gatos. Princípio (pl.). 3 — Antes de Cristo Cilada. Reis. 4 — Conjunção. Esteiro. Acrescentei. 5 — Afies. Acolá 6 — Cursos de água natural e abundante. Queimei. 7 — Golpeie. Detestara 8 — Ergue. Artigo indefinido. Pronome pessoal. 9 — Interjeição que exprime admiração. Prenderá. Pronome reflexo. 10 — Girar Estrépito de desmoronamento. 11 — Limpar metais. O mais velho dos pretos duma povoação



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8857

HORIZONTAIS: 1 — Corvo. Amiga. Adiar Varar. 3 — Ri. Lates. Se. 4 — Mal Lis Uta. 5 — Orão. Aral. 6 — Tio. Man. 7 — Trás. Lada. 8 — Aio Até. Ser. 9 — CM. Ameno Pó. 10 — Aarão. Elmos. 11 — Ornar Saíra.

VERTICAIS: 1 — Carmo. Tacão. 2 — Odiar. Rimar. 3 — Ri. Latão. Rn. 4 — Vai. Ois. AAA. 5 — Oral. Amor. 6 — Til. Ate. 7 — Aves. Enes. 8 — Mas. Aal. Oiá. 9 — Ir Urnas Mi. 10 — Gasta. Depor. 11 — Arosa

FUTEBOL

JOGO VITÓRIA DE SETÚBAL-SPORTING

A Empresa «BELOS» efectua carreiras para SETUBAL nas seguintes condições:

POR CACILHAS

Partidas de **Cacilhas e de Setubal** de 15 em 15 minutos e todos os desdobramentos necessários.

Preço de Ida e Volta Esc.: **19$20**

Pela Ponte SALAZAR

Partidas de **Lisboa (Alcantara),** ás 7.30, 7.50, 8.30, 13.00 e 14.05

Regresso de **Setubal** ás 19.00, 19.55 e 21.05

Preço de IDA e VOLTA Esc.: **24$30**

O TELEVISOR DE ALTA QUALIDADE
TOTALMENTE AUTOMÁTICO

A VENDA NAS BOAS LOJAS DE ELECTRODOMÉSTICOS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
RAFAEL BURGUETE, LDA
LISBOA-RUA ANTÓNIO ENES 20,1º-T 635057
PORTO-RUA FORMOSA, 172 - TEL 26902

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANÍBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

QUARTEL MESTRE GENERAL

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL

COMISSÃO DO PLANO DE AQUISIÇÕES DO EXÉRCITO

Faz-se publico que na Secretaria da Comissão do Plano de Aquisições do Exército da Direcção do Serviço de Material, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 180-C, 3.º, em Lisboa, se encontra aberto o Concurso Publico seguinte:

CONCURSO Nº	AQUISIÇÃO DE	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA DE PROPOSTAS	
			DATA	HORA
49PAE/68	EXPLOSIVOS, ARTIFÍCIOS E ACESSÓRIOS	5% do valor da proposta para fornecimento dos limites máximos	16.DEZ 1968	15.30 H.

O respectivo Caderno de Encargos pode ser consultado todos os dias uteis das 15 ás 18 horas e aos sábados das 10 ás 12 horas.

As propostas devem ser entregues até ás 15 horas do dia acima marcado para a abertura das mesmas.

O Presidente da COMPAE68/DSM,
Gualdino Leite da Silva Matos
Cor. Tir.º Engº do S. M.

OXIDEX

ALCATIFAS — TODAS AS QUALIDADES DE FIBRA, LÃ E PLÁSTICO
PAPÉIS — ÚLTIMAS NOVIDADES
OPERÁRIOS — ESPECIALIZADOS PARA ASSENTAMENTOS
GARANTIA — TOTAL EM TODOS OS TRABALHOS
ORÇAMENTOS — PELO TELEFONE 532383

EXPOSIÇÃO E VENDA
AV. JOÃO CRISÓSTOMO, 10-B (Junto à Av. Del Chaves)

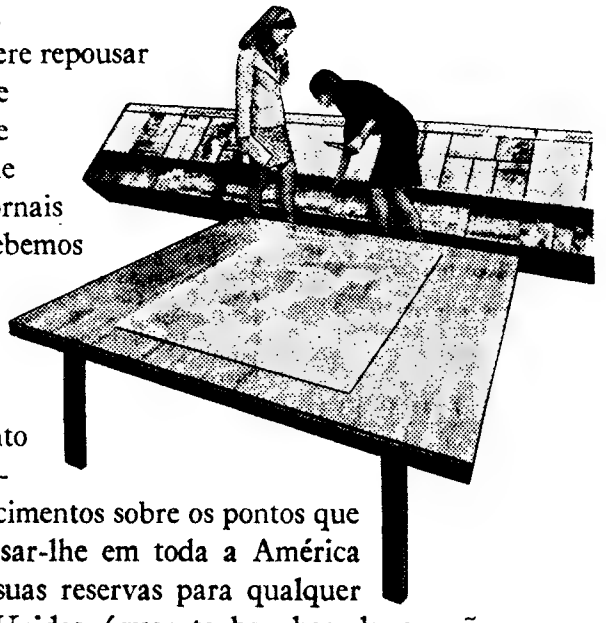
O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Nova York: Na Pan Am encontra uma recepção inesquecível

Amigo, seja benvindo aos Estados Unidos, a Nova York e especialmente ao Centro de Hospitalidade da Pan American, no coração da cidade. Entre e veja por si mesmo como o nosso Centro é um dos locais mais agradáveis que o rodeiam. Será sempre bem acolhido por pessoal que fala várias línguas. Teremos todo o gosto em lhe dar as informações de que necessite sobre turismo. À sua disposição encontra folhetos referentes a Nova York, com indicação dos sítios que lhe recomendamos e do que há para ver, onde tomar as suas refeições e o que vestir. E até mesmo as gratificações a dar. Oferecemos-lhe ainda um mapa da cidade, que o ajudará a encontrar os divertimentos que procura, na Cidade de Diversões por excelência. (A propósito, não se esqueça de usar o seu «President's Hospitality Card», para descontos em hotéis e restaurantes em Nova York. Temos uma lista de todos eles).

Mas não é tudo! Também pode levantar a sua correspondência no nosso Centro. Basta recomendar que lhe dirijam — c/o Pan Am Hospitality Center, Pan Am Building, 45th Street and Vanderbilt Avenue, New York 10017, com a indicação «Hold for Arrival (data da chegada)».



Se está cansado e quere repousar uns minutos, sente-se um pouco e aproveite para dar uma vista de olhos pelos muitos jornais que diàriamente recebemos das principais cidades do mundo. Mas isto é só o princípio. Quando estiver pronto para partir, dar-lhe-emos outros esclarecimentos sobre os pontos que mais possam interessar-lhe em toda a América — Trataremos das suas reservas para qualquer parte dos Estados Unidos (quer tenha chegado ou não com a Pan American) e para a Volta-ao-Mundo, com a Linha Aérea de Maior Experiência. Visite-nos. O nosso Centro de Hospitalidade em Nova York é no rés-do-chão do Edifício Pan Am, 45th Street e Vanderbilt Avenue, Telefone 973-4000. Aqui o prazer de o receber é tão grande como a própria cidade.

PAN AM
A linha aérea de maior experiência no mundo

A Pan Am torna a sua viagem maravilhosa

Praça dos Restauradores, 46 - Lisboa — Serviço de Reservas Tel. 36 25 91 (5 linhas)

O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS

(Continuação da 1.ª página)

Assim, e além do mais, todos os anos o Ministério da Educação Nacional tem dado apoio ao nosso concurso, assim como a Fundação Calouste Gulbenkian, que distribui habitualmente algumas dezenas de contos em bolsas de estudo destinadas aos melhores trabalhos apresentados pelos concorrentes.

Com efeito, situando-se na linha de orientação das mais modernas tendências e preocupações da pedagogia, o nosso concurso chama cada vez mais a atenção e o interesse dos educadores, que vêem nele uma oportunidade de realização prática do importante sector escolar que é a arte e a educação pela arte.

● **Absoluta liberdade na escolha dos assuntos**

Entretanto, frisamos bem que os jovens concorrentes têm absoluta liberdade de escolha dos assuntos dos seus trabalhos literários e artísticos, dentro de um tema tão vasto e aliciante como é o do Natal. Assim, desde os aspectos circunstanciais da quadra natalícia (as festas, a Missa do Galo, a ceia familiar, o presépio, as prendas, as iluminações, etc) até aos simbólicos — a paz na terra, a fraternidade e amizade entre os homens, etc. —, tudo é permitido. Pretende-se, assim, que todos dêem largas ao seu poder criador, sem peias de qualquer género

Como se sabe, podem concorrer todos os jovens com menos de 14 anos — sem que haja idade mínima.

Quanto ao prazo para a entrega dos trabalhos ele termina no dia 15 de Dezembro, quer para os de modalidade artística quer para os da literária.

Santo António dos Cavaleiros: aqui vão morar mais de dois mil desalojados pelas inundações de há um ano

O ministro das Corporações visitou (em Sto. António dos Cavaleiros) um bloco habitacional para vítimas das inundações

O ministro das Corporações visitou ao princípio da tarde, em Santo António dos Cavaleiros, os trabalhos de construção de 300 habitações de renda económica, erguidas com capitais da Previdência e destinadas aos seus beneficiários, dos quais terão prioridade absoluta aqueles cujas casas foram destruídas pelas inundações de há um ano. As primeiras 200 habitações deverão estar prontas em 23 de Maio próximo, para serem entregues á Federação das Caixas de Previdência ao ritmo de 40 por mês, a partir de Janeiro de 1969, catorze meses depois da tragédia.

Na visita foi o ministro acompanhado pelo director-geral da Previdência, dr. Mário Braga, presidente da Federação das Caixas de Previdência — Habitações Económicas, eng.º Santos Costa, presidente do Município de Loures, sr. Sousa Ribeiro, e dois administradores da Icesa, dr. Quirino Mealha e eng.º Monteiro de Barros.

O valor do novo bloco habitacional é superior a 46 mil contos, podendo alojar mais de duas mil pessoas. Embora este conjunto estivesse já a ser estudado em colaboração com a Câmara Municipal de Loures, os acontecimentos obrigaram a dar-lhe prioridade e apressarem o seu lançamento.

Inundações: 120 mil contos

A acrescer a estas 300 habitações há que considerar mais 283 já entregues nos Olivais e em outros bairros, e ainda 100 fogos (50 em Odivelas e 50 em Queluz) também já distribuídos, sempre a desalojados de Novembro de 1967, para os quais o Ministério contribuiu ou contribuirá com participações no montante de 120 mil contos, sob a forma de auxílios assistenciais, subsídios de alojamento, habitações e salários a desempregados.

O PRESIDENTE DO MUNICÍPIO DE OEIRAS

vai ser homenageado pela construção do liceu e da piscina da Amadora

Uma comissão, composta por elementos das forças vivas da Amadora, tomou o encargo de organizar no dia 8 de Dezembro uma homenagem aos srs. presidente e vereadores da Câmara Municipal de Oeiras, com o fim de agradecer, publicamente, áquelas entidades a valiosa colaboração para que a construção do liceu e da piscina municipal fossem em breve, uma realidade.

O arq.º Costa Macedo, que chegará ao Parque Delfim Guimarães, ás 10 horas, será aí recebido pelas forças vivas da vila, representantes de colectividades, escolas, bombeiros e filarmónicas locais, que lhe apresentarão cumprimentos. Após a cerimónia, efectuar-se-á uma visita ás instalações do liceu. Vai, organizar-se-á um cortejo, que até ao local onde se realiza a cerimónia do lançamento da primeira pedra para a construção do novo liceu, estando projectada uma largada de pombos.

Seguidamente o cortejo encaminhar-se-á para o local onde será lançada a primeira pedra para a piscina municipal. Cerca das 13 horas, haverá um banquete de homenagem ao arq.º Costa Macedo e aos vereadores da Câmara de Oeiras.

Em três linhas

Foi declarada de utilidade turística a pousada «Três Pastorinhos», do sr. Manuel Pereira Reis, sita em Fátima.

///

Os drs. J. H. da Costa Ferreira Marques, Vítor Buescu, Olívio José Caeiro e J. V. Pina Martins foram contratados para o exercício de funções de segundos-assistentes, além do quadro, da Faculdade de Letras de Lisboa, respectivamente para Filosofia, História da Cultura Clássica, Filologia Germânica e Filologia Românica.

///

Amanhã, às 22 horas, no salão dos «Amigos de Lisboa», Largo Trindade Coelho, 9, 1.º, decorre mais uma sessão cultural dos «Colóquios Olisiponenses».

Necrologia

D. Rosa Lameirão Arez de Mascarenhas

Faleceu na sua residência em Lisboa, a sr.ª D. Rosa Lameirão Arez de Mascarenhas, de 62 anos, que era casada com o sr. Jorge Salustiano Mendonça Arez de Mascarenhas e mãe da sr.ª D. Rosa Maria Lameirão Arez Mendonça Pombeiro e do sr. Francisco Augusto Lameirão Arez de Mascarenhas. O funeral realizou-se hoje da igreja de Santa Isabel para o cemitério de Tavira.

FUNERAIS

D. Maria Marques Brites

MONTARGIL, 28 — Realizou-se, com grande acompanhamento, o funeral da sr.ª D. Maria Marques Brites, de 80 anos, viuva, daqui natural.

D. Ana Maria

MONTARGIL, 28 — Foi muito concorrido o funeral da sr.ª D. Ana Maria, de 83 anos, casada, natural desta vila.

D. Adelaide Deolinda Morgado

FELGAR, 28 — Para o cemitério local realizou-se depois de celebrada missa de corpo presente, o funeral que teve grande acompanhamento, da sr.ª D Adelaide Deolinda Morgado, casada com o sr. Francisco Margarido Amaro, industrial. Era mãe das sr.as D. Evangelina Carqueja, casada com o sr. Gualdino Augusto Carqueja, proprietário e comerciante; D. Maria Cesaltina Pereira, casada com Manuel Pereira, comerciante; D. Lígia Carqueja, casada com António Francisco Bento, proprietário; D. Clorinda Carqueja, casada com António Martins, também proprietário e D. Adriana Marcos, viuva do capitão Francisco Marcos; avó da sr.ª dr.ª D. Maria Carqueja Rodrigues, casada com o dr. Adriano Vasco Rodrigues, ausentes em Angola e D. Maria Luísa Carqueja Ribeiro, casada com o sr. eng.º Manuel Alegre Ribeiro e dos srs. dr. José Aristides Carqueja, casado com a sr.ª dr.ª D. Maria Carlota Machado Carqueja; dr. Hernani Olímpio Carqueja, casado com a sr.ª D. Maria Isabel Sousa Carqueja, D Carmen Maria Carqueja, estudante; D. Adriana da Luz Esteves, professora; do sr. Dialino Esteves, professor; D. Maria da Assunção Pereira e D. Leonor Amaro Pereira, estudantes.

SUFRAGIOS

Humberto Luna de Oliveira

Com missa mandada dizer por sua viuva a sr.ª D. Deolinda Costa Luna de Oliveira, foi hoje comemorado o 17.º aniversário da morte do coronel Humberto Luna de Oliveira,

A missa celebrada pelo rev. cónego dr. Isaías Rosa Pereira, no altar-mor da igreja de São José, no Largo da Anunciada, teve começo ás 11 horas e a ela assistiram além da viuva e outras pessoas de família, muitos amigos e camaradas do saudoso extinto.

Joaquim Correia da Costa

Na igreja da Pena foi hoje celebrada missa de 7.º dia por alma do escritor Joaquim Correia da Costa.

Oficiou o rev. padre António Pais Salvação. Estiveram presentes á cerimónia funebre além da família muitos amigos do extinto.

PORTO
KOPKE
HÁ MAIS DE 300 ANOS
ENTREGAS NO ESTRANGEIRO
NATAL 1968
Constituindo comodidade para quem tenha de fazer ofertas, as quais serão entregues franco domicílio, sem mais encargos, através dos respectivos agentes KOPKE, os representantes desta tricentenária marca, OLIVEIRA & TORROAES, LD.ª, informam os seus estimados clientes, que a exemplo dos anos anteriores, aceitam já encomendas para entrega nos seguintes países:
ALEMANHA, ÁUSTRIA, BÉLGICA, DINAMARCA, ESPANHA, ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, FRANÇA, HOLANDA, INGLATERRA, ITÁLIA, NORUEGA, SUÉCIA, SUÍÇA, e nas PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS DE ANGOLA E MOÇAMBIQUE.
Transmita as suas ordens a
OLIVEIRA & TORROAES, LDA.
Rua do Salitre, 123 — Telefs. 54614 - 57851 — LISBOA

A C. P. tem o prazer de informar que desde o dia 15 do corrente as tarifas de tranvias, de livretes quilométricos e de grupos de excursionistas prevêem meios bilhetes a favor das crianças de 4 a 12 anos
— SERVIÇO COMERCIAL E DO TRÁFEGO

1X2
FIQUE MILIONÁRIO JOGANDO NO AGENTE MAIS PRÓXIMO DA SUA CASA OU DO EMPREGO
R. ACTOR ISIDORO, 1-A
HAVANEZA DA ALAMEDA
Tabacarias-Novid.-Livraria
R. D. JOÃO V, 15-C, 17-A
«EQUIPA»
Art para bebés—Perfumaria
AV. DA LIBERDADE, 126
TABACARIA DO CAFÉ LISBOA
Jogue nas nossas séries
R. DA PALMA, 269
PALMANOVA
Tabacaria-Papelaria-Brindes
R. DO ARSENAL, 78
CAMBISTA TESTA
Jogue no Testa e terá festa
R. DE S. PAULO, 75/77
CASA COSTA
LOTARIA E TOTOBOLA
O PALPITE DE HOJE É DA HAVANEZA DA ALAMEDA
X-1-2-1-X-1-2-1-X-X-2-1-2
R. ACTOR ISIDORO, 1-A

GRAVADORES
ALTA QUALIDADE
BAIXO PREÇO

FIDELITY
som mais Fiel...
GIRA-DISCOS
Simples e automáticos
GRAVADORES
de 1 e 3 velocidades,
em 2 e 4 pistas
Representantes SABEL
Rua de D Estefânia, 98/A-LISBOA
Rua de Sta. Catarina, 1209-PORTO

A MELHOR APLICAÇÃO DOS SEUS CAPITAIS É EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

RENDIMENTOS EM PROPRIEDADES, DE 7,5 A 9% COM GARANTIA POR 12 ANOS

Durante 12 anos V. Ex.ª pode receber directamente em casa, no n/ escritório, ou no banco, o rendimento da propriedade que nos compra

em rendimento certo estabelecido, sem mais qualquer preocupação ou encargo pode ainda habitar ou explorar por aluguer, directamente a mesma propriedade

Preço dos apartamentos mobilados		PREÇO DOS ANDARES		
130.000$00 — 230.000$00		3	ASSOALH.	220.000$00
155.000$00 — 240.000$00				
170.000$00 — 250.000$00		4	»	230.000$00
180.000$00 — 270.000$00		5	»	380.000$00
185.000$00 — 280.000$00				
200.000$00 — 300.000$00		6	»	440.000$00
210.000$00 — 320.000$00				
220.000$00 — 340.000$00		7	»	500.000$00

Locais das nossas propriedades:

Centro da Amadora, Reboleira, Venda Nova, Paço d'Arcos, Parede e Alapraia — S. João do Estoril

REBOLEIRA — VISTA PARCIAL (AÉREA)

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

VENDA E ALUGUER

Azulejos — Nacionais e Estrangeiros desde $60

INFORMAÇÕES: Lisboa - Rua Conde Redondo, 53, 4.º Esq. - Telefones 47843 - 45843 ● Queluz - R. D. Maria I, 30 Telefones 952021 - 952022 ● Amadora - Reboleira - Telefone 933670

NOTA: — AS PROPRIEDADES QUE VENDEMOS SÃO NOSSAS E DE NOSSA CONSTRUÇÃO.

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

CAPITAL: 450 000 000$00

Sede: — Rua de Alexandre Herculano, 244 — PORTO

Emissão de 25 000 obrigações, em títulos de 1-5-10-50-100 obrigações, do valor nominal de 1.000$00 cada uma, autorizada por portaria de 19 de Novembro de 1968.

PREÇO DE EMISSÃO: 1.000$00 — JURO DE 6 % AO ANO

Estas obrigações são de cupão, ao portador (para instituições de assistência ou de previdência que beneficiem de regime fiscal especial também poderão ser nominativas) e vencem juro, isento de imposto complementar e de metade do imposto de capitais para o obrigacionista, à taxa de 6%, ao ano, pagável aos semestres, em 1 de Janeiro e 1 de Julho de cada ano.

O primeiro cupão, a vencer em 1 de Julho de 1969, incluirá um suplemento do juro correspondente ao tempo de efectivo desembolso dos obrigacionistas anterior a Janeiro de 1969.

A amortização, a começar em 1 de Julho de 1972, far-se-á no prazo de 12 anos a contar da primeira amortização, pelo valor nominal das obrigações (1000$00), mediante sorteios semestrais a realizar em Junho e Dezembro de cada ano (1041/2 obrigações por semestre).

As obrigações serão garantidas pelos valores gerais da sociedade, estando assegurada a colocação das que eventualmente não viessem a ser tomadas pelo público.

Condições da subscrição

A subscrição, sujeita a rateio, está aberta de 25 a 30 do corrente mês,
no Banco Pinto & Sotto Mayor,
no Banco Português do Atlântico e
no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa,
como representantes da sociedade.

As obrigações são oferecidas ao público em geral, ao preço de 1000$00 (valor nominal), a pagar integralmente no acto da subscrição, devendo indicar-se no respectivo boletim os títulos desejados pelo subscritor (de 1 ou de 5 ou de 10 ou de 50 ou de 100 obrigações), para ulterior distribuição dos mesmos em conformidade.

Porto, 20 de Novembro de 1968.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

TV dia a dia

A TERCEIRA NAVALHA E MAIS UMA NAVALHADA

Via-se logo. Quem estivesse com atenção via logo, desde o princípio, que o assassino fora o Ezequiel, o cigano.

Porquê? Meus senhores, tenham termos. Há coisas que não se perguntam. A História diz-nos que existe sempre um culpado que pode até não ter culpa nenhuma de ter culpa. Para os aventureiros da viagem marítima, o culpado foi Baco. Para Hitler, o culpado foi o tratado de Versalhes. Para a Ku-Klux-Klan o culpado é o negrinho dos dentes brancos. Para o samba brasileiro, «a culpada foi a cobra». Antigamente, os judeus andavam muito no galarim da culpa (tomaram-lhe o gosto!). Mas isso era ao mais alto nível. Ao mais baixo, quem arca com as culpas todas, são os ciganos. Eles enganam, roubam, matam. É figura típica, faz parte da mitologia da nossa infância:

— Come, senão vem aí o cigano... Via-se logo. O autor do crime que tanto interessou Olavo d'Eça Leal quem queriam vocês que fosse? A Maria da Conceição? Coitada! Um bocadinho leviana, mas filha de muito boas famílias. A Lurdes? Pobre rapariga, essa era das que sofrem em silêncio a sua dor. O Daniel Campos, irmão da Lurdes? Também ele levou a sua facadinha, pois então! Já não me lembro se foi desta para melhor; de qualquer modo, quem o facadeou?

Quem havia de ser! O cigano. O cigano Ezequiel, que nem entra na história, matou o António, matou o Daniel, não te aproximes muito, leitor, senão também levas a tua conta.

Esperem lá! Se o Ezequiel cigano não entra na história, como é que o telespectador o havia de descobrir?

Manigâncias do Olavo. É um espertalhão. Uma peça em que se não entende nada, dá sempre um ar basto intelectual. Ao serão, os telespectadores começam a discutir, o cigano para a esquerda, o cigano para a direita, descobrem-se razões, motivações, porkenfim, ninguém tem interesse em passar por parvo. Eu próprio me inclino a pensar que Olavo quis fazer jongleria na corda bamba do motivozinho policial, trocar dos devoradores bisbilhoteiros do crime. Ai tu pensas tu imaginas, tu investigas? Pois toma lá com este cigano pela proa!

O cigano. Pois claro, o cigano. Só podia ser ele. E as navalhas? Uma, inocente, era do Daniel; outra, criminosa, era do António; *a mais criminosa...* era a do cigano. Falta uma. A da quarta navalhada. A do Olavo, que escreveu a peça e mais uma vez anavalhou a «noite de teatro» Pobre teatro! E não há quem investigue!

Investigar? Para quê? Já cá se sabe, meus meninos. A culpa é do cigano. A ciganagem está por detrás de quase todos os crimes. Quem sabe isto, como não descobria logo que o criminoso ontem fora o cigano Ezequiel?

Dos intérpretes pouco há a referir. Todos estiveram lá por acaso. Para fazer um jeito aos amigos. Manuel Lereno levou pessoalmente a ponta da navalha que se tinha partido na costela; a Anabela Lereno era a telefonista que informava; Irene Cruz que partiu o retrato; Lourenço noivo da Conceição, elegante na farda de tenente; Madalena Braga trazia ao marido os almoços frugais; Luís Cerqueira era mais uma vez farmacêutico; Júlio Cleto, mais uma vez contínuo, era a única personagem indispensável da peça, pois foi ele quem descobriu o cigano a descascar a maçã ca navalha. O próprio Joaquim Rosa, que teve um trabalhão dos demónios para não fazer coisa nenhuma é o que mais merece da nossa piedade, por isso mesmo.

Quanto a Olavo, o choradinho do costume: «*que pena, ele, o autor dos célebres diálogos da rádio...*» Não, não faço mais isso. Parece que estamos a falar de alguém que já morreu.

— Ai não? Ainda não morreu? — perguntam-me aqui ao lado

Eu, indeciso, sem saber nada do que vai pelo mundo. Uma coisa sei eu: quem matou foi o cigano. Se não houvesse ciganos, sempre queria eu ver como se escreviam peças. E como se transmitiam

Ruy Ferrão, o realizador, descobriu o piloto automático das câmaras. Deixa-o a funcionar e vai tomar uma bica e dar dois dedos de conversa. As câmaras, obedientes, não saem do mesmo lugar. Ou será poliomielite?

NOTÍCIA DAS ARTES PLÁSTICAS

Era assim, quando anunciavam «Notícia das Artes Plásticas» eu pegava em mim e ia dar uma volta. Espairecer.

Notam-se, porém, sinais de melhoria. Já ontem a rubrica se justificou segundo o título que ostenta. Destaquemos o lugar principal dado aos artistas portugueses, como convém. E recordemos as actuações sem sebenta á vista, de João Cutileiro, João Vieira (cenógrafo do «D. Quixote», premiado em Barcelona) e do pintor Tomás Mateus.

Tomás Mateus falou, num improviso em que a natu-

(Continua na pág. seguinte)

Rádio

DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir? 17: Ginástica de pausa, pelo dr Marques Pereira, programa da tarde; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 05: Sucessos franceses; 18 e 20: Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: A orquestra de Franck Chacksfield; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O pianista Oscar Peterson; 20 e 40: Apresentação do folhetim «Pedro Alvares Cabral» original de Alice Ogando; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: A orquestra de Duke Ellington; 21 e 40: Tom maior; 22 e 30: Musica ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 23 e 40: Serenata de Coimbra; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Festival de Bayreuth de 1968, em gravações cedidas pela Rádio de Baviera; 18: Musica do século XX: Obras de Francis Prulenc; 19: Horizonte, semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore português — Musica da Beira Alta recolhida por Artur Santos; 19 e 45: Musica de piano de Albeniz por Alícia de Larrocha; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica instrumental; 20 e 30: Missa do Papa Marcelo (Palestrina); 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Camara, sob a direcção do Maestro Silva Pereira; 21 e 31: Panoramas da história pelo doutor João Ameal; 21 e 50: Sonata em mi bemol maior para dois pianos (Müthel); 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º Programa — (Cultural em MF 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Musica de piano; 23 e 30: Musica sinfónica; 00 e 18: Quarteto em ré menor, op. 34 (Dvorak) — Quarteto Kohon; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 05: Conjuntos Vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 03: Diapasão; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P B X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-gô; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: Alta fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora; 2: FM-67; 4: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Rabiolas; 19 e 45: Crónica feminina; 20 e 05: Rádio placard; 20 e 20: Norte dia a dia; 21 e 05: Cabina de escuta; 21 e 10: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 02: Rádio Jornal, 22 e 30: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Cartaz musical das Américas; 18 e 25: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Fados na noite; 21 e 45: A voz de Roberto Carlos; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica ligeira variada; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2 — **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

HOJE PODE VER...

Novas peripécias conjugais em «As nossas queridas mulheres»

MICHELINE PRESLE, actriz bem conhecida, figura popular do cinema francês, é Eva, a heroína de «As nossas queridas mulheres»

EVA (Micheline Presle) e seu apaixonado marido (Daniel Gelin) continuam esta noite as suas aventuras e peripécias no dia-a-dia da vida de um casal feliz, burguês, burguês de Paris, mas com os seus problemas, é claro. Mas problemas que, por vezes, são cómicos, alegres, ou até burlescos. Mas, às vezes, também surgem crises mais sérias, bem mais graves. Ou não. Com a graça francesa (a ironia, tão-só, da burguesia parisiense) Eva e o marido vão comparecer esta noite, outra vez, no pequeno «écran».

Desenhos animados com «Pork Pig»

PARA OS MAIS PEQUENOS (e para muitos dos mais crescidos...) há cerca de um quarto de hora de aventuras movimentadas e risonhas. É a «Lanterna Mágica», com desenhos animados da série «Porky Pig».

A «Heróica» de Beethoven em «Auditório Musical»

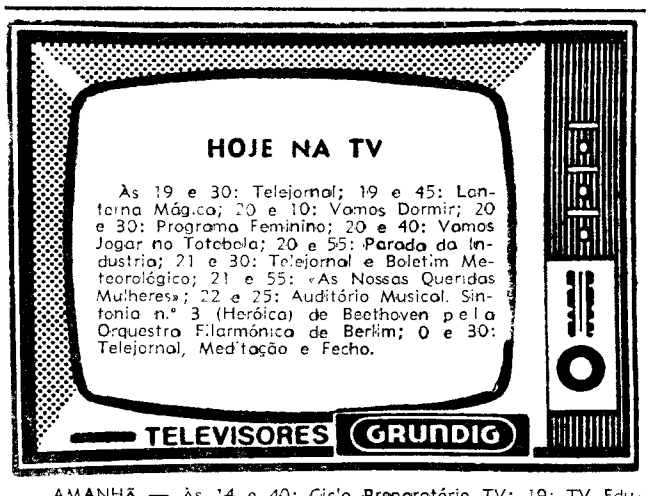
ESTA NOITE o «Auditório Musical» é inteiramente preenchido com a Sinfonia n.º 3 («Heróica»), de Beethoven, executada pela Orquestra Filarmónica de Berlim, sob a direcção de Rafael Kubelik. O programa (que se integra numa série de filmes executados expressamente para a Televisão com grandes obras musicais interpretadas por consagrados conjuntos orquestrais e, também, por consagrados solistas) foi dirigido por Henri Colpi, realizador francês deveras conhecido e muito distinguido, pois é autor de uma obra cinematográfica — que abarca a montagem, o documentário e a grande-metragem — que tem merecido a melhor atenção da crítica e do público (cite-se, a propósito, «Une aussi longue absence», seu primeiro filme de fundo).

A «Heróica» é, talvez, na obra de Beethoven, a mais celebrada das suas sinfonias. Grandiosa, empolgante, ela é, pode dizer-se, a imagem do próprio autor, de quem tanto se tem escrito e dito, de quem tanto se pode (e deve) dizer, recordando sua obra e sua vida.

Dizer que é um dos génios da Música, o Poeta-Músico por excelência. Pelo lirismo apaixonado, dramático, pela liberdade de expressão condicionada sempre pelo maior equilíbrio formal pelo amor à Natureza e aos grandes ideais do Homem, pela luta contra as convenções, na sua ânsia de vida desagrilhoada.

Num ambiente de pobreza decorreu a sua infância: o pai, alcoólico, levou o lar à miséria e quis então aproveitar os dons artisti-

(Continua na pág. seguinte)



AMANHÃ — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30, Telejornal; 19 e 50, Quarto dos brinquedos; 20 20, Vamos Dormir; 20 e 30, Programa feminino; 20 e 45: Sangue na Estrada; 20 e 55: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal e Boletim meteorológico; 21 e 55: Noite de Cinema: «Objectivo, Burma»; 23 e 55: Telejornal; 24: Meditação e Fecho.

A ESPANHA CONCORREU AO «VI FILM AND TELEFORM»

TERMINOU há dias, na Checoslováquia, o «VI Film and Teleform», que se inliciou no dia 29 do passado mês de Outubro.

A Televisão Espanhola concorreu com os seguintes títulos:

«La canción del olvido», com legendas em inglês. «Pamplona de Hemingway» em espanhol. «La sima», em versão inglesa. «Artesanía Española», em versão italiana. «Gastronomía», em versão italiana. «Castillos de Segovia», em versão italiana. «Zurbarán», em versão italiana. «La justicia del buen alcalde», em espanhol. «España monumental», em versão inglesa.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Vendo
Consolidado 4 3/4% ..	—	—	—
Consolidado 3%	—	—	—
Consolidado 3 1/2% ...	—	—	—
Centenários 4%	—	—	—
Obrigs Tesouro 5 % ...	—	—	—
Externo série	—	—	790$
Externo série C.	—	800$	828$
Externo 3 série	—	—	850$
Externo 3 série C.	—	—	—
Cauteles 3 série	—	175$	200$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	470$	—
A [illegible] 5% 56	—	945$	950$
A [illegible] 5% 58	—	—	—
C [illegible] 4 1/2 % 65	—	—	910$
C [illegible] 4 1/2 % 67	1 020$	1.020$	1.025$
C U [illegible] 5%	—	—	—
C J [illegible] 5% 58	—	—	1 018$
Gás Elect 4% 48	—	820$	—
Gás Elect 4 [illegible]% 51 ...	860$	860$	880$
Gás Elect 5% 54	—	910$	—
Gás Elect 5% 58	—	900$	—
Gás Elect 5% 59	—	900$	—
Gás Elect 5% 62	—	936$	950$
Gás Elect 5% 63	—	925$	—
Gás Elect 5% 65	—	925$	—
Gás Elect 5% 67	1.030$	—	—
H [illegible] A Alentejo 5% ...	—	835$	—
H [illegible] Cávado 5%	—	—	850$
H [illegible] Cávado 6%	1.003$	—	1.004$
H [illegible] Douro 5%	—	840$	849$
H E. Douro 6%	1.003$	—	1.003$
H [illegible] Norte Port 5% ...	—	—	—
H [illegible] Estrela 6% ...	1.004$	—	1.004$
H [illegible] Zêzere 5% 55 ...	—	835$	—
H [illegible] Zêzere 5% 57 ...	—	830$	—
Lisnave 6%	—	1.010$	1.020$
Metropolitano 4%	—	896$	900$
Metropolitano 5 3/4 %	—	1.015$	1.018$
Moçambique 5%	—	740$	—
Nac Electr 5%	845$	840$	850$
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5 %	860$	860$	870$
Port Celul 5%	—	960$	980$
Sacor 5% 54	945$	940$	—
Sacor 5% 60	—	890$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	815$	830$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	820$
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	830$
Sonete 5%	—	800$	820$
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5% ...	830$	825$	—
U E P 3 3/4 %	—	81$	—
U E P 4%	—	81$5	82$5
U E P 4 1/2 %	—	87$	—
U E P 5%	—	—	838$
U E P 5% 60	—	82$	85$
U E P 5% 63	—	855$	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	—	1 010$	1.050$
Alentejo	625$	628$	628$
Angola	1.650$	1.630$	1.650$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	1.890$	1.910$
E. Santo	—	—	14.000$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S p.	—	—	14.000$
L & Açores p.	—	3.900$	3 950$
L & Açores n.	—	—	—
P Atlântico p.	—	5.700$	6.200$
Portugal n	—	2.400$	2.500$
Portugal p	2.850$	2.820$	—
Totta Aliança	4.450$	4.400$	4.500$
Ultramarino n.	1.632$	1.635$	1.640$
Ultramarino p.	1.735$	1 733$	1.738$
Seguros			
Alentejo	—	78$	80$
Douro	—	—	—
Mundial	370$	369$	375$
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	40.000$	45.000$
Ultramarino	—	8 500$	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	—	—
Ag Casequel	—	—	—
Ag Incomati	—	1.300$	1.350$
Ag Neves	—	130$	150$
Ag S Tomé e Príncipe	—	150$	—
Boror	120$	116$	—
Buzi	—	60$	62$
Cabinda	48$	146$	50$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Vendo
Diamantes Angola	1.175$	1.174$	1.175$
H E Revué	—	—	600$
Ilha do Príncipe	800$	760$	850$
Moçambique	62$	61$	63$
Sonete n	—	265$	—
Sonete p.	275$	273$	275$
Zambézia	—	44$	46$
C Diversas			
Cidla	—	6 950$	7.000$
Cim Leiria	—	2.080$	—
Cim Tejo	—	3 300$	—
Col Navegação	—	600$	620$
C U F	995$	—	—
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	—	—
Port e Colónias	1.250$	1 250$	1.260$
Port Celulose	—	—	3 250$
Port Pesca	—	650$	—
Port Tabacos	495$	493$	496$
Sacor	—	4 800$	5.000$
Siderurgia Nac	—	—	1.085$
Sonec	—	2 130$	2 180$
Tabacos de Portugal ...	—	930$	—
Tabaqueira	10 500$	10 550$	11 000$
U E Azoto	—	685$	690$
Aguas Electricid e Gás			
Aguas Lisboa p	—	395$	—
Aguas Lisboa 34	—	400$	—
Aguas Lisboa 36	—	395$	—
Eléct Beiras	—	1 505$	—
Gás Electr	388$	387$	388$
H E Alto Alentejo	157$	—	157$5
H E Cávado	1 245$	1.240$	1.250$
H E Douro	1.204$	1.204$	1.205$
H E Norte Portugal ...	—	315$	317$
H E Estrela	—	1.500$	1.750$
H E Zêzere	—	1 290$	1.300$
Nac Electricidade	1.285$	1 282$	1.290$
Termoeléctr Portugues	1.290$	1 288$	1 300$
U E P	188$	187$5	189$
FUNDOS DE INVESIMENTOS			
F I Atlântico	—	151$8	156$3
F I D E S	—	104$2	107$3

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	20/11/68	26/11/68	27/11/68
GERAL	105,7	106,2	**106,8**
METROP	104,5	104,9	**105,6**
ULTRAM.	114,6	115,7	**115,8**

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	36$00	38$50
América:		
Dollar de 1 e 4	28$20	28$60
Dollar de 5 a 1000...	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$30	26$80
Alemanha — Marco ...	7$10	7$30
Argentina — Peso	—$—	—$—
Austria — Shilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	8$50
Espanha — Peseta	$39,5	$41,3
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	67$00	69$50
Itália — Lira	$04,5	$04,7
Marrocos — Dirham ..	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$53,5	$56,5
França — Franco	5$20	5$70
Suíça — Franco	6$58	6$78
Dinamarca — Coroa ...	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro		
Inglaterra — Libra ...	3 5$00	330$00
Inglaterra — 1/2 Libra	230$00	250$00
Ouro Fino — Barra ...	36$00	38$50

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras
RUA DO OURO 72 Papéis de crédito
Tel. 321273

«AUDITÓRIO MUSICAL»

(Continuação da pág. anterior)

cos do filho, iniciando-o na música com o objectivo de fazer dele um novo Mozart. Os maus tratos que lhe infligia nas lições, os sucessivos estudos a que o obrigava não mataram porém no juvenil executante, o gosto pela arte, avivado depois pelo ensino do organista Neefe, espírito culto a quem Beethoven ficou a dever o conhecimento da obra de Bach e Clementi.

Toda a sua vida teve problemas, dificuldades e desgostos de família. Depois veio a etapa mais dura da doença: a surdez total.

O que faz de Beethoven o mais apaixonante dos compositores clássicos não é só a imensidão desesperada da sua obra — uma obra sem repouso, qual combate ansioso contra o tempo. É também e sobretudo a densidade da sua escritura musical; em cada frase ele insere toda a sua vida presente, com tudo o que comporta o presente de um homem da sua talha. É o universo de Beethoven. Uma densidade patética que encontrou na execução da Orquestra Filarmónica de Berlim, na direcção de Rafael Kubelik, na realização de Henri Colpi, intérpretes notáveis e apaixonados.

SINTRA ESPERA-O
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

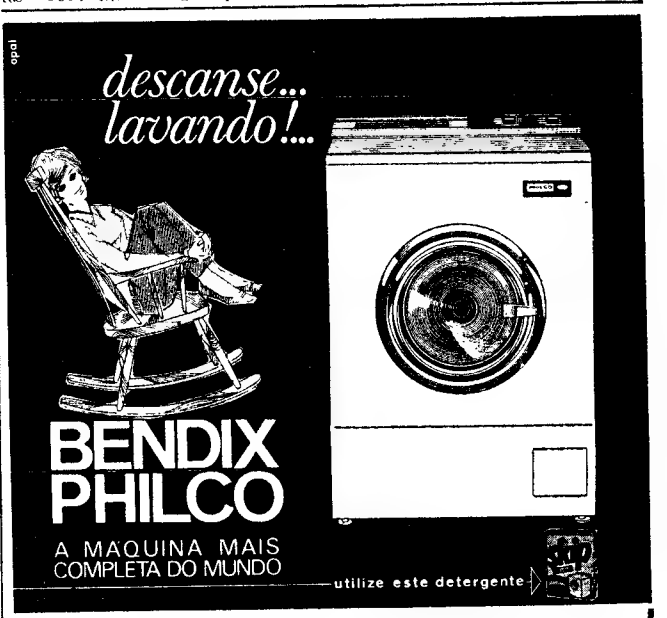
... TV DIA A DIA ...

(Continuação da pág. anterior)

ralidade e a propriedade das expressões se deram as mãos, das relações entre o artista e a realidade. Esta apresenta-se como um tecido complexo que não pode ser abarcado com um olhar futil. Um caminhar lento e em profundidade leva á descoberta de novas qualidades, melhor dizendo: de novas realidades. A sujeição ás formas mais aparentes do objecto deve ser substituída pela dinamização do objecto, pela contínua luta de o captar nas suas mais íntimas expressões.

Tomás Mateus, sem pretensiosismos que a televisão não tolera, conversou, discutiu sobre a arte, como se estivesse numa roda de amigos e a palavra, ocasionalmente, lhe pertencesse. A palavra séria e não futil. Como o pincel que maneja.

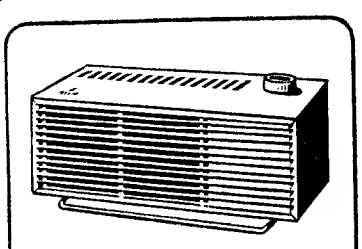
M. C.

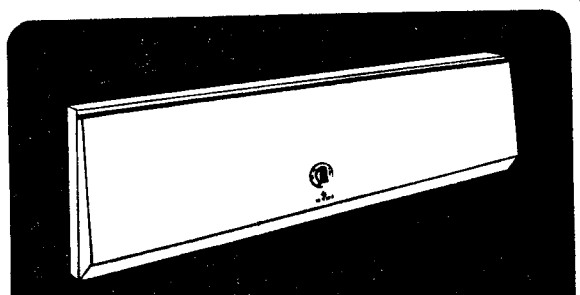


Representantes Gerais em Portugal:
ARNALDO TRINDADE & C.ª, LDA.
RUA SANTA CATARINA, 117 — PORTO
VISITE:
SUPERMANOS
LARGO DO MASTRO, 3 A 9 — LISBOA

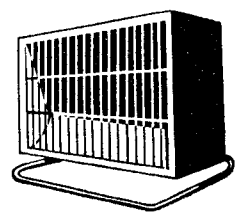
SIEMENS

MATERIAL DE AQUECIMENTO


Termo-ventiladores


convectores PROTOTHERM

barras de INFRA-VERMELHOS


IRRADIADORES

aquecimento eléctrico SIEMENS
À VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS

EM EXPOSIÇÃO NA
SIEMENS-COMPANHIA DE ELECTRICIDADE, S. A. R. L.
LISBOA-1: AV. ALMIRANTE REIS, 65 — TELEF. 536921 • PORTO: RUA DAS CARMELITAS, 12 — TELEF. 28943

FÁBRICA DE PELES ESTRELA M. L.
MARTINHO, LDA.

APRESENTA A GRANDE NOVIDADE PARA HOMENS E SENHORAS
CASACOS DUBLE-FACE
MODELOS INÉDITOS
Fábrica e escritório: Estrada de Benfica, 382-A — LISBOA

DÁDIVAS

Duas colectividades da mais pura água do desporto nacional viram solucionados problemas comuns, mercê da compreensão dos poderes públicos que evidenciaram uma vez mais a valia social dessas instituições, votadas essencialmente à cultura física e aos desportos.

Apesar disso, apesar dessa concessão que visa fundamentalmente à valorização e enriquecimento do património desportivo nacional, ainda que este se faça através de dois clubes, erguem-se já, aqui e acolá, clamores de descontentamento, vozes que defendem a repartição da fatia em partes iguais, invocando a justiça e a igualdade de direitos.

Temos de admitir que está certo o conceito; «o Sol quando nasce é para todos». Mas pergunta-se: não pode num dia um pai solucionar, com uma dádiva, o problema de um dos filhos da prole numerosa, sem que tenha, nesse mesmo dia, de proceder de igual modo com os restantes não contemplados para calar as suas pretensões?

E. V.

A equipa de hóquei em patins do Benfica, que, confirmando o favoritismo que se lhe atribuía, conquistou o título nacional

HÓQUEI EM PATINS

BENFICA: CAMPEÃO NACIONAL

• A JUVENTUDE SALESIANA CONQUISTOU O TÍTULO DE JUNIORES

Ainda muito antes do início do primeiro jogo já era difícil a entrada no Pavilhão dos Desportos. O público acotovelava-se na única porta de acesso ao recinto. Os jogadores do F. C. Porto, só puderam penetrar no recinto saltando um dos varandins da parte externa do pavilhão. Depois abriram-se mais portas. Não ficou um lugar vago. Confirmava-se o renascimento do entusiasmo do público pelo hóquei patinado.

O primeiro jogo acicatou o entusiasmo para o que se lhe seguiria, o público torceu pela equipa de Luanda, tal a infelicidade que a perseguiu na conquista dos golos que tantas vezes lhe fugiram inglòriamente. Não que os portuenses, não lhe fossem superiores e fizessem incontestàvelmente jus ao seu triunfo.

Ao grande jogo da noite algo lhe faltou que o tornasse digno do entusiasmo de que se rodeou. Apenas um golo para cada lado. Momentos aqui e além de agrado. Boa luta é certo, mas o processo adoptado tàcticamente terá servido os desígnios das equipas, mas não serviu o público.

O Ferroviário cedo marcou — dois minutos — com certas culpas para a defensiva adversária, Carrelo, rematando de longe, causou calafrios aos lisboetas. Mas depois e até ao intervalo o domínio foi absoluto dos lisboetas, que tiveram então os melhores momentos do desafio e alcançaram o golo que valeria o título.

A segunda parte, teve características diferentes. Os laurentinos não se afoitavam ao ataque; os benfiquistas tentavam chamá-los ao seu reduto, contra-atacavam, para renunciarem já perto da baliza e assim se arrastou o encontro até ao apito final.

Depois belos momentos de desportivismo. Entrega da taça pela direcção federativa. Volta ao recinto pelos campeões e saída para as cabinas sob os aléus dos adversários.

O resultados foram os seguintes:

F. C. Porto-L. e Benfica	4-0
Benfica-Ferroviários	1-1

Classificação final:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Benfica..	6	4	2	—	20-5	16
Ferrovi.	6	2	4	—	8-6	14
Porto ...	6	2	1	3	8-7	11
Luanda..	6	—	1	5	6-21	7

Melhores marcadores: Livramento, 6; Jorge Vicente, 6 e Garrancho, 5, do Benfica, Ricardo, F. C. Porto, 4, Amílcar, Ferroviário e Alvaro, Luanda, 3.

Derrota do S. N. E. C. I. empate da J. Salesiana em juniores

A derradeira jornada do «Nacional» de juniores, veio a fornecer dois resultados fora das previsões:

Valongo-S.N.E.C.I.	4-2
J. Salesiana-Lobito	2-2

Não tem discussão a vitória dos nortenhos, enquanto os «estorilistas» jogaram o suficiente para vencerem, mas se atendermos aos resultados entre as mesmas equipas na primeira volta: 2-1 a favor dos moçambicanos e 4-0, para os salesianos, há que registar terem falhado os vaticínios.

A Juventude Salesiana conquistou o título com todo o merecimento, um excelente prémio para a obra do clube em prol da modalidade.

Classificação final:

	J.	V.	E.	D.	B.
J. Salesiana	6	4	2	—	19-8
S. N. E. C. I.	6	3	1	2	19-5
Valongo	6	2	—	4	10-11
Lobito	6	1	1	4	7-21

Carrelo e Livramento, «capitães» das equipas do Ferroviário e do Benfica, na cerimónia da troca de galhardetes que antecedeu o empolgante jogo entre as suas equipas.

«TANTO ENTUSIASMO NÃO O VIA DESDE 1965»

—palavras de LIVRAMENTO

— **Foi um bom campeonato. Estiveram nele as duas melhores equipas da metrópole. O Benfica com dez meses consecutivos de hóquei, não podia deixar de se ressentir. Sabíamos bem as dificuldades que se nos iriam deparar, nesta arrasante final da competição.**

Livramento, o grande hoquista do Benfica, mostrava-se radiante com o tempo. Prosseguiu:

— **Este jogo com o Ferroviário foi o melhor de todos. Era difícil e confirmou-se. O Ferroviário possui excelentes jogadores. Luta taco a taco, correcção. É certo que o nosso adversário jogou um pouco sobre a defesa, explorando o contra ataque e á espera dum deslize da nossa parte e ele surgiu no seu golo!**

«Está de parabéns o hóquei em patins Desde 1965 — quando do Portugal-Espanha, que não via tanto entusiasmo da parte do público.

CARRELO: «O título está bem entregue»

CARRELO, o «capitão» da excelente equipa do Ferroviário de Lourenço Marques falou-nos do campeonato:

— Foi um campeonato de nervos! Arrasante. Pouco a pouco sentíamos dificuldades físicas. Só dez dias antes soubemos que viríamos. Estávamos parados e tivemos de recorrer a uma preparação momentanea. Acabámos por ir além do que esperávamos!

E analisando os adversários:

— Que preocupação nos deu a equipa de Angola. Foi uma surpresa agradável!

— Repararam que não tivemos nenhum jogo facilitado. Fizemos esforços em demasia.

— Que bela equipa a do F. C. Porto, das melhores da competição.

E o Benfica?

— Normal. Defrontei-o no terceiro ano consecutivo. Sensìvelmente no mesmo nível. Não evoluiu! Mas foi a equipa mais regular. O título está bem entregue.

E Carrelo pediu para falar das arbitragens. E disse:

— Somos uma equipa correcta No nosso ambiente nunca temos jogadores punidos. Aqui não compreendi as nossas expulsões. Muito se ressentiu a minha equipa moralmente dessas decisões.

DESPORTO

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

✲ *As equipas de «reservas» do Benfica e do Desportivo da CUF defrontaram-se em Faro. O jogo terminou com um empate sem golos, procedendo-se, para desempate, á marcação de grandes penalidades. Então o Benfica triunfou: 6-5.*

✲ O Concelho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol aplicou ontem numerosos castigos. A primeira divisão teve, no entanto, apenas um jogador punido: Adé, da Sanjoanense, suspenso por três jogos.

Da segunda divisão o castigo mais pesado foi o de João J. Almeida e Silva («Faia»), do Luso: 4 jogos.

✲ *Hurst marcou o golo com que a selecção de Inglaterra venceu ontem (1-0) a da Irlanda do Norte, em Belfast.*

✲ Foi ontem inaugurada a instalação eléctrica do campo de jogos do Amora F. C. Nos dois encontros de futebol incluídos no festival comemorativo, o Amora venceu o Seixal por 1-0 e o Vitória de Setúbal derrotou o Sesimbra por 3-0.

✲ *A selecção de juniores voltou ontem a treinar-se na Tapadinha.*

Slovan, 4—F. C. Porto, 0

Quem poderia deter o SLOVAN?

BRATISLAVA — (Por Zdenek Seek, especial para o «Diário de Lisboa») — **Ontem, no confronto com a equipa portuguesa do F. C. Porto, quase seria impossível fazer parar essa máquina impressionante de regularidade e ritmo que foi o conjunto do Slovan.**

Só outra turma de idêntico poderio atlético e com alto índice de capacidade técnica poderia assim neutralizar uma força como a da equipa checa (que chegou a surpreender os seus próprios adeptos), que soube ser veloz, pôde revelar suficiente entendimento e ligação para fazer vir ao de cima as vantagens desse atributo e foi... positiva.

Ora a verdade é que ao F. C. Porto, mais do que predicados de ordem técnica escassearam, sobretudo, forças físicas para correr de igual modo e durante os noventa minutos do desafio, de forma a poder discutir em todas as zonas do terreno a solução dos lances e a consequente posse do esférico.

Foi sobretudo essa ausência de poder atlético, não exactamente no absoluto, mas no que se pode considerar de relativo para com o adversário, que a turma portista sossobrou. Enquanto se não fizeram sentir os efeitos demolidores do futebol de choque, largo, de velocidade do esférico e de pernas imposto pelos homens do Slovan, ainda os portugueses, mercê da sua excelente técnica individual, do seu acentuado espírito de sacrifício e entreajuda, puderam nalguns períodos equilibrar a partida no aspecto territorial. Mas quando se aproximou o período final do despique sem que os checoslovacos reduzissem o ritmo infernal, a rapidez quase diríamos diabólica, com que arrancavam para o esférico e com este na sua posse para a baliza de Américo era já impossível aos depauperados jogadores portugueses fazer prevalecer as condições de natureza técnica no equilíbrio do «score».

Acrescente-se ainda por ser autêntico que embora pertencesse ao Slovan o predomínio das coordenadas do jogo, o conjunto português, do F. C. Porto, foi também uma equipa marcada pela fatalidade.

Tivesse o «onze» portista a seu favor, um pouco daquela indispensável felicidade em competições desta natureza e talvez que os portugueses, ainda que vencidos em Bratislava, tivessem, no entanto, vencido a eliminatória.

Djalma e Pinto, cada um por sua vez, tiveram e desperdiçaram ensejos de fazer chegar a bola ao fundo da rede checa quando ainda o marcador acusava os 2-0. Com esse tento (que valeria dois) talvez que os portugueses revelassem o «segundo fôlego» para defender então essa conquista, pequena, mas decisiva.

Tudo, porém, é subjectivo, e do encontro apenas uma saudade ficou: ontem seria quase impossível deter este Slovan, que teve sempre em seu poder todas as armas para derrotar os portugueses: técnica, globalismo, força... sobretudo muita força.

As equipas apresentaram as seguintes formações, sob a arbitragem do turco J. Babagan:

SLOVAN — Vencel; Mutcovic, Hrievnak, Horwath e Zlocha; Cvetler, Josef Capkovic e Hrdlicka; Moder, Jakl e Jan Capkovic.

F. C. PORTO — Américo, Bernardo da Velha, Valdemar, Atraca («capitão») e Sucena; Lisboa, Rolando e Pavão; Pinto, Djalma e Nóbrega.

Marcaram pelo Slovan: Capkovic, aos 23 e aos 83 minutos, e Jokl, aos 46 e aos 88, este de grande penalidade.

Nos checos, Capkovic foi substituído por Bizon, e nos portugueses, Lisboa cedeu o lugar a Vítor Gomes. As duas substituições foram feitas já muito perto do fim.

VOLTA AO ESTADO DE S. PAULO

MANTÊM-SE AS POSIÇÕES DOS CORREDORES PORTUGUESES

LINS (São Paulo), 28 — (A.N.I.) — A 15.ª etapa, corrida ontem na «Volta ao Estado de São Paulo), entre Penapolis e Lins, num percurso de 43 quilómetros, foi ganha por Pedro Geraldo da equipa brasileira «Monark», em 1 h. 15 m. 56 s., tendo chegado em 5.º lugar o português Emiliano Dionísio (com o tempo de 1 h. 17 m. 14 s.) e no 6.º posto Joaquim Agostinho, com o mesmo tempo.

Os outros portugueses que participam na «Volta» chegaram á meta pela ordem seguinte:

13.º, Vítor Tenazinha, 1 h. 17 m. 24 s.; 17.º, Leonel Miranda, mesmo tempo e 26.º, Sérgio Páscoa 1 h. 19 m. 49 s.

A classificação geral individual ficou assim ordenada:

1.º, Roberto Sorlini (Itália), 33 horas, 33 minutos e 36 segundos; 2.º, Joaquim Agostinho (Sporting), 33 36 26; 3.º, Vítor Tenazinha (Sporting), 33 39 18; 4., Leonel Miranda (Spt.), 33 40 58; 5.º, Paulguti (Fr.), 33 41 27; 6.º, Luciano Barsocci («Monark»), 33 41 40; 7.º, Saul Alcantara (Caloi), 33 43 18; 8.º, P. Araud (Fr.), 33 46 56; 9.º, Michelbon (Fr.) 33 47 21; 10.º, P. Gerald («Monark»), 33 49 38; 23.º, Emiliano Dionísio (Spt.), 34 09 38 e 28.º, S. Páscoa (Spt.), 34 32 54.

Classificação geral por equipas:

1.º, Sporting, 100 49 59; 2.º, «Monark», 101 00 50; 3.º, França, 101 03 33; 4.º, «Caloi», 101 15 41; 5.º Itália, 101 17 32; 6.º «Gallo», 102 00 55 e 7.º, Pirelli 102 17 33

Hoje, disputa-se a 16.ª etapa entre Lins e Bauru, num percurso de 108 quilómetros.

Dois portugueses considerados «de primeira categoria»

No Congresso da União Ciclista Internacional, que está a realizar-se em Genebra, dois ciclistas portugueses foram incluídos entre os de primeira categoria Américo Silva e Joaquim Agostinho, respectivamente, vencedor e 2.º classificado da ultima Volta a Portugal.

Neste Congresso, Portugal está representado pelo presidente da Federação, Idalino de Freitas

Emiliano Dionísio: quinto lugar na etapa de ontem

Basquetebol

SORTEIO DO CAMPEONATO DE LISBOA (equipas femininas)

Na Sede da Associação de Basquetebol, realizou-se, ontem o sorteio da fase final do campeonato regional da I Divisão, feminino, que forneceu os seguintes resultados:

Dia 2 de Dezembro: Algés-Ed. Física. *Dia 4:* Algés-Encarnação. *Dia 6:* Ed. Física-Encarnação.

Na reunião dos delegados que se efectuou a seguir foi dado conhecimento de que para a época de 1969/70 passarão a disputar a I Divisão (feminino) os seguintes clubes: Sporting, Benfica, Cif. Nacional, Sintra, Algés, Ed. Física e Bairro Encarnação.

*

Foi marcada, para o dia 3 do próximo mês a jornada da 1.ª Divisão Regional masculino que não se chegou a realizar por falta de policiamento. Apurou-se agora, que aquele «estranho» facto ficou a dever-se a um telefonema anónimo, para a respectiva esquadra da polícia dizendo não ser necessário deslocar ao ginásio do Técnico os agentes da P. S. P. pois os jogos tinham sido adiados.

Os encontros em questão são: Lisgás-Liberdade, Carnide-Técnico e Sacavenense-Ateneu.

NOVO MÁXIMO MUNDIAL

ROMA, 28 — (F. P.) — O britânico Fred Miles estabeleceu, em Sabaudia (100 quilómetros a sul de Roma) novo «máximo» mundial de velocidade num quilómetro, na categoria dos «fora de borda de 850 cm3», com a média de 93,582 km/h. O antigo «máximo» pertencia ao francês Gujard com 88,240 km/h.

ATLETISMO

Novos dirigentes na Associação de Lisboa

Na sede da Associação de Atletismo de Lisboa, efectuou-se, ontem á noite a assembleia geral ordinária, com a seguinte ordem de trabalhos:

Apreciação, discussão e votação do Relatório, Contas da direcção e Parecer do Conselho Fiscal, réferente á gerência de 1968; e eleição dos Corpos Gerentes para a época de 1969.

Presidiu ao acto, o eng.º Rasquilho Raposo, estando presentes os delegados do Sporting, Benfica, Belenenses, Cdul, Atlético de Moscavide e Almada A. C.; e, ainda o presidente e vice-presidente da Federação, bem como, outros dirigentes ligados á modalidade.

As contas foram aprovadas por aclamação, tendo os novos dirigentes sido eleitos por unanimidade. Passam a presidir aos diversos órgãos associativos: *Assembleia geral* — eng.º Rasquilho Raposo; *Direcção* — Gilberto Miranda Cardoso; *Conselho Fiscal* — João Dionísio da Silva; *Conselho Juridicional* — dr. Artur Madeira da Silva; *Conselho Técnico* — António da Silva Pardal.

Usou da palavra o presidente da Federação, dr. António Tender, que se referiu largamente aos problemas que atormentam a modalidade e, sobretudo, aos dirigentes nos diversos escalões hierárquicos.

Fez judiciosas considerações quanto á estruturação do desporto especialmente, no caso do atletismo, e, lamentou que os actuais processos orgânicos não possam corresponder aos anseios dos dirigentes, clubes e atletas.

Por fim manifestou, em nome da Federação, o agradecimento aos dirigentes associativos que saíram e fez votos para que os novos possam dar valioso contributo á modalidade.

Encerrada a assembleia, procedeu-se imediatamente a título provisório e precário ao acto de posse dos novos dirigentes. Para agradecer a confiança depositada nos novos elementos directivos falou o sr. Gilberto Cardoso.

A VOLTA À ESPANHA PARTIRÁ DE BADAJOZ

MADRID, 28 — (F. P.) — A «Volta á Espanha», do próximo ano, partirá de Badajoz em 24 de Abril e terá o seu termo, em 11 de Março, em Bilbau, segundo comunicou o director da «Vuelta», Luís Bergareche, ao partir para Zurique, onde será aprovado definitivamente o calendário da prova.

TOTOBOLA

O NOSSO PALPITE

Leixões - Varzim	1
Sanjoanense-Atlético ...	1
Vit. Setubal-Sporting ...	X
Spt. Braga - Guimarães	2
Belenenses-C. U. F. ...	X
Benfica - Académica ...	1
U. Tomar-F. C. Porto...	2
Salgueiros - Penafiel ...	1
Ac. Viseu-Gouveia	1
S. Espinho-Tirsense ...	X
Lusitano - Montijo	1
Almada-Oriental	1
Alhandra - Sesimbra ...	X

O DIA DE FUTEBOL EUROPEU

LONDRES, 28 — (A.N.I.) — Resultados dos encontros disputados ontem para os vários torneios de futebol europeu:

«Taça dos Clubes Campeões Europeus», segunda eliminatória, segunda «mão», Fenerbahce (Turquia)-Ajax de Amsterdão (Holanda) — não se realizou por o campo estar alagado.

Akademisk Boldklub (Dinamarca)-A. E. K. de Atenas (Grécia), 0-2 (0-1 ao intervalo). O A E. K. qualificou se com 2-0 nos dois jogos. Anderlecht (Bélgica)-Manchester United (Inglaterra), 3-1 (1-1).

O Manchester qualificou-se, com 4 3 nas duas «mãos». Estrela Vermelha de Belgrado (Jugoslávia)-Celtic (Escócia), 1-1 (0-0). O Celtic foi qualificado, com 6-2 no dois jogos. Spartak Trnava (Checoslováquia)-Reipas Lahti (Finlândia), 7-1 (4-0).

Spartak qualificado com 16-2.

«Taça dos vencedores das Taças»: segunda eliminatória, segunda «mão»: Colónia (Alemanha Ocidental)-A. D. O. de Haia (Holanda), 3-0 (1-0). O Colónia foi qualificado, com 4-0 nos dois jogos. Olympiakos (Grécia)-Dunfermline (Escócia), 3-0 (3-0): Dunfermline qualificado com 4-3. Sliema Wanderers (Malta)-Randers Freja (Dinamarca), 0-2 (0-2): Randers qualificado com 8-0.

West Bromwich Albion (Inglaterra)-Dynamo de Bucareste (Roménia), 4-0 (2-0): West Bromwich qualificado com 5-1.

«Taça das Cidades com Feira», segunda eliminatória, segunda «mão»: Napoles (Itália)-Leeds United (Inglaterra), 2-0 (1-0). Leeds qualificado por moeda ao ar, 2-2 nos dois jogos.

Slavia de Praga (Checoslováquia)-Hamburgo (Alemanha Ocidental), 3-1 (2-0). Hamburgo qualificado com 5-4.

Fiorentina (Itália)-Hansa Rostock (Alemanha Oriental, 2-1 (1-1). Fiorentina qualificado por ter marcado mais golos no campo do adversário. Total da eliminatória: 4-4.

Interligas:

Irlanda do Norte-Inglaterra, 0-1 (0-1).

O presidente da Câmara Municipal no Rio de Janeiro

O Lisboa Clube Rio de Janeiro recebeu ontem a visita do presidente da Câmara Municipal de Lisboa, que ali inaugurou um conjunto de melhoramentos: nomeadamente no ginásio e nos balneários.

Uma atleta da coletividade (a pingue-ponguista Angela Lisboa) entregou ao general França Borges uma lembrança que reflecte o reconhecimento pelo apoio camarário, cifrado ainda num subsídio de trinta mil escudos, concedido ao Rio de Janeiro.

SPORTING: eleição dos novos dirigentes

A Assembleia geral do Sporting reune-se hoje em sessão ordinária, estando a primeira convocação fixada para as 17 horas, e com a seguinte «agenda» de trabalhos:

1.º — Aprovar o orçamento das receitas e despesas para 1969.

2.º — Eleger para o biénio de 1969-1970 o presidente e o vice-presidente da mesa da assembleia geral, o presidente e o vice-presidente (para as relações externas) da direcção e o presidente e o vice-presidente da fiscalização de contas do Conselho Fiscal e Disciplinar.

É certa a recondução dos presidentes: o dr. Amado de Aguillar será o presidente da Assembleia Geral ocupando a vice-presidência o dr. Julio César da Silva Gonçalves; á Direcção presidirá o dr. Brás Medeiros, ocupando o dr. Pereira da Silva a vice-presidência, nas Relações Externas e António Romero será o presidente do Conselho Fiscal enquanto o dr. José Alves de Carvalho, exercerá as funções de vice-presidente da parte de Contabilidade.

A votação processar-se-á até á meia-noite, embora os restantes assuntos da ordem dos trabalhos sejam suspenso ás 21 e 30 horas. O Sporting regressa assim á normalidad. directiva.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa da II Divisão: C. D. U. L.-Oriental, ás 20 e 30; Casa Pia-Vendedores de Jornais, ás 21 e 45; e Encarnação-Boa Hora, ás 23 horas, no pavilhão da Tapada da Ajuda.

BASQUETEBOL — Taça dos Clubes Campeões Europeus (masculinos): A. E. K.-Sporting de Lourenço Marques, em Atenas (Grécia).

— Campeonato de Lisboa da I Divisão (2.ª categoria): Carnide-Técnico, ás 21 e 30, em Carnide.

BILHAR — Campeonato de Lisboa da categoria de honra, na Associação dos Amadores de Bilhar, ás 21 e 30.

PUGILISMO NA AJUDA

Lacueva (Amadora) — um vencedor brilhante

Houve boxe em Alcântara! O Pavilhão gimnodesportivo da Ajuda foi teatro da primeira sessão dos «Torneio de Propaganda» e Campeonato Regional. O público acorreu em boa quantidade e a bilheteira foi compensadora. Porém, a técnica da maioria dos pugilistas deixou bastante a desejar, tendo aparecido rapazes que não sabiam estar «em guarda» nem lançar «directos» da esquerda.

Sobressaíram, para bom nível, Manuel das Dores (Amadora) e Firmino Santos (Sporting); os restantes, foram valentes, combativos, animosos e nada mais.

Os árbitros demonstraram falta de treino, e tiveram duas decisões que o público não aceitou bem, por desconhecimento das regras. Foram os casos de Manuel Dores (Amadora) e Firmino Santos (Sporting) terem demonstrado tal superioridade sobre os adversários, que obrigaram os árbitros (e muito bem) suspender os combates. Cumpriram, assim, o primeiro preceito do «Manual dos Árbitros da A. I. B. A.»: o de protegerem, primeiro que tudo, o pugilista. Tanto num caso, como noutro, já não era desporto o massacre que se definia.

Para o «Regional», Lacueva de Carvalho (Amadora) produziu excelente exibição, dominando António Guerra (Rio de Janeiro) no segundo e terceiro «assaltos», graças a poderosos «ganchos» ao estômago, numa emocionante reacção (pois perdera o primeiro «assalto», por ter sofrido um derrube, devido a potente directo de Guerra). Foi o melhor combate da sessão, e Lacueva deu indicações firmes de que é um valor que poderá ser aproveitado num futuro mais ou menos próximo.

O ringue, ontem inaugurado, satisfaz as necessidades técnicas e a sua aquisição foi possível graças a um subsídio do Fundo de Fomento á Federação Portuguesa de Boxe O facto de possuir um ringue representa para a Federação um enorme benefício financeiro.

Resultados técnicos do «Torneio Propaganda»

«Galos» — Gilberto Gonçalves (Rio de Janeiro) venceu aos pontos Fernando Pinto (Ginásio do Sul); Manuel Dores (Amadora) ganhou por suspensão do combate pelo árbitro logo no primeiro assalto A inferioridade técnica do pugilista do Rio de Janeiro era bem flagrante; Vítor Hugo (Sporting) bateu aos pontos José Santos (Rio de Janeiro); José Barradas (Ginásio do Sul) venceu José Marta (Rio de Janeiro) por pontos. José Duarte (Estefânia) bateu aos pontos Fernando Gouveia (Sporting).

«Ligeiros» — Farinha Galveia (Sporting) derrotou Francisco Cunha (Mouraria) por abandono ao 1.º assalto; Fernando Santos (Ginásio do Sul) ganhou por pontos a Armando Seco (Sporting); Carlos Alberto (Sporting) ganhou a Raul Martins (Estefânia) por pontos.

«Meio-médio ligeiro» — Firmino Santos (Sporting) venceu Manuel Governo (Mouraria) por o árbitro ter suspendido o combate ao 2.º «assalto», por clara inferioridade de Governo; Mário Castelo (Rio de Janeiro) derrotou Mário Simões (Mouraria) por «K. O.» ao segundo «assalto». O Mouraria combateu sob protesto. Mário António (Sporting) venceu por pontos Pèguinho Poças, que tem estilo muito deficiente, mas qualidades promissoras.

Para o «Regional», Carlos Almeida foi considerado vencedor, por falta de comparência do adversário. Vítor Marques (Rio de Janeiro) derrotou, por «K. O.», ao terceiro «assalto», Fernando Pereira, do mesmo clube.

«Meios-médios ligeiros» — Lacueva de Carvalho (Estrela Amadora) venceu por abandono, ao 3.º «assalto», Augusto Guerra (Rio de Janeiro). Depois de perder o primeiro «assalto», Lacueva reagiu, e, com ataques alternados ao estômago e á cara, castigou Guerra de tal modo que o treinador deste se viu forçado a lançar a toalha para evitar maior castigo.

Os pugilistas vencedores ficaram apurados para as meias-finais, que se disputarão, também, no Pavilhão da Ajuda, no próximo domingo, dia 1, pelas 21 horas.

Os combates foram dirigidos em «roulement» por Raul Reis, Carlos Matos, Pedro Silva e Fernando Almeida

P. A

AGRADÁVEL JORNADA DE VOLEIBOL

Para distribuição dos prémios referentes á época de 1967/68, a Associação de Voleibol de Lisboa promoveu ontem no Pavilhão do Estádio Universitário um festival que teve a emoldurá-lo elevado número de participantes a um «Torneio Relâmpago» em todas as categorias com a particularidade dos jogos se disputarem com a duração de vinte minutos divididos em duas partes.

Devemos para já assinalar que este festival alcançou apreciável êxito e contribuiu até certo ponto para a propaganda da modalidade

Os resultados verificados foram os seguintes:

Juvenis — Benfica, 21-L. Ginásio, 16; Nacional, 16-L. Ginásio, 13; Benfica, 23-Nacional, 20. Vencedor o Benfica.

Juniores — Benfica, 22-C. D. U. L., 7; Moscavide, 13-L. Ginásio, 7; Nacional, 22-Benfica 18, e na final o Nacional venceu o Moscavide por 19-15.

Feminino — Apenas concorreram duas equipas, tendo o Benfica vencido o C. D. U. L. por 41-19.

Seniores — Nacional, 43-F. Ciências, 8; Técnico, 31-Moscavide, 6; L. Ginásio, 27-C. D. U. L., 18; Técnico, 18-Nacional, 11, disputando-se a final entre o Técnico e o L. Ginásio com o triunfo dos «engenheiros» por 14-6.

Procedeu-se depois á cerimónia da entrega dos prémios ás equipas vencedoras dos torneios da época passada, tendo o Benfica conquistado 6 taças, F. Ciências 3, Nacional 2 e Técnico e L. Ginásio uma cada equipa

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — ESTA NOITE É MINHA — Avis

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 21.45 — ESTREIA
Uma agradável comédia musical!
ESTA NOITE É MINHA
com **Lola Falana, Giancarlo Giannini, Marisa, Franco Franchi e Ciccio Ingrassia**
EASTMANCOLOR
Às 15.30 — **O HOMEM DE OKLAHOMA** — (Adultos)

SÃO JORGE

3.ª SEMANA
(M 17 anos) Tel. 54154
As 15.15 18.15 e 21 30
O mais terno e adorável filme do ano
OS TEUS, OS MEUS E OS NOSSOS
com **Lucille Ball — Henry Fonda — Van Johnson**

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131
As 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
UM HOMEM PARA IVY
com **Sidney Poitier**, interpretando uma história escrita por ele e para ele

QUINZENA INGMAR BERGMAN
Amanhã — Adultos — 18.30 h.
O SÉTIMO SELO, com **Max von Sydow, Bibi Andersson**, etc.
Dia 2 de Dezembro:
O ROSTO (Adultos)

MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743
A sensacional comédia com **Shirley MacLaine, Michael Caine** e **Herbert Lom**
LADRÃO ROUBADO
— em technicolor —
Um filme «fora de série»!

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
Técnicolor — Technicscope
Um filme de **Carlo Lizzani**
BANDIDOS EM MILÃO
com **Gian Maria Volonte** e **Margaret Lee**
Baseado num caso ocorrido no dia 25 de Setembro de 1967

RESTELO

(M 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
ENGANEI-ME NO NÚMERO
com **Bob Hope, Elke Sommer** e **Philkes Diller**

LIZ

(Adultos) Tel. 48568
As 21 horas
DOIS BILHETES PARA O MÉXICO
DIVÓRCIO À AMERICANA

ESTÚDIO 444

(Adultos, Tel. 779095
3.ª SEMANA
As 15.30 18.30 e 21.45
Um filme de **Bo Widerberg**
ELVIRA MADIGAN
c/ **Pia Degermark** — 1.º Prémio Interpretação Festival de Cannes — Eastmancolor

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
Uma mulher... uma deusa... ou uma lenda?
Kim Novak — Peter Finch — E. Borgnine
A LENDA DE UMA ESTRELA
Um filme de **Robert Aldrich**
METROCOLOR

ESTÚDIO

9.ª SEMANA Tel. 553134
As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
Um filme de **Francis Coppola**, c/ **Elizabeth Hartman, Geraldine Page** e **Peter Kastner**
A NOITE É PERVERSA

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.45
Um filme de **Damiano Damiani**
O DIA DA VERGONHA
com **Claudia Cardinale** e **Franco Nero**
EASTMANCOLOR

LUMIAR

(M. 12 anos) Tel. 791574
Parque privativo — Ar condicionado
As 15.30 e 21.30
O HOMEM DA AVENTURA
com **Ana Andrews, Peter Martell** e **Anita Ekberg**

POLITEAMA

HOJE: Tel. 326305
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
Um «western»... de morrer... a rir
TEXAS NÃO É SÓ ISTO...
DOIS CONTRA O TEXAS
c/ **Dean Martin, Alain Delon** (Col.) (Maiores 12 anos)

CHIADO TERRASSE

(M. 12 anos) Tel. 320917
Às 21 horas
ADIVINHA QUEM VEM JANTAR
BANDOLEIROS DO ARIZONA

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
Technicolor — Techniscope
Um filme de **Carlo Lizzani**
BANDIDOS EM MILÃO
com **Gian Maria Volonte** e **Margaret Lee**
Baseado num caso ocorrido no dia 25 de Setembro de 1967

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite
Rex Harrison e **Rosemary Harris** na lindíssima comédia de gargalhada
COM A PEDRA NO SAPATO

Venda de bilhetes para os concertos, da 1 ás 8 da tarde

ODEON

(Adultos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
3.ª MÊS! .. 10.ª SEMANA
E ULTIMA
do filme português
ESTRADA DA VIDA
Que atitude deve tomar uma mulher perante uma infidelidade do marido? Perdoar-lhe ou abandoná-lo?
c/ **Paulo Renato** e **Laura Soveral**

CONDES

Telfs. 32 25 23 - 32 67 10
As 15.15, 18.15 e 21.30
Claudia Cardinale e **Franco Nero** no filme de **Damiano Damiani**
O DIA DA VERGONHA
«IL GIORNO DELLA GIVETTA», com **Lee G. Cobb** e **Serge Reggiani** (Adultos)
EASTMANCOLOR

EUROPA

(Adultos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
Um homem violento que nada pode deter
OU MORTO OU VIVO
com **Alex Cord, Nicoletta Machiavelli** e **Robert Ryan**
EASTMANCOLOR
Mesmo á porta deste cinema as carreiras de autocarros 9 e 13

LIDO

Tel. 93 75 93 — A M A D O R A
Às 21.30 (M. 12 anos)
Um êxito cinematográfico em 70 mm e Som Estereofónico Total
7 NOIVAS PARA 7 IRMÃOS
É um filme para toda a Família!

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel 260729
CHUBASCO
com **Richard Egan, Christopher Jones, Susan Strasberg** e **Ann Tothern**

IDEAL

As 21 horas Tel. 324194
(M. 17 anos)
O TERCEIRO DIA
ENCARCERADAS

IMPERIAL

Às 21 horas (Adultos)
ARQUIVO K
A ITÁLIA É ASSIM

EDEN

(M 17 anos) Tel. 320768
As 15.15 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Technicolor — Panavision
Yul Brynner Robert Mitchum Charles Bronson em
A HONRA DE UM HERÓI
Um grande episódio da vida de Pancho Villa, um homem tão impetuoso na luta como no amor

RECINTOS DE DIVERSÕES

✲ Após a estreia da cantadeira Odete Mendes, anuncia-se agora a completa remodelação do elenco artístico do «Timpanas».

✲ Fernando Maurício substituirá o seu colega Manuel de Almeida na «Lisboa à noite», quando da estadia deste em Barcelona aonde vai gravar mais um «elepê».

✲ Encontra-se a actuar na «Viela» a cantadeira Maria José Ramos.

✲ São do melhor teor as notícias chegadas até nós das actuações dos artistas Ana Hortense, Fernando Farinha, António Proença e Manuel Mendes, na África do Sul e Rodésia. Este agrupamento estreia-se em Lourenço Marques no Teatro Gil Vicente no próximo dia 17 de Dezembro, devendo fazer a sua despedida da África do Sul no dia 22, num espectáculo promovido pelo cônsul português naquela cidade e em honra da colónia portuguesa.

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

TRINDADE — Às 21 e 45: «A torre e o galinheiro» (12 anos).
COLISEU — Às 2. e 30: «Holiday on Ice» (12 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Grande Poeta é o Zé» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «O amor-68» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Tropicalíssima» (17 anos).

CINEMAS

ARCO ÍRIS — Às 21 e 30: «A vingança dos Vikings» (12 anos)
CINEARTE — Às 21: «A hora da fuma» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Duas raparigas da Cortina de Ferro» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Mulher desconhecida» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «Ambição de Glória» (17 anos)
OLIMPIA — Às 9: «Desafio a Robin dos Bosques» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «O cavaleiro da Rosa Vermelha» (17 anos).
ORIENTE — Às 21: «Não incomode» (17 anos).
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «A estrada de Corinto» (17 anos).
SPORT L. BENFICA — Às 21 e 15: «James Tont, operação dois» (12 anos).
BOMB. V. LOURES — Às 21 e 30: «A sombra de um gigante» (12 anos).
A VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «Na sombra do esquecimento» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «A arte de amar» (17 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «Coração cheio... Bolsos vazios» (17 anos)
ENCARNAÇÃO — Às 21: «O ultimo desafio» (17 anos).

● Linha de Cascais

CARCAVELOS — VITÓRIA-CINE — Às 21 e 30: «Um lugar chamado pólvora» (12 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Moulin Rouge» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Epitafio» e «O Diabo» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Chubasco» (17 anos).
CASCAIS — S JOSÉ — Às 21 e 30: «Cheque á Scotland Yard» (12 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «O regresso de um ídolo» (17 anos). e ACADEMIA — Às 21 e 15: «Anatomia do crime» (17 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21: «48 horas de angustia» e «Farto dos mulheres rebeldes» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Este difícil amor» (17 anos).

● Linha de Sintra

PONTINHA — CINE-UNIÃO — Às 21: «Os temerários» (12 anos).
DAMAIA — D JOÃO V — Às 21 e 30: «Ladrão que roubo ladrão» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: 100 000 dólares por Ringo» e «Casamento a propósito» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Vingança ao amanhecer» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «O circo do terror» e «Homens... é comigo» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «O triunfo dos dez gladiadores» (12 anos).

VIDA MUSICAL

Concertos do Trio Checo

Os anunciados concertos promovidos pelo Círculo de Cultura Musical, em que colabora o excelente Trio Checo, constituído por Joseph Palenicek (piano), Alexandre Plocek (violino) e Sacha Vectomov (violoncelo), realizam-se nos próximos dias 3 e 5 de Dezembro, respectivamente no Teatro Nacional de São Carlos (22 horas) e Tivoli (18 e 30). Com efeito, por motivo de força maior, o concerto do Tivoli, inicialmente previsto para outra data, foi transferido para quinta-feira, dia 5, á mesma hora e com o mesmo programa. O programa a apresentar no S. Carlos é totalmente diferente.

Concerto de canto e piano em Braga

BRAGA, 28 — A delegação da Pró-Arte nesta cidade, realiza hoje um concerto com o cantor Fernando Serafim e o pianista Candido Lima

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno G

AJUDA — **Moura**, Trav do Memória, 55 (630944 ✲ Biotufar R D João de Castro, 27-B (638824)
ALCÂNTARA — **Bairrão**, R Prior do Crato, 25 (66321)
ALMIRANTE REIS — **Confiança**, Av Almirante Reis, 46 (42453)
ALVALADE — **Zil**, Av da Igreja, 9-D (711780) ✲ **Roma**, Av de Roma, 85-B (772466) ✲ **S. João de Deus**, R Pedro Ivo, 1-A-B (725140)
AMOREIRAS — **Britânica**, Trav Légua do Póvoa, 5-B (689250)
AREEIRO — **Garantia**, Av Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (727300) ✲ **Imperial**, Av Guerra Junqueiro, 30-B (726860)
AVENIDAS NOVAS — **Alcântara**, Av da República, 74-A (771379) ✲ **Vale**, Av Marquês de Tomar, 45-49 (773043) ✲ **Dalva**, Av Duque de Ávila, 25 (45225) ✲ **S. Sebastião**, Largo de S Sebastião da Pedreira, 7-9 (48642)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Zira**, Praça das Casas Novas, lote 66 (310172)
BAIXA — **Fernandes**, R de S José, 87 (326476 ✲ **Azevedo, Filho**, Pr de D Pedro IV, 31 (327478)
BENFICA — **União**, Est de Benfica, 592-594 (700092) ✲ **Alegria**, Est de Benfica, 80-A-B (780511)
CAMPO DE OURIQUE — **Lobet**, R de Infantaria 6, 98-B (688807) ✲ **União**, R Saraiva de Carvalho, 119 (663643)
CAMPOLIDE — **Salutar**, R B, 75-A, B, Bairro da Liberdade (683694) ✲ **Pinto**, R de Campolide, ??? (682610)
CONDE REDONDO — **Sousa Martins**, R Sousa Martins, 25 (553468)
ESTRELA — **Andrade Ribeiro**, Av Infante Santo, 66-B (666971)
ESTEFÂNIA — **Mundial**, L D Estefânia, 9 (45578)
GRAÇA — **Ziller**, R de S Tomé, 54-56 (862835)
LUMIAR — **Central do Lumiar**, R do Lumiar, 77 (790480) ✲ **Douro**, Al das Lindas de Torres, 93-A-B (791131)
MADRAGOA — **Eduardo A. César**, R. das Trinas, 102 (662631)
OLIVAIS — **S. Paulo**, R 2, lote 823, junto à Estrada de Moscavide — Olivais Sul (310711).
PALHAVÃ — **Canto**, Est das Laranjeiras, 202-B (780841).
PENHA DE FRANÇA — **Central da Penha**, R Penha de França, 58-60 (849245) ✲ **Vitalis**, R Morais Soares 66-A (84801)
PICHELEIRA — **Luzmar**, R João do Nascimento Costa 6 A (728395-720703)
PRÍNCIPE REAL — **Albano**, R da Escola Politécnica, 59 (326750)
REGO — **Baptista**, R Francisco Tomás da Costa, 3-C (771873)
ST.º AMARO — **Correia de Azevedo**, R Luís de Camões 42-B (638625)
S. BENTO — **Maz Teixeira**, R Poço dos Negros, 5 (67996)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Freitas**, R Zófimo Pedroso, 11-13 (381 36) ✲ **Banha**, Est de Chelas, 173-175 (382241) ✲ **Frazão**, R da Cruz de St Apolónia, 90-92 (347019)
MOSCAVIDE — **Santa Bárbara** — R. Francisco Marques Beato, 75-A. (Telef 2518918).

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Branco** — Av Comb G Guerra, 29 — Tel 21208)
CAXIAS — **Nova**, Rua Bernardim Ribeiro, 7-A (242839
PAÇO DE ARCOS — **Godinho da Silva**, Av Patrão Lopes, 4 (2432039)
OEIRAS — **Central**, R João Teixeira Simões 8 (2430058)
PAREDE — **Alzir** — Av Gago Coutinho — Bairro das Caixas (2472948).
ESTORIL — **Suíça** — Cruzeiro (Tel 260087)
CASCAIS — **Marginal** — Av Marginal (Tel 280078) **A. Costa** — Rua Frei tas Rea, 24-C (Tel 280274)

● Linha de Sintra

AMADORA — **Cavaca** — R Elias Garcia, 209 (Tel 930019); **Flama** — R Elias Garcia, 18-B (Tel 932485), **Confiança** — Av D. Nuno Alvares Pereira, 5-A (Tel 938149)
DAMAIA — **Confiança**, Est Militar, lote D (97 023)
QUELUZ — **Gil** — Av. Miguel Bombarda 48 (Tel 950117) ✲ **Simões Lopes**, Av Elias Garcia, 5 (Te 950 23)
CACÉM — **Central**, R Elias Garcia, 55 (2940034)
MEM MARTINS — **Quimia**, Est Mem Martins, 285 (2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (980456)
SINTRA — **Marrazes** — Largo Afonso de Albuquerque (Tel 980055).
COLARES — **Colares**, Abrejo (299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Nunes**, L Coronel Ramos da Costa 0 (234 31)
ALHOS VEDROS — **Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (224250).
ALMADA — **Algarve**, R Fernão Lopes, (27027)
BAIXA DA BANHEIRA — **Nova Fátima**, Est Nacional, 22-B (224141)
BARREIRO — **Central** — Av Alfredo da Silva, 48 (T 2273207).
COVA DA PIEDADE — **Castro Rodrigues**, P 5 de Outubro 6. — (270121)
MOITA — **União Moitense** Av Dr. Teófilo Braga (239025).
MONTIJO — **Giraldes** — R Almirante Reis 45 (Tel 230008)
SESIMBRA — **Leão** Av Salazar (22947)
SETUBAL — **Oliveira**, L da Misericórdia (22488)
SEIXAL — **Soromenho**, R Paiva Coelho, 38 (221860)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — **Companhias das Águas**, 361354 ✲ **Companhias Reunidas**, 537011 ✲ **Gazcidla**, 538821 ✲ **Gazcidla (dom e feriados)**, 882069

BOMBEIROS — **Sapadores**, 322222 ✲ **Voluntários**, 538524

POLICIA E G N. R. — **Serviço de emergência**, 115 ✲ **Segurança Pública**, 366141 ✲ **Judiciária** 535380 ✲ **Marítima**, 326456 ✲ **Internacional**, 36272) ✲ **Viação e Trânsito**, 42205 ✲ **G N R. (área rural)**, 36865

SAÚDE — **Cruz Vermelha**, 665342 ✲ **Enfermagem permanente**, 766161 ✲ **Enfermagem de urgência**, 43738 ✲ **Hospital de Santa Maria**, 775171 ✲ **Hospital de S. José**, 860131 ✲ **Sangue, oxigénio e soros**, 771168 e 771169 ✲ **Transfusões, soros e oxigénio**, 538524 ✲ **Centro de Intoxicações (Informativa)**, 767777, 761176 e 763456

TRANSPORTES — **Aeroporto**, 721101 ✲ **Caminhos de ferro (C. P.)**, 869029 ✲ **Caminhos de ferro (Estoril)**, 361121 ✲ **Estação fluvial (T. Paço)**, 325345 ✲ **Estação Marítima de Alcântara**, 663195 ✲ **Estação Marítima de Rocha**, 672445 ✲ **Estação fluvial (Belém)**, 638531

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
RESTAURANTE DE UTILIDADE TURÍSTICA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

Tamborim
Restaurante — Snack-Bar
Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA
e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
(Ao Campo Santana)
Telefone 4 62 47

CAFÉ LOBITO
RESTAURANTE — SNACK-BAR
R. Direita, Dafundo, 50-C
Telef. 215477 — DAFUNDO
Quinta-feira
Frango no espeto
Sexta-feira
Bacalhau á Biscainha
Iscas á portuguesa

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente á Embaixada Americana)
AMANHÃ EXPERIMENTE GALINHA C/ ANANÁS E FICARÁ CLIENTE

PASTELARIA FÓIA
RESTAURANTE
C. Mártires da Pátria, 59-A
Telef. 54549
ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA
PASTELARIA C/ FABRICO PRÓPRIO

Diário de Lisboa
DL
Propriedade da Renascença Gráfica, S A R L
Editor João C de Sá
Sede Rua Luz Soriano, 44
Telef 320271-2-3 e 321154-5
Publicidade 34221
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

CHEGADA HOJE A LISBOA

MADALENA IGLÉSIAS:

«OS FESTIVAIS SÃO COMPLICADOS»

Madalena Iglésias: regressa a Lisboa

Madalena Iglésias regressou esta manhã a Lisboa, após dois meses de ausência de Portugal, numa digressão que a levou ao Rio de Janeiro, a S. Paulo e a Caracas. No Brasil, participou no «III Festival Internacional da Canção Popular», desenrolado no Rio de Jneiro. Madalena aproveitou essa viagem para actuar, igualmente, na TV do Rio e de S. Paulo e para voltar á Venezuela onde, em Caracas, se exibiu no «Show de Reny Ottolina» e na Televisão.

No «Festival Internacional» do Rio de Janeiro, embora a canção «Poema da Vida» não tenha conseguido classificar-se, Madalena obteve assinalado êxito. A crítica elogiou a presença e a personalidade da interprete.

A provar o carinho que rodeou a actuação de Madalena Iglésias, cite-se o facto de a Imprensa ter atribuído a Madalena o «Prémio da Simpatia».

Madalena regressou bastante cansada e abatida. Declarou á chegada:

— Este festival foi, sobretudo, mais uma experiência na minha vida profissional. A crítica foi-me favorável e deu a melhor das opiniões sobre a minha participação. Posso confessar que, no que respeita á minha dignidade de artista, regresso muito satisfeita.

«Poema da Vida» é uma canção bonita mas os festivais são um pouco «complicados» na sua mecânica e, talvez, se ela tivesse um recorte mais popular o juri a observasse com um pouco mais de justiça. No entanto o facto de ter atingido a final parece querer dizer algo. Claro que, depois, o júri se inclinou por outras, não classificando a nossa. Mas, como já disse, os festivais são um pouco «complicados»...

Madalena apesar disso, já se encontra convidada para participar no Festival do próximo ano. Não sabe, ainda, se na qualidade de interprete do concurso ou como atracção.

Ainda sobre a sua permanência em terras brasileiros:

— Depois do Festival, actuei na TV-Globo (no Rio) e na TV-Tupi (de S. Paulo). Mais tarde em Caracas, cantei num «show» de Reny Ottolina, transmitido pela TV. Agora, sinto-me cansada e desejosa de descansar uns dias. Quanto a projectos, penso estar presente no próximo Festival da Cançaço da Bulgária, e fazer uma «tournée» a Itália e a Espanha.

Eng.º Francisco Vargas Morgado

O eng.º Vargas Morgado toma esta tarde posse do cargo de governador civil de Bragança

No Ministério do Interior toma esta tarde, ás 18 horas, posse do cargo de governador civil de Bragança o eng.º Francisco J. S. Vargas Morgado, natural daquele distrito e cujo nomeação foi acolhida com satisfação nos meios ligados á região.

A posse é-lhe conferida pelo sr. ministro do Interioir, dr. António Gonçalves Rapazote.

Almoço de homenagem

Ontem, na Sociedade de Geografia, realizou-se um almoço de homenagem ao eng.º Vargas Morgado, promovido por personalidades da região. Presentes os antigos ministros conselheiro Trigo de Negreiros, almirante Sarmento Rodrigues e drs. Águedo de Oliveira e Adriano Moreira, o prof Miller Guerra, os drs. Agostinho Pires, Coriolano Albino Ferreira e Manuel António Fernandes, os engs. Pedro Morais Campilho, Raul Mesquita Lima Cavaleiro Ferreira e Antas de Barros.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Praia da Rocha, 8°.1; mínima: Penhas da Saude. 0°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera: 10°; na água do mar: 16°.2

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

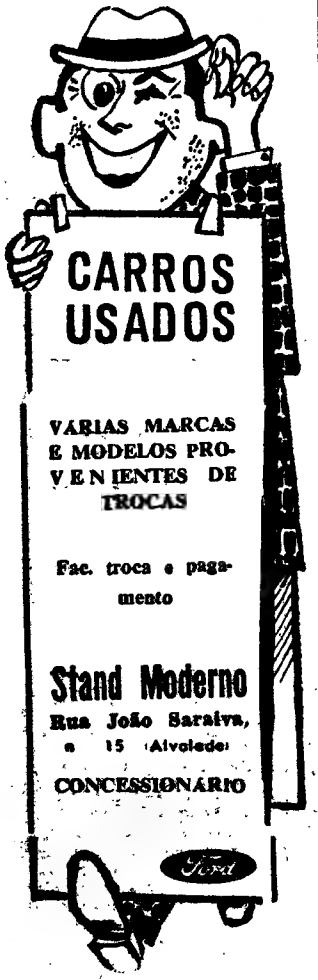
Céu muito nublado. Vento geralmente fraco. Períodos de chuva ou aguaceiros.

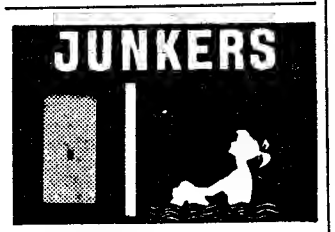
Amanhã
Nascer ás 8 e 34
Ocaso ás 18 e 16

Dia 4 Dia 12 Dia 19 Dia 26

MARÉS:

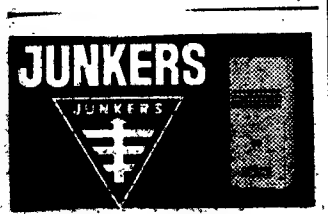
PREIA-MAR: Dia 28 — 11 e 10 (3,5 m); 23 e 58 (3,4 m). Dia 29 — 2 e 12 (3,6 m). Dia 30 — 0 e 50 (3,5 m); 13 e 12 (3,6 m) BAIXA-MAR: Dia 28 — 4 e 42 (1,8 m); 17 e 38 (1,6 m). Dia 29 — 5 e 55 (1,7 m); 18 e 35 (1,5 m) Dia 30 — 6 e 48 (1,6 m); 19 e 17 (1,4 m)





JOGUE NO
CAMPIÃO
SEXTA-FEIRA 4000 CONTOS

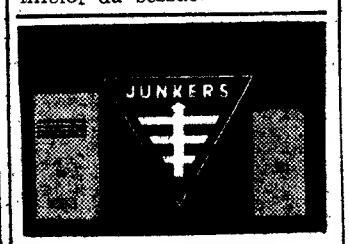
STAND MODERNO
CONCESSIONÁRIO Ford
COMUNICA QUE O NÚMERO DO SEU TELEFONE DE BUSCA AUTOMÁTICA FOI ALTERADO PARA
71 10 65



«CINEMA NOVO»

Em continuação do ciclo dedicado pelo ABC Cine-Clube de Lisboa ao «Cinema novo» amanhã no Cinema Luys, pelas 18 e 40, o filme de Roberto Farias «Assalto ao trém pagador».

As inscrições para novos sócioi podem ser feitas no inícioi da sessão.



POR FAVOR LIGUE O **Dimplex**

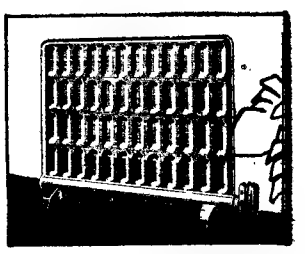
"DIMPLEX": O melhor aquecimento do mundo.

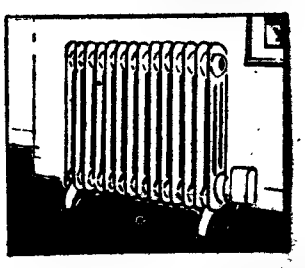
"DIMPLEX": Radiadores eléctricos a óleo, com controle da temperatura ambiente, por termóstato. O calor Dimplex não altera nem seca o ar. — Sem perigo, sem cheiro, sem fumo, sem chama, sem maçadas. — Até os bébés conhecem, apreciam e preferem o calor DIMPLEX.

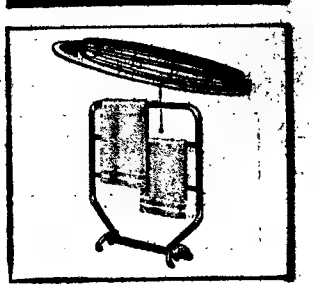
— O calor DIMPLEX é saudável, higiénico, seguro e económico.

— Os radiadores DIMPLEX não apresentam qualquer perigo para as crianças. A temperatura à superfície está sempre controlada, sem perigo, por termóstato.

— A DIMPLEX oferece uma gama completa de aquecimento para o seu lar.







Peça catálogos grátis

dimplex

dimplex

A VENDA NAS BOAS LOJAS DE ELECTRODOMÉSTICOS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: RAFAEL BURGUETE L.da
LISBOA: R. António Enes, 29-1.º - Tel. 535057
PORTO: Rua Formosa, 172 - Tel. 25902

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

Alexandre O'Neill
Alexandre Pinheiro Torres
Augusto Abelaira
Carlos Porto
Francisco Bronze
Gabriele Brustoloni
João Gaspar Simões
José-Augusto França

N.º 539/28 DE NOVEMBRO DE 1968

Uma incógnita chamada Guimarães Rosa

por João Gaspar Simões

A RECENTE EXPOSIÇÃO biobliográfica, realizada em Lisboa, comemorativa do primeiro aniversário da morte de João Guimarães Rosa chama a atenção para um escritor em Portugal mais admirado do que lido. Ao fenómeno merece que se reflita sobre ele. Sendo raro, é sintomático de uma fase da literatura do nosso tempo, dia a dia agravada pelas condições em que se desenrola o panorama literário universal.

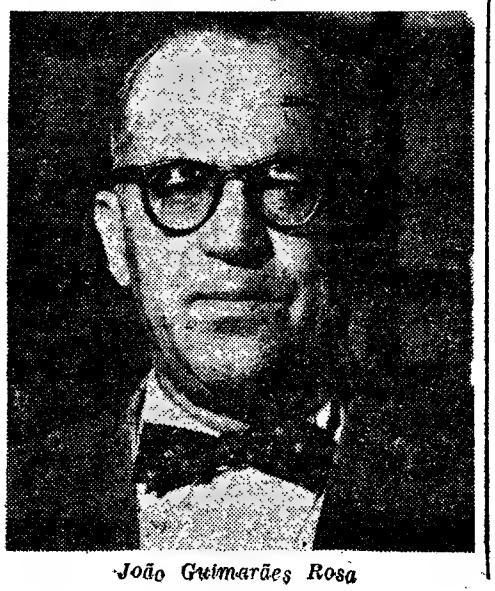
Tendo principiado a sua carreira com a publicação de um livro de contos rusticos ou sertanejos, Guimarães Rosa mais não fez que dar continuidade a um género de literatura que permitiu a formação do ciclo mais brasileiro da novelística nacional. Não foi, em verdade, nem com Machado de Assis, nem com Cornélio Pena, nem com Coelho Neto, como o não seria com os escritores de tipo psicológico género Octávio de Faria, que o romance do Brasil se afirmaria francamente nacional. Essa etapa só a atinge a ficção de além-Atlântico com o grupo dos novelistas nordestinos, ou seja com os ficcionistas de índole rústica e características regionais.

Sagarana, a primeira obra de ficção de Guimarães Rosa, integra-se nessa corrente, constituída que é por uma série de contos ou de novelas de um regionalismo francamente rústico ou sertanejo. Acontece, porém, que já aí, na linguagem dos matutos que são o corpo vivo da matéria novelística da obra, se desenha uma inclinação que se concretizará na obra subsequente, *Corpo de Baile* atingindo a plenitude no famoso *Grande Sertão: Veredas*. Com efeito, ao contrário dos demais novelistas nordestinos, fossem Lins do Rego, Graciliano Ramos ou Raquel de Queiros, Guimarães Rosa punha no decalque da linguagem sertaneja requintes invulgares, fazendo recair no tecido linguístico das suas narrativas a atenção obsessiva do leitor. Não era a poesia de *O Menino de Engenho*, uma poesia da adolescência vivida no interior do sertão do Nordeste, nem as paixões rurais de *S. Bernardo* ou do *Caminho de Pedras*, notáveis padrões da novelística nordestina, que iamos encontrar que em *Sagarana* quer no próprio *Grande Sertão: Veredas*. Não. Aqui, especialmente nesta última obra, metro-padrão da novelística roseana, tudo se fiava da engenhosa trama linguística em que as personagens se exprimiam ou em que monologavam. Com efeito, a obra-prima de Guimarães Rosa é como que um longo monólogo de um sertanejo, onde importa acima de tudo o próprio monólogo, isto é, as palavras que o entretecem. E a paixão com que o escritor obsessivamente faz falar ou pensar o seu herói sobreleva a tudo o mais no romance tornado-se como que o eixo da ficção. A tal ponto absorve tudo o mais que ao fim e ao cabo aquilo que da obra nos fica é esse extraordinário fogo de vistas que ilumina o quadro e encandeia o leitor.

Estamos, portanto, diante de um texto literário de ambiente sertanejo, ou seja, rústico e regional, tratado segundo uma perspectiva que não é a perspectiva rústica ou regional. O escritor, o novelista, o romancista, na obra de Guimarães Rosa apodera-se das personagens e faz delas instrumentos da sua passionalidade linguística. E isto, que se nos afiguraria legítimo numa ficção urbana e de ambiente erudito, torna-se-nos de aceitação precária numa obra novelística em que todos ou quase todos os comparsas são de poucas letras ou até analfabetos. E este se nos antolha o obstáculo mais difícil de vencer para todo aquele que não dispensa em literatura de ficção uma base humana verosímil. *O Grande Sertão: Veredas*, considerada a obra-prima de Guimarães Rosa, não conquista desde logo a nossa admiração, porque, tendo o romancista confiado ao herói sertanejo do romance o papel de *aedo*, e sendo o romance como que um longo monólogo é este monólogo um arriscadíssimo jogo vocabular, autêntico fogo-de-bengala estilístico, sem directa conexão com a cultura ou com o fôlego intelectual daquele que se compraz em trabalhar eruditamente a matéria lexicológica que utiliza para falar, ou seja, para escrever.

Não pretendemos julgar aqui nem o virtuosismo de Guimarães Rosa nem a ousadia do seu intento. Apenas nos limitamos a levantar um problema quanto a nós fundamental para admitir o autor de o *Grande Serão: Veredas* entre os romancistas de polpa. Não lhe negamos o génio literário — diremos melhor, o génio verbal. Só muito ponderadamente lhe outorgamos o génio novelístico. E pouco importa que nos estejam daqui a acenar com a inflexão da literatura novelística moderna, sem esquecer James Joyce, o Papa que fez cardeais *in partibus* alguns romancistas medíocres. Não. James Joyce nunca poria na boca de um rústico os brincos semânticos e as construções fonéticas que notabilizaram o seu *Ulysses*. Não. Dedalus, o herói do romance que deu a Joyce glória mundial, não é um rústico; é um homem da cidade, um civilizado. Aquilino Ribeiro com quem alguns compararam Guimarães Rosa, se brincou com a língua e fez falar vernáculo alguns dos seus almocreves beirões, nunca ousou por-lhes na boca palavras que se furtassem à verosimilhança necessária para as aceitarmos como uma espécie de transcrição erudita da linguagem popular. Aquilino só caía na inverosimilhança quando transportava para a cidade e para os lábios pintados de uma Mónica o linguajar popular-vernáculo dos rudes beiços serranos. Ninguém estranhará que

(Continua na 6.ª página)



João Guimarães Rosa

Maria Isabel Barreno

Uma literatura viva, a literatura portuguesa

por Augusto Abelaira

1. Ainda serão possíveis os bons romances em 1968, quando já estão escritos, e definitivamente cristalizados *O Vermelho e o Negro*, *Os Irmãos Karamasov*, o *Lord Jim*, *Os Moedeiros Falsos* e tantos outros? A pergunta é, evidentemente, académica. Só quem se deixou cegar pelo hábito das obras-primas passadas pode desconhecer as obras-primas presentes (ainda que sejam sòmente duas ou três — o *Herzog*, de Saul Bellow, entre elas) e os dez ou vinte óptimos romances aparecidos por esse mundo além nestes últimos anos. Romances que, òbviamente, não são já a resposta aos «bons e felizes» tempos passados, romances que, òbviamente, perante um mundo novo, novas formas de civilização, novas condições de vida, e fazendo eles próprios parte desse mundo novo, ensaiam outras maneiras de compreender a nova realidade. Romances nem sempre felizes, nem sempre atingindo o alvo? Decerto: também no passado por cada *Monte dos Vendavais*, por cada *Educação Sentimental*, quantos romances fracassados não foram escritos?

Mundo novo não sòmente naquilo que tem de observável objectivamente, novo, também, em relação às formas da sensibilidade. Mais ou menos, depois dos livros de Huizinga ou de Lucien Febvre, ninguém ignora (1968) que a sensibilidade de hoje não é a mesma da Idade Média, que os modos como a afectividade se manifesta não são indiferentes à evolução das sociedades (fazem, até, parte dessa evolução). Mas teremos idêntica consciência de que hoje não se sente como se sentia há cinquenta anos, mesmo levando em conta que Proust escreveu há cinquenta anos? A semelhança da poesia trovadoresca, que não pôde corresponder, passados alguns tempos, às novas maneiras de sentir, também o romance tradicional se tornou incapaz de dar expressão às formas de comportamento do homem dos nossos dias, vendo-se, pois, obrigado a procurar outras maneiras de abordar o mundo, de nos contar o que neste mundo se passa. A poesia não deixou de ser poesia ao entrar no Renascimento, a arquitectura não deixou de ser arquitectura quando abandonou o gótico, o romance não deixará de ser romance ao responder aos desafios dos novos tempos (os deuses esqueceram-se, felizmente, de lhe estabelecer o estatuto) — e passo por cima de um problema importante: este romance novo, que procura conquistar uma linguagem adequada às novas formas de civilização mas que pertence a essa civilização, não correrá o risco de ser absorvido por ela, de contribuir para que ela se consolide, mesmo quando, muitas vezes, se lhe opõe? A resposta, não muito profunda, parece ser que todas as hipóteses são possíveis.

2. Acontece, porém, que se por um lado, certos romances procuram achar (e muitas vezes acham) os meios adequados de exprimir o mundo posterior à guerra (estou a pensar sòmente nos chamados países desenvolvidos ou a caminho do desenvolvimento, para os outros o romance tradicional continuará, porventura, a ser eficiente), por outro lado, a leitura tornou-se extraordinàriamente difícil ao romper com hábitos que, embora em desacordo com as novas formas de existência, puderam longamente sobreviver. E, assim, como perante a nova sociedade tantas vezes nos perturbamos e não conseguimos compreendê-la, assim também nos é difícil aceitar a arte que procura dar-lhe expressão. No fim de contas, só poderemos aceder à nova literatura (à nova música, à nova pintura) se de algum modo a nós próprios nos reformarmos, o que não é fácil, sombras que ainda somos de velhos mundos.

Uma literatura difícil (provisòriamente?) que obriga os leitores a sair da passividade cómoda de hábitos mais ou menos cen-

(Continua na 6.ª página)

SUPLEMENTO Diário de Lisbôa LITERÁRIO

LETRAS PORTUGUESAS

Uma literatura viva, a literatura portuguesa, *por Augusto Abelaira.*
Através de «O Delfim», *por Alexandre Pinheiro Torres.*
Na morte de Cristovam Pavia, *por Fernando J. B. Martinho.*

LETRAS ESTRANGEIRAS

Uma incógnita chamada Guimarães Rosa, *por João Gaspar Simões.*
Itália: poesia da ultima hora, *por Gabriele Brustoloni.*

CRÓNICA

É proibido o Macê, *por Alexandre O'Neill.*

ARTES PLÁSTICAS

Iniciativas e Prémios, *folhetim artístico de José-Augusto França.*
Da polémica ao Diálogo, *por Francisco Bronze.*

INQUÉRITO

O Ensino de Belas-Artes, *inq. organizado por F. Bronzé.*

TEATRO

Apresentação (incompleta) de Slawomir Mrozek, *por Carlos Porto.*

Jornal de Letras e Artes

O n.º de Novembro do mensário cultural «Jornal de Letras e Artes» inclui uma oportuna e bem elaborada homenagem a Amadeo de Souza Cardoso («a primeira descoberta de Portugal no século XX», palavras de Almada Negreiros), cujo cinquentenário da morte, ocorrida a 25 de Outubro de 1918, se está comemorando. A iniciativa do JLA é pois credora de aplauso.

Neste número de Novembro, mais dinâmico que os anteriores, constam ainda as habituais secções dedicadas às Artes Plásticas, às recensões críticas de livros, ao Teatro (entrevista com a actriz Clara Joana), à Música (onde não é esquecido o cinquentenário da morte de António Fragoso) e ao Cinema, que desta vez chama a atenção para os cineastas Valerio Zurlini e Joseph Mankiewicz. Dois artigos merecem um interesse especial: «A propósito do problema da linguagem em Merleau-Ponty», de Margarida Schiappa, e «O bigode da Gioconda», de João Pinto de Figueiredo, dedicado ao precursor do movimento. Dada e inventor dos «ready-mades» Marcel Duchamp, há pouco falecido. As secções «Cartas ao Director» e «Consultório do dr. Pena e dr. Pluma», de leitura garantida pela vivacidade polémica que normalmente comportam, preenchem as restantes páginas do JLA de Novembro.

Antonioni: n.º 1 de uma nova colecção

A colecção «Cadernos de Cinema» (*ed. dom quixote*), agora iniciada com o volume dedicado a Michelangelo Antonioni, tem por objectivo «a divulgação de estudos relativos aos mais diversos aspectos da arte e da indústria cinematográficas». É uma iniciativa digna de aplauso, sabendo-se lamentàvelmente escassa a bibliografia de cinema publicada entre nós.

Escolhendo Antonioni para seu volume inaugural, a colecção inscreve-se desde já sob o signo de uma inegável actualidade: com efeito, o cineasta italiano vem justificando, através de uma obra rica de significado estético e sociológico, as atenções do público culto. Toda a produção de Antonioni — discutível, é certo, mas de uma exemplar coerência — reflecte (criticamente) a complexa problemática do mundo contemporâneo, incidindo em particular nos aspectos de crise (moral e filosófica, mais do que pròpriamente económica) das camadas burguesas da sociedade ocidental.

Permitindo uma aproximação (parcial, mas ainda assim de uma flagrante utilidade) do universo criativo de Antonioni, o volume agora dado à estampa surge dividido em três grandes secções: na primeira — estudos críticos sobre a obra do cineasta — incluem-se textos de Renzo Renzi, Guido Aristarco, Pierre Billard, Gilles Jacob, Pierre Philippe e Marcel Martin; na segunda, Antonioni tem a palavra — ou directamente (comentando o seu filme *L'Avventura*), ou num colóquio que veio transcrito na revista «Bianco e Nero» (Fev./Março de 1961), ou ainda através das entrevistas concedidas a Jean-Luc Godard e a Pierre Billard; a terceira secção, utilíssima como elemento de consulta, consta de uma biofilmografia organizada por Lauro António e de uma vasta recolha de documentos bibliográficos devida a António Rudvo Mouzinho. A editora entregou a tradução dos textos a Carlos Porto. David Lopes, Jorge Nascimento Fernandes, Luísa Lemos e Manuel Machado da Luz — nomes ligados á crítica cinematográfica e, portanto, garantia de um trabalho responsável. Fernando Felgueiras encarregou-se e (bem) da orientação gráfica do volume.

A colecção «Cadernos de Cinema», em boa hora iniciada, prosseguirá com o volume dedicado ao Novo Cinema Europeu. Oxalá não fique pelo caminho...

ACABA DE SAIR O SEGUNDO VOLUME DE

OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT

AUSTRÁLIA MERIDIONAL

Uma prodigiosa viagem!
Através de exóticos continentes, uma busca desesperada e aventurosa

VOLUME ANTERIOR:
AMÉRICA DO SUL

A SEGUIR:
OCEANO PACÍFICO

cada volume, com desenhos da edição original francesa de Riou, gravados por Pannemaker: 25$00

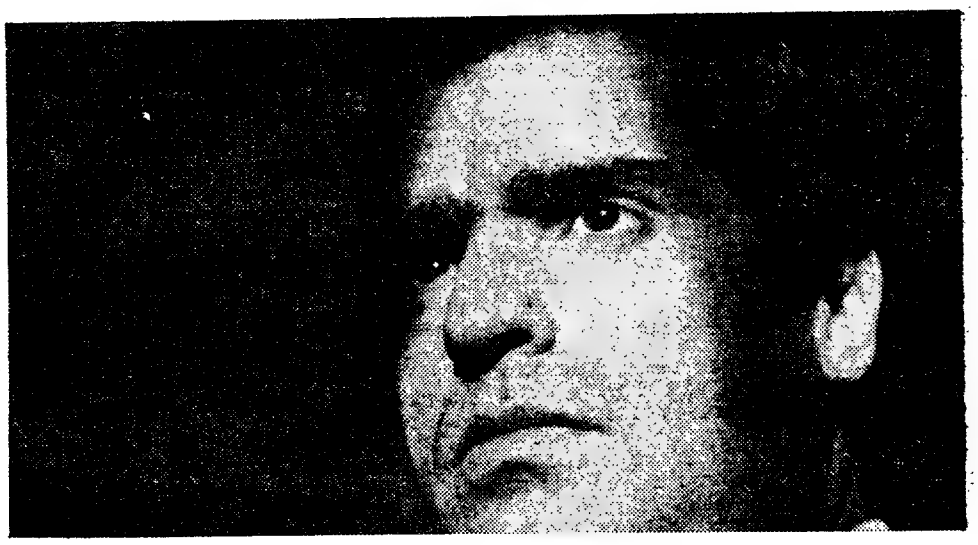
LIVRARIA BERTRAND

O ENSINO DE

Inquérito organizado

NO MOMENTO em que pùblicamente se debate o problema da Universidade portuguesa, pareceu-nos oportuno lembrar igualmente o do ensino das Belas-Artes no nosso País. Como simples apport a um debate que se deseja bem mais amplo e rigoroso, quisemos tão-sòmente trazer a lume alguns depoimentos de individualidades que se têm destacado no nosso meio através da sua actividade pedagógica, como críticos de arte ou como professores. Julgamos no entanto que seria necessário ouvir também os próprios estudantes de Belas-Artes acerca deste mesmo problema, mas em número suficiente para que se obtivesse uma opinião significativa da vontade estudantil. Um tal inquérito deveria, pois, realizar-se pelas entidades competentes, em condições mais favoráveis para essa tarefa. As poucas vozes de estudantes que aqui iremos ouvir não serão contudo de desprezar, uma vez que elas não representam, com certeza, ideias isoladas no conjunto discente das nossas duas escolas.

Aconteceu termos visto em Outubro uma exposição escolar em Lisboa, numa das salas do antigo Convento de S. Francisco. Dando-nos uma ideia insuficiente do ensino que ali é ministrado, essa exposição veio confirmar no entanto o que supúnhamos: — que uma «abertura» verificada em relação a novos métodos mais se deve à responsabilidade individual de alguns professores do que a um programa devidamente estruturado. Foi assim que, entre as perguntas que nos ocorreu formular, a fatal e imediata: I) «Que pensa do ensino de Belas-Artes em Portugal!?» *Seguiu-se logo outra mais ambiciosa e de difícil resposta, e de que modo nenhum esperamos em todos os casos ser satisfeita. E que é: II)* «Como deveria este ensino ser estruturado?».



Luís Filipe de Abreu

Professor de pintura da E. S. B. A. de Lisboa

AS REFORMAS

No nosso século as alterações no contexto social têm sido de tal modo profundas e rápidas, que as reformas no ensino das Artes Plásticas, como aliás noutros sectores, dado que são morosas (e conservadoras apesar de seus intentos reformadores), a breve trecho deixam de responder integralmente ao que delas se exige.

Não é fácil provar a falência total das escolas de arte de tipo convencional, descendentes directas das antigas academias. Num esforço de adaptação, umas mais dinamizadas do que outras, sem dúvida, não raramente têm sido chamadas a assumir funções que as suas estruturas mais ou menos rígidas não previram.

A cidade dos nossos dias exige dos artistas uma participação mais efectiva mas com incidências diferentes daquelas que um século atrás fundamentavam o ensino académico.

Essa inequívoca razão tem constituido motivo de grande preocupação por parte de educadores, artistas e governantes em todo o mundo — um pouco menos entre nós. Efectivamente, nos países em que o surto industrial ainda antes da segunda guerra mundial e sobretudo depois dela trouxe consigo fundas repercussões e de vária ordem, o problema surgiu nítido e urgente.

Algumas notáveis experiências, como a de Ulm, demonstraram ser possível refundir o conceito de escola de arte no cadinho de uma cultura própria do tempo dos seus criadores. Muitas escolas que hoje são apontadas como exemplos são descendentes da de Ulm, ou fortemente marcadas pela sua influência.

Também há alguns anos o Governo britânico debateu largamente o problema do ensno artístico. Da experiência de umas tantas escolas o assunto transitou para as câmaras oficiais que o trataram de modo notável, a avaliar por algumas comunicações conhecidas e pela solução sem dúvida peculiar, mas que constitui exemplo que os especialistas não deixam nunca de ter presente. Contudo na Inglaterra a solução não foi «congelada» no imobilismo de uma forma pretensamente definitiva: departamentos oficializados mantêm em aberto o debate e a revisão. Muitos outros países se têm debruçado sobre o assunto: em 1965, em Londres, um organismo filiado na UNESCO, a Associação Internacional das Artes Plásticas, com outras entidades oficiais e particulares, organizou o *1.º Congresso Internacional Sobre Instrução Profissional do Artista.* Estiveram presentes delegados portugueses, um do SNI, dois da Sociedade Nacional de Belas-Artes, todos convidados pelo «comité» inglês, visto Portugal não fazer parte daquela Associação. Dos reflexos na Imprensa especializada, e do relatório dos delegados da SNBA, pode inferir-se a diversidade de pontos de vista e de matérias tratadas, bem como o nível dos trabalhos.

OS ALUNOS

Se procurarmos situar o problema do ensino das Artes Plásticas no nosso País, em referência aos alunos, dois pontos inevitáveis e de enorme importancia teremos de considerar: em primeiro lugar a questão da sua preparação anterior, em seguida o tipo de instrução que esses alunos requerem em ordem à futura integração profissional.

Ora é sabido que em Portugal o ensino artístico de nível secundário é pràticamente inexistente. Apenas uma minoria passa por duas escolas de artes decora-

BELAS ARTES

por Francisco Bronze

tivas, cuja orgânica se orienta naturalmente para o campo das actividades profissionais. Interessa sobretudo ter em conta que a quase totalidade dos jovens não usufrui de uma formação artística elementar e generalizada, uma vez que as disciplinas de desenho nos cursos secundários são preponderantemente complementos de uma formação matemática, aliás importantíssima. (O aluno do liceu tem já ao seu alcance uma perfeita iniciação na Arte literária, e mais rudimentar no que respeita á Música, por exemplo). A experiência a todos os títulos notável da disciplina do desenho no Ciclo Preparatório do Ensino Técnico, agora extinto e que visava uma educação geral «através da arte», poderia ter-se tornado uma óptima abertura para uma formação artística elementar, a par das outras disciplinas dos cursos secundários.

Uma tal deficiência na programação daqueles cursos, traz como consequência uma lacuna na formação integral da juventude. Mas se restringirmos o problema ao âmbito que nos importa considerar, forçosamente concluiremos que, se os candidatos a alunos das escolas de Belas-Artes não têm formação artística geral, muito menos terão preparação específica de nível condizente.

Quanto ao segundo ponto importante, constata-se que, do contingente de alunos que cada ano mais avoluma a frequência dos cursos de pintura e escultura, apenas uma pequena parte virá a tentar a carreira de Pintor ou Escultor, pròpriamente ditos. A esses a escola não chegará a oferecer o que seria desejável, em razão de muitas circunstancias. Mas aos restantes, grande maioria, que vão em busca de formação e informação atinentes com as profissões que os esperam cá fora, a escola quase nada dará.

A ORGÂNICA DAS ESCOLAS

Tomando em atenção as mais frequentes opções dos alunos em função das solicitações do meio, podemos apontar como principais «saídas», os seguintes sectores de actividades: 1) Professorado no ensino secundário; 2) «Design» — industrial, gráfico, de interiores, etc.; 3) Profissionalismo no domínio da Pintura; 4) Investigação — laboratórios de conservação e restauro, museologia, arqueologia, crítica e ensaio, etc.

A actual orgânica das Escolas Superiores de Belas-Artes prevê objectivamente a formação dos artistas-pintores-ou-escultores. Por outro lado é concedido aos diplomados o privilégio de proverem os quadros do magistério do desenho no ensino secundário e de conservadores de museus e monumentos, mediante os estágios requeridos. Mas de facto não está considerada a necessidade de preparação específica em ordem a essas funções ou quaisquer outras.

Se admitirmos que cada ramo de ensino artístico requer não só programação adequada, como pessoal docente especializado e condições determinadas de instalação e apetrechamento, torna-se evidente concluir que as escolas de Belas-Artes não podem fàcilmente oferecer aos que não desejem ser pròpriamente pintores ou escultores, mais do que o exercício de certas disciplinas que eventualmente poderiam integrar-se num elenco básico comum a vários cursos. Pondo de parte a hipótese de viabilidade de uma instrução orientada para especialidades multiplas, poderemos então observar o regulamento de 1957 à luz dos objectivos para que foi criado, e verificar, em confronto com o anterior uma notória possibilidade de abertura no âmbito de acção de docentes e discentes. Certo é que condicionalismos de vária ordem entre os quais pontifica o das instalações (penso ainda no caso de Lisboa), não terão permitido um desenvolvimento máximo das potencialidades outorgadas pelos legisladores. Mas quem se detiver na letra do estatuto não deixará de encontrar motivos de reparo mais ou menos flagrantes, que por si sós, fazem sentir a necessidade de reforma. É o caso de uma sistematização de matérias que conduz em certos casos a uma improficua estanquicidade de disciplinas afins, cujos inconvenientes se reflectem na economia dos horários e na dispersão de capacidades dos alunos. Um horário das cadeiras de desenho extremamente contraído será a causa de uma aprendizagem insuficiente. Quanto ao grupo de cadeiras de História de Arte também creio não ser fácil fazer caber na sua planificação a extensão e profundidade de matérias tão vastas, consideradas essenciais na formação básica de qualquer artista. Uma cadeira de história da chamada arte moderna seria desejável ao longo dos dois ultimos anos dos cursos. Por outro lado sente-se a falta de uma cadeira de arqueologia que existia no estatuto que precedeu o actual, e que viria a servir de abertura para um vasto sector de investigação, tão necessário entre nós. Outros exemplos mais poderiam ser acrescentados, num critério pessoal que procurando ser objectivo, não deixará de ser discutível.

PREMISSAS PARA UMA REFORMA

Quem visitou uma pequena amostra de trabalhos escolares referentes ao ano lectivo transacto, que, de modo informal, esteve recentemente a publico numa sala da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, terá verificado que o ensino ministrado numa escola de estrutura convencional, descendente da Escola de Paris, não terá forçosamente que ser arcaico. Mas pelo que mais acima ficou dito, poder-se-á recear que seja insuficiente e truncado. Isto, evidentemente, quando levados em conta certos factores que os especialistas dos nossos tempos consideram importantes na formação e instrução dos candidatos a Pintores e Escultores.

Mas falar em reforma do ensino da Pintura e da Estrutura não é ainda pôr o problema de uma reforma do ensino artistico em Portugal, entendida em termos gerais, numa perspectiva vasta, a integrar as diversas linhas que se radicam no nosso quadro social.

Um tal problema não poderá deixar de ser equacionado com urgência num país em desenvolvimento, onde as necessidades que hoje se divisam, amanhã serão mais agudas no que respeita à participação dos quadros de formação artística de várias espécies e graus. Dispenso-me de referir de modo particular todas aquelas funções que actualmente se vão satisfazendo em regime de improvisação e empirismo (ressalvam-se algumas honrosas excepções) e para as quais a instrução apropriada ainda não foi prevista.

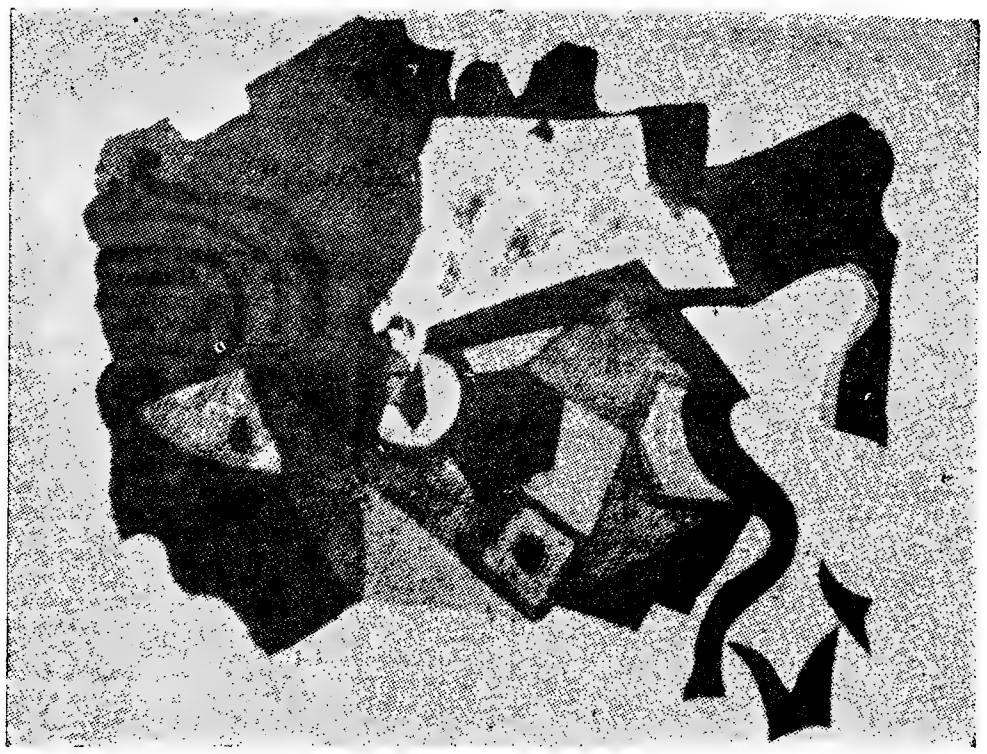
No que respeita ao ensino de nível superior é de crer que várias soluções se poderão deparar aos reformadores. Será em qualquer dos casos pela definição cuidadosa e clara de umas quantas ordens de problemas basilares que são nossos, que esses reformadores encontrarão soluções que se enquadrem nos parâmetros da nossa realidade. Não quero com isto dizer, porém, que se ignore ou despreze a experiência do muito que neste campo se tem feito noutros países. Defendendo-nos de riscos inúteis ou apontando-nos caminhos, ela pode valer-nos muito, neste caso como noutros. Estaremos assim em posição de dar um grande passo na concretização de anseios de alguns, que á força de andarem depressa se quedaram antes da meta.

Assim, se no nosso país se não chegaram a sofrer os inconvenientes que nalguns países já se lamentam, da separação das escolas de Arquitectura e «Design» das de Artes Plásticas, bastante haveria ainda a fazer para se congregar num grande centro universitário, o ensino de todas as artes visuais, aí incluídas o Teatro, o Cinema e o Bailado, e ainda a Música. Os exemplos deste tipo, pouco frequentes, são em parte reminiscências de um conceito antiquíssimo de integração das Artes, ou são a sua reposição em termos de *última palavra*.

No que toca às *artes visuais*, os legisladores não deixarão por certo de ponderar a hipótese de agrupar um núcleo de cadeiras fundamentais, em jeito de curso propedêutico, seguido de cursos complementares visando as actividades profissionais, tão ligados quanto possível aos sectores da produção, quando for caso disso.

Um sólido tronco de formação básica ramificado na diversidade das instruções complementares especializadas, procurando pela investigação permanente e pelo treino aturado, em clima realmente universitário, responder de modo que se entenda mais cabal às solicitações do nosso presente, numa visão rasgada sobre o futuro.

(Na próxima semana continuaremos esta série de depoimentos).



Pintura de Nikias Skapinakis

Da polémica ao diálogo

NIKIAS SKAPINAKIS
na Galeria 111

JUSTIFICAR-SE-Á esta exposição retrospectiva de Nikias como resposta a uma necessidade do momento cultural português? Se não é este um pseudo-problema, duas hipóteses se levantam: ou tal coisa não se colocou como problema à consciência do pintor, ou recebeu então uma resposta afirmativa. Na primeira hipótese, razões de liberdade ou de comércio bastariam só por si para justificar a retrospectiva. Apenas em relação à segunda se poderiam levantar dúvidas ou manifestar-se mesmo o nosso desacordo.

Valoriza-se esta exposição pelo facto de ter sido acompanhada de um catálogo com suficiente interesse informativo, reproduzindo muitos dos quadros que poderão oferecer uma visão significativa da pintura de Nikias, assim classificada em três períodos: um que vai de 1945 a 55, outro de 56 a 65 e o último de 66 a 68.

O primeiro caracteriza-se no início por uma disciplina formal de raiz cubista, ou antes, para-cubista. Muitos dos jovens destes anos 40 descobriam a pintura moderna através do rigor formal do cubismo ou dos resíduos que dessa experiência ficaram. Três paisagens deste período mostram-nos uma tendência geometrizante que se explica nos cubos das casas da cidade retratada, na agudeza de ângulos dos telhados e muros, nas copas circulares das árvores. Mas já em 55 este rigor é abandonado em favor dum desenho mais ingénuo, sujeito à sensibilidade da linha, enquanto a cor assume uma função mais nitidamente *expressiva* — acentuando uma tonalidade *lírica* com que o pintor envolve as suas figuras, gente simples da cidade surpreendida nos seus gestos quotidianos, em primeiro plano ou perdida na solidão da paisagem urbana. Por todo este segundo período o desenho de Nikias surge-nos duma grande debilidade, mas assim mesmo se assumindo, numa ingenuidade talvez fingida mas a que não é alheia com certeza uma atenção dedicada à expressão plástica infantil. O próprio colorido destas telas parece confirmar esta inspiração, numa luminosidade e frescura de tons que se acentua por vezes numa memória de Chagall e Ganguim.

Nas paisagens da cidade, o «enquadramento» da imagem desce dos telhados das casas para quintais e traseiras dos prédios, apreendendo os gestos quotidianos dos afazeres domésticos, o viver das pessoas na rua, num populismo defendido tenazmente. Sucedem-se as ruas desertas, os muros cerrados, a triste fachada de fábricas, ou casas de bairros quietos. Lisboa vai estar sempre presente na pintura de Nikias, mas algumas vezes as suas imagens são alteradas por uma nostalgia das cidades da Itália, tal como a sua própria linguagem plástica acusará uma viva lembrança de muita pintura italiana. Aliás, nunca o artista fez segredo da sua admiração por mestres como Carpaccio, Morandi, Carrá..., algumas vezes as suas telas lhes rendendo implícita ou explícita homenagem. Mas, assim, com os olhos postos num passado próximo ou longínquo, o pintor viu-se obrigado a travar uma contínua polémica com aquela arte de vanguarda que, em silêncio, não deixava de acusá-lo de «reacção» no domínio criativo. Já nessa altura (como hoje ainda), o problema punha-se deste modo: — Ensinando-nos a Sociologia e a Psicologia da Arte que os *esquemas formais* correspondem sempre a determinados *esquemas ideológicos*, numa íntima conexão estabelecida, como poderia uma ideologia *progressista* harmonizar-se com *esquemas plásticos conservadores*? A contradição era (e é) evidente. Nikias recusou-se sempre a reconhecê-la, pelo menos enquanto pintor, e o debate prolongou-se. Muitas das telas que esta retrospectiva nos mostra são a prova evidente do apego do pintor a esquemas totalmente ultrapassados. Mas, a partir de certa altura, a pressão das correntes contrárias não deixou de se fazer sentir nitidamente. Os últimos quadros do 2.º período demonstram que o pintor, embora permanecendo fiel aos seus princípios estéticos, é tentado, na escolha dos seus temas, pelas próprias ideias a que se opunha.

Verifica-se por volta de 1965 uma atracção por circos e outros temas de festa ou arraial, onde, sem aparentemente se comprometer, pode o artista comprazer-se nos jogos abstractizantes que, pela sua própria natureza, tais imagens lhe permitem. Vistosamente coloridos, circos ou carrosseis, arcos embandeirados, são o repositório de uma certa forma de arte popular que na sua decoração se manifesta. Substantivando essas formas vagamente geometrizadas, propondo valores de cor mais *timbricos* que *cromáticos*, a pintura de Nikias aproxima-se sensìvelmente da Abstracção. A pouco e pouco, o fundo naturalista das suas telas dilui-se numa cor branca, até perder por completo o seu carácter tridimensional. No último período as formas

(Continua na 6.ª página)

JOSÉ CARDOSO PIRES

O DELFIM

romance

SAIU A 2.ª EDIÇÃO
10.º MILHAR

1.ª edição:
Junho-Setembro 1968

distribuidores
DILSAR

MORÆS
editores

Tel. 680167

Através de «O Delfim»

por Alexandre Pinheiro Torres

POR QUE MOTIVO não haveria Cardoso Pires de abrazonar o *tempo histórico* com a lagartixa que, no muro secular do Largo da Gafeira, é perfeitamente emblemática de um mundo onde o *tempo* é, afinal, escamoteado? Sim: porque já era mais que chegado o momento em que se equacionasse um espaço de ficção onde se eliminasse uma das tradicionais cordenadas cartesianas, para se falar, se me dão licença, nos termos matemáticos da Geometria Analítica que o filósofo de «Discours de la Méthode» inventou.

Em «O Delfim» há mesmo um bestiário desta intemporalidade. E com que gozo José Cardoso Pires nos vai abrindo alíneas, com os requintes do *expert* em Museologia, descrevendo a fauna que não muda, como a que sobrevoa a Lagoa da Gafeira e que o *terrateniente* que é Palma Bravo (O Engenheiro=O Delfim) contempla com o olhar protector de quem está habituado a ter o lar ou seu *habitat* povoado de animais domésticos, que acaricia ou suplicia conforme as garrafas de *Whisky* que engole lhe alteram ou não os humores.

UM CARGO,
UM TERRITÓRIO...

«O Delfim» começa pela descrição de um Largo. Um Largo que já está morto. Não é o Largo que Manuel da Fonseca descreve no início de «O Fogo e as Cinzas», ao qual o tempo histórico foi retirando, a pouco e pouco, como uma sanguessuga, a vida.

No livro de Manuel da Fonseca nós sabemos por que motivo o Largo entra em decadência. Se houve uma época em que ele era o centro da Vila, e em que os homens bons ou fortes dele faziam o seu Forum, o início, para aquela zona, da era da industrialização, e, muito particularmente, a chegada do caminho-de-ferro, liquidaram-no, e a paisagem humana alterou-se. As gentes mudaram-se para o termo da estação, e as mulheres saindo das tocas das casas, começando a pintar a boca, deram a primeira grande machadada no patriarcalismo.

Cardoso Pires vai ao cadáver de um Largo deste tipo e analisa que espécie de vida ainda lhe ficou, não na *belle époque* das primeiras locomotivas, mas naquele tempo, em que, ao lado da lagartixa que desde os Romanos se imobiliza no muro, aparecem outros objectos e outros animais: um «Jaguar» 4 litros, e dois lobos-d'alsácia. Então, se assim é, como podemos falar em termos do *tempo escamoteado?* Se há «Jaguares» 4 litros, num fundo de ruínas romanas, o tempo passou mesmo. Claro que passou mesmo. É que o tempo passa mesmo, não sabemos se como diz Newton, ou como diz Bergson, ou se como diz Einstein que, mais arteiramente o associou ao *espaço* despromovendo-o da importância que Kant, com muito respeito a Newton, lhe atribuiu. Embrulhem-no como quiserem, façam em ficção o que dele fizeram ou Joyce, ou Huxley, ou Robbe-Grillet, à quadriga sucedeu a liteira ou a carruagem, e a esta a máquina a vapor, e depois o automóvel e o avião a jacto, etc. Não são estes os objectos da temporalidade?

A questão é que Cardoso Pires vai à Gafeira e como que nos diz: «De acordo, amigo. O pior, ou o melhor, é que o «Jaguar» não alterou a Geografia Humana, por estas áreas». E eu, leitor do seu livro, e, ao mesmo tempo, do tratado de Amorim Girão, com a memória, ainda fresca dos seus tempos de estudante, das fotografias que lhe ilustravam o calhamaço, sabedor, pois, de como a matreirice do Homem, é capaz de fazer das Gafeiras tudo aquilo que lhe der na gana, respondo: «Você, tem razão. A Lagoa da Gafeira é pertença do nosso amigo Delfim, a Gafeira é como São Romão do «Anjo Ancorado», que você, no seu novo romance, não se esquece de citar; a Gafeira é um São Romão com dono, e enquanto tiver esse dono não são os noventa e oito machos que vivem por aquelas áreas que vão poder ir para lá caçar patos quando lhes der na gana».

OBJECTOS E FORMAS

Então, digo para mim próprio: «o que Cardoso Pires faz é descrever um espaço geográfico onde não se pode falar de Geografia Humana. Como esta é uma ciência que vive largamente das fotografias tiradas de avião, a duzentos ou trezentos metros de altitude, o «Jaguar» 4 litros é capaz de desaparecer no negativo, quanto mais os dois lobos-d'alsácia!» E, ao dizer isto, nem reparo, ou faço de conta que não reparo, que são simultâneamente alguns objectos e alguns animais as articulações sem as quais o novo romance de José Cardoso Pires não faria qualquer sentido. É verdade. O sentido é que mesmo com esses objectos (incluindo neles o «Jaguar») ou com esses animais (incluindo os dois cães) a Gafeira oferece o «facies» da ocupação romana e está ainda de acordo com a memória história que dela traçou o Abade Agostinho Saraiva.

O autor chega à aldeia para caçar patos. Instala-se na pensão. E começa a tagaralice sobre o que acontecera desde o ano anterior. Imagine-se que o amigo dele, engenheiro, o senhor feudal da Gafeira, que, por certos traços, diríamos parente do barão de Branquinho da Fonseca, matara a mulher que por sua vez seria responsável pela morte do criado Domingos, que, como qualquer dos lobos-d'alsácia; é uma espécie de projecção do Delfim, seres humanos ou animais que, paralelamente à mitologia bíblica, dir-se-iam ter saído de uma das costelas do dono à qual houvesse sido insuflado o necessário sopro vital. Diga-se de passagem que uma das coisas que José Cardoso Pires faz de forma magistral é descrever uma grande série de coisas de tal forma que elas se apresentam como *reflexos* ou *sintomas* externos das personagens. Sem cair na tara de descritivismo pseudo-impessoal do *nouveau roman* exibe, pelo contrário, uma reabilitação dos objectos como sinais bastantes de caracterização da fauna humana que perpassa pelo livro. Os próprios animais, alvos de caça na Lagoa da Gafeira, se, quando começam a ser descritos, nos aparecem uniformizados por um tecnicismo de descrição que aproxima o autor do zoólogo, não deixam de nos surgir sobredesumanizados, numa oculta antropomorfização que é, certamente, um dos maiores fascínios da nova obra do autor de «Jogos de Azar».

AS RAIZES DE UM TEMA

É certo que, em obras

NOVIDADES LITERÁRIAS

O IMPERIO PORTUGUÊS NO ORIENTE, de Jaime Cortesão

XV volume das «Obras Completas» do genial historiador e português insigne.

OBRAS COMPLETAS DE JAIME CORTESÃO — 344 págs., 12 extratextos e mapas 65$00

POEMAS, de Eugénio de Andrade

2.ª edição, com um estudo de Óscar Lopes, deste livro de «poesia limpida, que vem das mãos humanas, do sangue rumoroso, do amor corpóreo, do trigo, dos frutos, da luz, do mar».

Colecção POETAS DE HOJE — 28 + 246 págs., 55$00

TEATRO DE GIL VICENTE, apresentação e leitura de António José Saraiva

Em 4.ª edição (12.º milhar), uma antologia essencial do teatro vicentino.

Colecção ANTOLOGIAS UNIVERSAIS — 396 págs., 50$00

ALBA PLENA (Vida de Nossa Senhora), de Augusto Gil

A luminosidade lírica de Augusto Gil recriando lendas douradas em torno da Mãe de Jesus.

Colecção OBRAS COMPLETAS DE AUGUSTO GIL — 8.ª edição, ilustrada, 144 págs., 40$00

DICIONÁRIO COROGRÁFICO, ADMINISTRATIVO E JUDICIAL (Portugal Continental e Insular), por José Bragança Gil J.or

Uma obra do maior interesse para o continente e ultramar, indispensável a advogados, solicitadores, notários, conservadores, câmaras municipais, repartições públicas, organismos oficiais, corpos administrativos, tribunais judiciais e de trabalho, juntas de freguesia, bancos, companhias de seguros.

2 volumes cartonados, num total de 1160 págs., 175$00

O CAPITÃO FRACASSE, de Théophile Gautier

Obra-prima do romance de capa e espada.

BIBLIOTECA DOS RAPAZES — 3.ª edição, ilustrada, 314 págs., 40$00

Portugália Editora
AV. DA LIBERDADE, 13 LISBOA

por Gabriele Brustoloni

A ATITUDE, em geral, tomada pelos intelectuais italianos da segunda metade deste século é uma atitude que causa alarme nos ambientes em que ainda persiste tenaz a presença e a tradição de um Joyce, Kafka, Faulkner, Hemingway, Pound, Lorca.

Ao tentarmos uma introdução de perspectivas literárias, temos que considerar, primeiramente, a decadência progressiva da retórica, não sòmente no costume contingente do sentido, como na própria decadência da palavra subordinada às regras e ao «controle» do raciocínio.

A segunda guerra mundial deu-nos uma prova trágica, e até certo ponto grotesca, dos acontecimentos, como a cristalização do pensamento e da política tradicional num mundo que continua a chamar-se humanístico, mas que fica indiferente às manifestações de intolerância e de totalitarismo, como que cansado ou (quem o diria?) até condescendente ...

Após a «Resistenza» que alimentara no povo grandes esperanças de renovação — temática aliás intimamente ligada à mitografia popular — houve uma preferência em restaurar, em vez de renovar, as estruturas de um edifício em ruínas.

Nos anos que seguiram o fatídico 25 de Abril de 1945, houve sintomas de desvios penosos por parte de escritores e poetas que, após os panegíricos apoteóticos à cenografia de papelão criada pelo Fascismo, se deixaram transtornar pelas grandezas de um mundo de aço e urânio criado pelas grandes potências mundiais. Acabada a guerra, todos se declararam «neo-realistas» e, na euforia das soluções provisórias, foi esse o «ismo» mais à moda. Foi assim que juntos das fabulosas molduras de um neo-realismo cinematográfico, celebraram-se os fastos do neo-realismo narrativo e lírico.

Mas a atitude mais difundida foi a do assim chamado «existencialismo», corrente importada da França que, depois da última guerra, se tornou a precursora de um movimento que já conhecera adeptos na Alemanha de Weimar. E, entre nós, a imitação da imitação é normal, pois pensa-se neutralizar a distracção do público e o seu desinteresse para com os acontecimentos literários, com tudo o que seja estrangeiro.

Nos últimos anos assistiu-se a uma forma de esgotamento das linguagens literárias que se desenvolveu com extrema rapidez, e as diferentes formas de vanguarda revelaram as impossibilidades e o negativo de uma situação.

A acção de vanguarda definiu a inexistência não só de uma hierarquia de valores — elemento crítico que nada significa — mas também a ausência de um único sistema semântico num âmbito de sinais comunicativos.

De alguns exemplos poéticos de vanguarda, nos anos a seguir à última guerra, não devemos deixar de mencionar Pier Paulo Pasolini. Em «Le Ceneri di Gramsci», Pasolini consegue levar a um plano de exemplaridade histórica tudo o que em seus precedentes versos, quer em dialecto, quer em língua italiana, tinha um carácter meramente particular. Há quem afirme que Pasolini ainda esteja ligado, apesar das atitudes críticas e das teorizações da nova poesia, a uma forma oscilante entre termos extremos: de um lado a efusão sentimental, a descrição da terra natal, a confissão autobiográfica; do outro, a casuística social, uma vida popular ao nível mais humilde e, muitas vezes em aspec-

(Continua na 7.ª página)

Pier Paolo Pasolini, exemplo da vanguarda poética na Itália: a efusão sentimental alia-se à confissão autobiográfica e à casuística de uma vida popular ao nível mais humilde

anteriores, já Cardoso Pires fazia revestir determinados objectos do carácter de *distintivos* das personagens, e isto acontecia quer nos objectos possuídos quer sobretudo nos que eram alvo de perseguição. Isto é particularmente evidente no automóvel de desporto que João de «Anjo Ancorado» possui e no merô que ele persegue, distintivos sociais de poder e de caça, binário onde o vector *caça* é, sem dúvida, o de maior significação. Haja em vista também o que sucede em «O Hóspede de Job», particularmente no simbolismo da caça às espoletas das granadas pelas crianças que giram dentro do «Triângulo de Tiro».

Desta vez as coisas vão muito mais longe. Domingos assume todo o carácter de um objecto que o Delfim possui e que cinzela ele próprio a seu gosto, embora delegue na mulher, Maria das Mercês, algumas das tarefas mais delicadas desse trabalho de oficina. A esposa é, por sua vez, um objecto de posse segundo as boas regras pelo escritor já estabelecidas na «Cartilha do Marialva que se preza», facto que não deixa de ser importante porque não havia até agora na ficção de Cardoso Pires nenhum exemplo de tal tipo de mulher, ou seja a «Dona dos três KKK». As ligações das personagens principais deste romance com a ideologia do marialvismo são tão claras que posso sugerir que o «Delfim» é uma ilustração do século XX de um homem do «ancien régime» que ostenta todavia alguns emblemas que só na aparência o localizam cronològicamente na nossa época: desde o título de engenheiro (e isto é já um compromisso do Marialva com a era industrial) até ao seu bestiário humano ou animal: quadrúpedes ou bípedes volantes, adornos ou satélites da lagoa, que é o seu latifúndio líquido. «O Delfim» é o mesmo que dizer, o marialvismo para além da Universidade, enquanto na «Cartilha do Marialva» talvez se pressupusesse que para além da Universidade o marialvismo não seria possível.

Uma vez que afinal é possível como Cardoso Pires o demonstra, parece-me legítimo admitir, ou partir do princípio, que o autor, conforme disse no início deste artigo, como que escamoteia o *tempo*, mesmo contrapondo às ruínas romanas o «Jaguar» de 4 litros, porque — eis que no-lo aponta enquanto folheia a «Memória do Abade Saraiva» — lá está a *lagartixa* imóvel no Paredão do Largo.

Porém (continuando a dar aqui uma vaga sumula da intriga), instalado o autor na pensão, ele passa a noite que antecede o dia da abertura da caça a recordar o seu convívio do ano anterior com o engenheiro, com Maria das Mercês, e por que não com Domingos, o criado maneta, mais os lobos-d'alsácia, o «Velho de um só Dente», o «Batedor», etc.

A RECUPERAÇÃO «TEMPO-ESPAÇO»

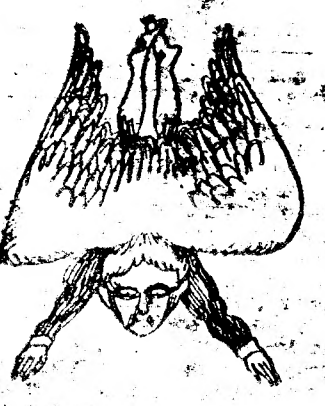
E misturam-se as recordações do ano anterior com a realidade que, um ano depois se lhe depara. Claro, que sabedor da morte do criado e da Maria das Mercês, todas as suas recordações nos são transmitidas em função deste acontecimento *futuro*. Vamos dar a palavra ao escritor: «A descrição do passado revela um sentido profético no comportamento dos indivíduos que resulta de os estarmos a estudar numa trajectória histórica já conhecida» (pág. 312, nota do rodapé). E, lentamente, tudo o que pode esclarecer essas mortes nos vai sendo dado num clima de crescente «suspense».

Sabemos de início qual o desfecho. Mas porquê e como aconteceram as coisas? A teia não no-la emaranha naquele vício policial de labirinto de Cnossos que caracteriza vários dos exemplares mais notórios do, com toda a apa-

(Continua na 7.ª página)

É PROIBIDO O MACÊ

por Alexandre O'Neill



SATISFEITA a malvada, Datuatia mete o último preso na enxovia, passa a língua pelo teclado e pelas gengivas e diz que este do carvoeiro é que sim, é que pinta. Observada uma aflita à velha, que está a dar corrapau ao Benfica, Datuatia pega na albarda, resmunga «telogomãe!». «Não venhas tarde» cacareja a velha num arrasto neopopulista de varizes.

Ao passar pelo Vicente, Datuatia traqueja e diz para a velha das castanhas «troque-me este em miúdos!» e ri-se como um selvagem. A tiazinha fica-se a dar ao abano, como que a espalhar o petisco com que Datuatia a mimoseara. «Que vá gozar a patusca da mãe dele» diz a tiazinha de mistura com outras gentilezas de fazer corar o mais conspícuo, mas já Datuatia virara a esquina na bruta gáspia.

Em menos duma loja de barbeiro, Datuatia chega aos Bilhares, atira o cabedal para uma cadeira, põe a pata em cima do verde e declara que dá quinze às cinquenta a qualquer dos èpás que por ali se coçavam. «Prajá» disse um deles. Chamaram o Rentàterra, que em três trrins tirou as bolas, depositou-as em cima do verde e preveniu pela estafadèsima vez os èpás que era proibido o macê.

Na morte de Cristovam Pavia

por Fernando J. B. Martinho

Sebastião da Gama, José Régio e Cristovam Pavia

BEM SABES como nos habituamos ao silêncio. Como, insensivelmente, nos fechamos. E tememos comunicar. Dar notícias, dizer de nós, do que nos acontece. Bem sabes como custa nomear o vazio. É mais fácil deixá-lo entorpecer-nos. E sempre conseguimos desculpas para o que não fizemos, para o silêncio que, apesar de tudo, não quisemos. Ou será sempre o pudor que nos leva a deixarmos sem notícias os amigos? Ou a convicção de que as palavras já não **são**, perderam seu poder comunicante? Desta vez, porém, Cristovam, é terrível. Não poderás perdoar-me. Agora, sim, as palavras já não **são** e são elas que perdoam, que cortam o silêncio.

Acharás certamente irrisório o meu remorso. Que há na vida que os mortos não encontrem irrisório? Isso, porém, não me serve de consolação. Vê, ainda aqui me debato e vivo as pequeninas angústias quotidianas! Não podes pedir-me que esqueça o remorso. Sabes do que falo, não é? Como posso sentir-me tranquilo? Tantas vezes estive para te escrever a felicitar-te pelo último poema que publicaste. E havia muitas razões para te felicitar. Eu e todos os teus amigos sabíamos que há muito não escrevias. «Ao Meu Cão» (1) era um poema terrível (desculpa a pobreza das minhas palavras), mas, para lá de todo o calmo desespero em que vivia e tu o tinhas vivido, valia como uma esperança para ti, como um renascimento. Se voltavas a tocar as palavras, a não temer-lhes a força, era porque havia alguma coisa que tinhas sabido manter incólume, a coberto do poder destruidor do mundo. E falavas com a mesma limpidez, com a mesma riqueza discreta de sempre. E eu não te disse nada. Não te manifestei a alegria que tinha sentido pelo teu reaparecimento.

«Ao Meu Cão» não era só um motivo de alegria para os amigos ansiosos pelo ressurgimento de um poeta extraordinário. Era também, e sobretudo, uma lição de como escrever poesia. Um exemplo para meditar. Clareza e simplicidade. Inocência desprevenida frente às palavras. Uma calma aceitação do seu mistério. Mesmo para falar de uma vivência dolorosa. Em 1966, no meio de todos os malabarismos que nos vão servindo, de todas as falsidades com que procuram desviar-nos os sentidos, vinhas dizer que ainda se podia ser claro, simples, poeta.

Agora, ao ler o teu último poema, é impossível não pensar na tua morte. Na solidão que foi a tua vida. Na angústia que conheceste, na trágica «aceitação de tudo» que foi teu modo de viver a desarmonia deste tempo. Na «aceitação de tudo» que não excluía, é bem de ver, a recusa das desordens pelo tempo estabelecidas e farisaicamente caiadas — na aceitação dos limites que são os nossos frente à aparência ou ausência de significado do universo. Dialècticamente, todavia, crendo na perfectibilidade do temporal.

Não sei se alguma vez te disse que muito te devo. Que a tua amizade foi um dos marcos determinantes da minha vida. Talvez nunca tenha ousado entrar em tal terreno. Agora já é tarde. Há sempre um estúpido orgulho que nos impede de manifestarmos o quanto a presença dos outros nos ajuda, e nos sustém à beira do abismo que o desespero quotidiano abre a nossos pés. Há sempre o temor das palavras. Há sempre um medo infantil da humildade. Agora é tarde, repito. Mas não é por isso que a minha dívida de gratidão para contigo diminui.

Quando te conheci na Faculdade de Letras, eras já o autor dos poemas que, mais tarde, seriam incluídos no livro da colecção «Círculo de Poesia» (2). Ainda me lembro do primeiro poema que me passaste: «Súbitos mergulhadores descendo nas águas inimigas». Impressionou-me sobretudo o final. De que **saída** e de que **fundo** falavas quando disseste «só há saída pelo fundo»? Desculpa a pergunta. A poesia não é, afinal, esse enigma que não conseguimos reduzir às explicações de que tecemos o nosso constante diálogo com o quotidiano?

Nessa altura, era eu um canhestríssimo aprendiz de feiticeiro (e ainda não deixei de o ser). Fazia poemas que me não davam muitas razões para neles acreditar. Às vezes mesmo, insuportàvelmente medíocres. Não me lisonjeavas. Delicadamente, no modo que todos os teus amigos recordarão, lá me dizias que não era bem aquele o caminho que me convinha e me conduziria à verdade da Poesia. Contar-se-ão pelos dedos as vezes que aderiste a coisas minhas. Mas isso que importa? Nem esta interrogação tem razão de ser. Devo antes dizer: como te estou agradecido! De resto, a nossa amizade processou-se sobretudo para lá de um plano meramente literário. Também falávamos de livros e autores que amávamos, mas nunca isso foi o mais importante. É certo que te devo o conhecimento de alguns autores que me marcaram profundamente. Nunca me esquecerei que foste tu quem me revelou Mounier numa altura em que poucos eram ainda os que em Portugal falavam de Personalismo.

A nossa amizade nunca se circunscreveu apenas a interesses literários. Aliás, não achas que a verdadeira amizade não admite fragmentações, que se quer total? Não achas que transcende os tais **interesses**, sejam eles de que natureza forem?

As cartas que de ti guardo não falam muito de **letras** e nada têm de **literárias**. São cartas de um amigo, não é assim? Falam dos teus problemas, da tua dificuldade de viver, de encontrar a paz, a serenidade. Sempre discretamente, com medo de ofender, de ser injusto. São límpidas e inquietas como a tua presença. Límpidas e inquietas palavras do teu silêncio. Farei por merecê-las.

(1) in «O Tempo e o Modo», n.º 42, Outubro de 1966.

(2) «35 Poemas», Livraria Morais Editora, 1959.

BONNIE E CLYDE

OS AUTÊNTICOS BONNIE E CLYDE

Reconstituição objectiva e ao mesmo tempo apaixonante da vida e caracteres de um par que se tornou uma lenda americana.

Baseado nos mais variados e opostos testemunhos: de parentes, cúmplices, fichas policiais, reportagens contemporâneas...

A autora Miriam Allen deFord ganhou o prémio Edgard, atribuído ao melhor relato criminal verídico.

- ☐ Era Bonnie Parker ninfomaníaca? E Clyde Barrow homossexual?
- ☐ Matavam a sangue frio? Eram cobardes?
- ☐ Como é que REALMENTE morreram?
- ☐ Porque se formou uma tão apaixonada lenda à sua volta?

Eis algumas das questões que este livro escrupulosamente examina. E as respostas podem surpreendê-lo...

COLECÇÃO «OFÍCIO DE VIVER» ..... 50$00

EDITORIAL INOVA LIMITADA

Uma literatura viva...

(Continuação da 1.ª página)

tenários, que nos obriga (e aos críticos) a uma leitura activa atenta — uma leitura que deixou de ser pura e desenfastiada distracção, uma leitura viva em vez de morta (não foram sòmente os romances que se modificaram, mas também a maneira de os lermos). Perante os romances tradicionais, o leitor, ensinado por uma longa prática, já anteriormente sabe o que vai ler, a maneira como se desenvolverá a acção — e tudo isso torna a leitura fácil, ou relativamente fácil. Mas quando se trata de um romancista novo, com os olhos bem abertos para o mundo, uma Maria Isabel Barreno, por exemplo, os dados do romance estão alterados, as regras do jogo não são cumpridas, o leitor vê-se, portanto, obrigado a um esforço suplementar, a criar novos hábitos. Mas destruir os velhos hábitos não será uma das grandes virtudes da arte, o que faz dela um efectivo instrumento de cultura?

3. O que torna viva, num dado momento, uma literatura nacional não é o facto de possuir uma galeria, maior ou menor, de escritores com obra já feita e sólida (Malraux, Aragon, Sartre, em França) mas a sua capacidade de criar novos escritores. No romance português, para além de Nemésio, de Rodrigues Miguéis e de três ou quatro mais, surgiram nestes últimos cinco ou seis anos romancistas significativos, dispondo de uma visão nova — e que nos levem a encarar o romance português como um corpo vivo que não se alimenta sòmente de um passado, aliás relativamente pobre? Havia já, que me recorde, um caso: o de Almeida Faria, com *A Paixão*. Penso agora ter surgido outro (para mim mais impressionante): o de Maria Isabel Barreno, com o romance *De Noite Todas as Árvores são Negras*. Aliás, o título, demasiado alegórico, é a única coisa de que não gosto neste livro, escrito já em 1966, mas só agora publicado.

Um livro que nos força a reaprender a ler, que nos obriga a decifrar a maneira como está construído, que não podemos ler mais ou menos a dormir, que exigirá até — como todas as obras verdadeiramente ricas — uma segunda leitura.

Sempre, depois de fechar a última página de um romance, e procurando vencer a fascinação ou o cansaço que me dominam, costumo perguntar-me: daqui a vinte anos como recordarei este livro? Não começo por me perguntar (pouco importa o que há nisto de ilusório) o que penso agora do livro, com memória fresca e até com notas à margem — o problema é, efectivamente, outro: depois de esquecido, que vai ficar dele daqui a vinte anos, que ficou, vinte anos depois, dos *Vinte Anos Depois*? Na maior parte dos casos, nada.

A minha memória é fraca, sinto-me, pois, seguro de que dentro de vinte anos terei completamente esquecido *L'Astragale*, de A. Sarrazin. E quanto ao romance de Maria Isabel Barreno, para além de toda a sua riqueza de pormenores, ainda tão presentes no meu espírito? A primeira imagem que me ocorre (que me ocorrerá) tem (terá) certas reminiscências wagnereanas: uma melodia infinita, um discurso infinito, ondulante, que vai caminhando por si mesmo, sem paragens (as pausas, parte integrante do discurso, são meramente de ordem visual, tipográfica — destinam-se a facilitar a leitura). Mas, através desse discurso contínuo, sempre no presente do indicativo a indiferenciar a passagem do tempo, vamos ouvindo instrumentos diferentes, vozes diferentes sobressaem do fundo orquestral — e, embora o discurso pareça proferido pela mesma pessoa (a escritora? certo moço a quem dão uma boleia?) são várias as pessoas que falam e que lutam entre si: um marido a mulher, a filha, um cunhado, a cunhada. Para além de uma linguagem sempre idêntica — a linguagem que falam pessoas colocadas num mesmo contexto e recorrendo a uma mesma língua, a portuguesa —, uma linguagem que uniformiza as pessoas (que permitirá aos historiadores dizer, alguns anos depois: *aquela família* ou *os portugueses* ou *a média burguesia lisboeta*, ou, daqui a muitos séculos, *os europeus do século XX*), para além de uma linguagem idêntica — dizia eu — as reacções individuais desses europeus do século XX, desses membros de uma família. Uma linguagem comum (embora extremamente colorida e dinâmica) a traduzir hábitos comuns, maneiras semelhantes de ser, de sobreviver, mecanismo impessoal que vai caminhando não se sabe para onde — e por debaixo desse monstro que nos pretende digerir a todos, as pessoas, as que se acomodaram (ou julgam ter-se acomodado), as que não se acomodaram (ou julgam não se ter acomodado nos seus protestos mais verbais do que efectivos), as que vão amadurecendo, mas sem saber bem para onde se dirige esse amadurecimento.

Livro que recordarei como um grande diálogo ou um grande monólogo? Porque a verdade é que muitas vezes julgamos estar perante um monólogo (de Helena, por exemplo), mas, de súbito, percebemos que havia já algum tempo — e sem darmos por isso — que o monólogo era diálogo (com Amélia, por exemplo). Diálogo sem discurso directo, sem, também, um introdutório «ele disse que». E acabamos por perceber, ao longo do livro, que talvez não haja grande diferença entre dialogar e monologar. Porque, falando umas com as outras, as personagens falam, sobretudo, consigo próprias, falando consigo próprias, falam, sobretudo, com as outras — o tal discurso infinito, contínuo, omnipresente, indiferenciado, que nos absorve dentro dele, procurando fazer de nós as personagens do livro (quando se individualizam e também quando se uniformizam), esse tal discurso que nos constrange a sofrer-lhe as modulações, as alterações de registo, as insensíveis passagens de um nível para outro nível. Monólogos que são diálogos, diálogos que são monólogos.

Passo adiante, espero que a crítica portuguesa saiba falar deste livro (sou um optimista), aguardo essas críticas para depois, mais avisadamente, iniciar uma segunda leitura. Para já (e ainda atordoado pelo ruído da sangrenta batalha que este livro nos descreve entre os homens e o modo como são obrigados a viver) direi sòmente que se me perguntassem qual o romance português, de entre os publicados nestes últimos cinco ou seis anos, que gostaria de ter escrito, eu, que até antes de ontem não desejava ter escrito nenhum (e sobretudo os meus), responderia: este.

AUGUSTO ABELAIRA

EXPOSIÇÕES

GALERIA BUCHHOLZ *Rua Duque de Palmela*	**CARLOS BOTELHO:** HOMENAGEM À MANEIRA DE RETROSPECTIVA OU O SIGNIFICADO DE UMA OBRA
GALERIA 111 *Campo Grande*	**NIKIAS SKAPINAKIS:** O NU À MANEIRA DE INSÓLITO E UMA RETROSPECTIVA COMERCIAL
GALERIA DIVULGAÇÃO *Rua D. Estefânia*	**TOMÁS MATEUS:** OS RISCOS DO FORMULÁRIO EM PURA REPETIÇÃO
CASA DA IMPRENSA *Rua Horta Seca*	**MARIA CRISTINA, MONTEIRO GIL, CASTILHO REBELO:** UMA EXPOSIÇÃO DE JOVENS
COOPERATIVA DOS GRAVADORES *Travessa do Sequeiro*	**FERNANDO CALHAU:** AUTENTICIDADE E TEMPERAMENTO DE GRAVADOR
SOCIEDADE GUÉRIN *Av. da Liberdade*	**PRÉMIO GUÉRIN:** O MUNDO DA MÁQUINA OU DO MOVIMENTO COMO TÉMA DE UM CONCURSO ONDE SE DESTACAM AS AUSÊNCIAS
GALERIA INTERIOR *R. Camilo Castelo Branco*	**JOÃO CUTILEIRO:** A PEDRA ANIMADA POR EROS
EXPOSIÇÕES NÃO DESTACADAS PELO SUPLEMENTO «DL»	**CÉSAR ABBOTT** (SNBA); **LUÍS LOBATO** (GALERIA 48); **NEVES E SOUSA** E **PRETO PACHECO** (SNI)

Da polémica ao diálogo

(Continuação da 3.ª página)

surgem, por isso, desgarradas, perdendo a sua vinculação com uma maneira tradicional de representar, e enredadas já nos problemas de um espaço que se define nas duas dimensões. O equilíbrio aqui alcançado entre duas tendências que se opõem é, então, mais do que precário, o pintor hesitando entre duas opções fundamentais e querendo, apesar de tudo, defender os seus compromissos.

A sua paleta enriquece-se com um novo colorido, as cores ganhando em pureza e luminosidade. O seu desenho, nunca muito seguro, ordena, todavia, as formas com uma desenvoltura em que já uma «maneira» se expande. (Sendo, essa «maneira», o ponto em que todo o artista está à beira de criar o seu próprio academismo, quando nele o estilo se torna fórmula; isto é, a sua própria linguagem viciando-se por uma espécie de narcisismo). Nos quadros apresentados em 1967, na Galeria Divulgação, esta pintura aproxima-se de um gosto *psicadélico*, numa linha «revivalista» debruçada para a Arte Nova. A terceira dimensão é recusada totalmente nestes trabalhos, e as formas surgem como se fossem recortadas e coladas sobre o suporte, segundo um ritmo caprichoso e ágil. Fernando Pernes pôde, então, dizer que algumas destas telas de Flores e Frutos pretendiam simular a *estampagem*, enquanto o quadro «As Três Graças» simbolzava a *colagem*. As cores acentuavam-se ali numa crueza de cartaz, algo do espírito Pop fora, realmente, assimilado pelo pintor. Mas sempre o desenho de Nikias procura vencer a sua debilidade, apoiando-se em leis académicas, mal disfarçando uma certa nostalgia pelos grandes desenhadores do passado.

Já em 68, nas «gouaches» que apresentou depois na G. 111, e na sequência daquelas «colagens simuladas», o pintor recortaria, realmente, as formas pintadas sobre papel, colando-as no suporte branco; mas, agora, já de todo esfrangalhadas, harmonizando-se em decisivo jogo abstracto. Importará, no entanto, sublinhar, que o resultado visual desta pintura em nada se alterou por este processo da colagem.

Muitas das últimas «gouaches» do pintor conservam-se nesta linha, consolidando a conquista de um espaço bidimensional. E pode dizer-se que poucas vezes o seu trabalho terá alcançado a qualidade destas pequenas peças. Mas os tempos mudam as formas da arte também. Cada vez mais a arte abstracta perde terreno em favor de uma enorme vaga de *Nova Figuração*. Mas a pintura figurativa dos nossos dias em nada se confunde com a que precedeu a experiência abstraccionista. As lições nela colhidas não se perderam; por isso, esta arte tem aspectos inteiramente novos, e representa indubitàvelmente, um avanço pelos campos do Desconhecido.

Nikias Skapinakis parece, agora, mais atento aos ventos que sopram no mundo. Só na aparência a sua antiga posição polémica parece retomar-se nos seus últimos trabalhos; a reconciliação com os movimentos de vanguarda mostra-se, de facto, consolidada.

Todavia, o Quotidiano sobre o qual se debruçara com atenção e, por vezes, com enorme simpatia, não está, realmente, ausente no que hoje pinta. A presença dos habitantes que prolongam na sua cidade um viver de aldeia, figurinhas humildes que se detinham em recantos perdidos do mundo e do tempo, foi, de facto, substituída, tal como as formas plásticas que captavam a sua verdade e que em tudo lhes correspondiam. Mas tendo sido renegada essa imagem de uma Lisboa lírica, afundada provincianamente em solidão e silêncio, o Quotidiano é, agora, apenas aludido, como uma metáfora da alienação humana nas modernas sociedades de consumo. As pequenas «gouaches» de Nikias constroem-se, por isso, recortando imagens copiadas de certas revistas bem conhecidas, de certas estampas não menos popularizadas, com as quais a publicidade não cessa de bombardear a nossa visão, num assalto brutal a todas as consciências. Sabemos como faz parte destas técnicas de persuasão o recurso à potencialidade erótica do consumidor, a fim de dirigi-lo nas suas «necessidades» e nos seus próprios ideais de vida. Não é sem ironia e sem ambiguidade que a pintura de Nikias faz referência ao mundo em que vivemos. Atento aos ventos que hoje sopram de vários lados, a sua arte parece lançar-se numa via que pretende a contestação de muita coisa deste mundo. Numa destas «gouaches» a nudez de duas mulheres pode oferecer-se sem receio aos olhos do espectador e erguer ao alto uma bandeira onde se escreve a palavra liberdade. Liberdade total na criação, proclamam hoje muitos artistas. E este grito não deixa de se dirigir, também, aos críticos, que, parece, têm antolhado a sua liberdade criadora.

Liberdade, portanto, para os criadores. Muito bem. Mas liberdade, também, para o consumidor de recusar aquilo que lhe queiram impingir. Liberdade para o público de conservar e desenvolver o seu espírito crítico — sem o qual nunca poderá haver cultura... nem liberdade.

FRANCISCO BRONZE

Uma incógnita chamada Guimarães Rosa

(Continuação da 1.ª página)

o Malhadinhas fale como fala ou pense como pensa. Só por um esforço de adaptação literária, lemos o *Grande Sertão: Veredas* sem recalcitrar. Monumento linguístico único, como havemos nós de admitir que um sertanejo, a viver uma hipótese novelística, se nos imponha como verosimilhança humana, quando tudo quanto ele diz é dito numa clave de um virtuosismo linguístico incompatível com a sua condição cultural e social.

«Bolas, ora, o Senhor vê, o senhor sabe. Sertão é o penal, criminal. Sertão é onde homem tem de ter a dura nuca e mão quadrada. Mas, onde é bobice a qualquer resposta, é aí que a pergunta se pergunta». Quem é que na vida corrente fala assim? Um original? Talvez. Há a gente do povo que até fala em verso. Mas o romancista do *Grande Serão: Veredas*, que em *Sagarana* se estribava numa verosimilhança compatível com a ficção, à medida que transporta para o plano da linguagem o seu papel de ficcionista, dá de barato tudo o mais, e os seus contos, as suas novelas, os seus romances, fulgurantes fogos-de-artifício, são muito mais fogos-de-artifício do que a iluminação de aspectos humanos da própria linguagem.

Não estamos a proferir um julgamento sobre os propósitos de Guimarães Rosa. Apenas ousamos expor algumas das razões que nos inibem de aderir de alma e coração à obra do grande escritor brasileiro. Que o seu génio linguístico é fascinante, não há que duvidar. Apenas nos interrogamos sobre a legitimidade da aplicação desse génio a uma humanidade que se nos afigura não poucas vezes ao serviço de um engenho que tudo converte em benefício próprio. O que perguntamos é se Guimarães Rosa serviu ou se serviu dos seus sertanejos e se a sua literatura não será mais uma dessas epopeias de virtuosismo linguístico com que as literaturas em épocas de decadência suprem os recursos inimitáveis da verdadeira criação literária.

JOÃO GASPAR SIMÕES

O que é
«A TERTÚLIA DO LIVRO»?
pergunte a
GALERIA PANORAMA
GALERIA PANORAMA
Rua Alberto Aldim
Telef. 97 13 79
ALFRAGIDE
(DAMAIA)

POEMAS
(1945-1965)
de Eugénio de Andrade
— 2.ª edição —
com prefácio de
Óscar Lopes
AS MÃOS E OS FRUTOS
OS AMANTES SEM DINHEIRO
AS PALAVRAS INTERDITAS
ATÉ AMANHÃ
CORAÇÃO DO DIA
MAR DE SETEMBRO
OSTINATO RIGORE
"Eugénio de Andrade é, creio bem, o mais consumado entre os nossos poetas feitos no decénio de 40. ...Se me pedissem, nem só autor, o apuro líquido mais incontestável dos últimos quinze ou vinte anos de poesia portuguesa, eu não hesitava em apontar Eugénio de Andrade." ÓSCAR LOPES
COLECÇÃO POETAS DE HOJE
PORTUGÁLIA EDITORA

Gabriele Brustoloni

Poesia da última hora

(Continuação da 4.ª página)

tos mais reles, contemplada, todavia, no contraste entre instintos e responsabilidade de aspiração política:

sinto-me a ele agarrado no calor
dos instintos, da paixão estética;
atraído por uma vida proletária
a ti interior, é vara mim religião
a sua alegria, não a sua milenária
luta; a sua natureza, não a sua
consciência...

.....

Como compreendo o remoinho
dos sentimentos, a teimosia (grega
no coração do patrício, veraneante
do norte) que engoliu no cego
azul do Tirreno: a carna!
alegria da aventura, estética
e pueril: enquanto a Itália prostrada
como que dentro da barriga de uma
enorme cigarra, escancara alvos li-
[torais espalhados no Lácio...

.....

E em redor zumbe de alegria
o interminável instrumento de per-
cursão do sexo e da luz: assim acos-
tumada é a Itália que não treme, como
que morta em sua vida: gritam an-
siando de centenas de portos o nome
do camarada os mancebos molhados
e de cara trigueira, entre gente
do litoral. junto das quintas,
em sujas praias..
Me perguntarás tu, morto desador-
nado de largar esta desesperada
paixão de existir no Mundo?

A poesia de Pasolini constitui o fundamento para a inovação da linguagem poética italiana depois do hermetismo, e é o testemunho histórico de uma época de contradições na descrição directa da sua fenomenologia objectiva.

GABRIELE BRUSTOLONI

Apresentação (incompleta) de Mrozek

(Continuação da 8.ª página)

será preferível ficarmos aqui muito quietos, como Deus quer

DOIS — É essa a sua última palavra ...?

UM — Essa é a minha última palavra

DOIS — É capaz de ter razão. (*Pausa Escuta atentamente*). Dir-se-ia que há alguém rondando lá fora.

UM — Na realidade, não temos razão de queixa, não lhe parece?

DOIS — Não temos nenhuma razão directa para nos queixarmos.

UM — Quer o senhor dizer que existe alguma razão indirecta?

DOIS — O amigo não é tolo!

UM — Analisemos os factos.

DOIS — Com todo o gosto

UM — Logo que deixamos as nossas casas respectivas e nos pusemos a caminho. de acordo com os nossos planos. seguindo para, como o senhor tão excelentemente observou, os nossos objectivos.

DOIS — *(Interrompendo)* Era uma manhã clara, formosa

UM — Ambos tínhamos família, mulher e filhos, coisa fácil de demonstrar.

DOIS — *(Interrompendo)* E sabíamos o que queríamos.

UM — De maneira que tudo caminhava sobre rodas. Estávamos barbeados de pouco...

DOIS — *(Interrompendo)* E levámos as nossas práticas e imprescindíveis maletas.

UM — Dirigiamo-nos para os nossos objectivos. Sabíamos perfeitamente a direcção a seguir e as senhas que prudentemente não só tínhamos gravado na memória, mas também anotadas num útil caderneta. Está de acordo com tudo isto?

DOIS — Totalmente de acordo — ponto por ponto.

UM — E, de repente, atenção! Num dado momento quando seguíamos uma rota que tínhamos planeado de antemão...

DOIS — *(Interrompendo)* Uma rota que era o resultado dos nossos razoáveis cálculos...

UM — Um caminho onde tudo estava previsto e repensado. eis que aqui então sucede ALGO, que devo esclarecer, VINHA DO EXTERIOR, ALGO que não dependia de nós, ALGO que nos era estranho.

DOIS — Penso que devo fazer certas objecções a esse ponto. Pois que não podemos precisar a natureza do que de facto sucedeu, pois que nem sequer sabemos se efectivamente sucedeu, já por culpa da neve já por por outras razões não podemos sequer afirmar que o sucedido, ou não sucedido, se deva a causas alheias, exteriores a nós nem tão pouco que essas causas procedem de nós próprios.

UM — O senhor confunde-me!

DOIS — O que diz?

UM — O senhor adormece o curso dos meus pensamentos.

DOIS — Nesse caso, peço-lhe que me perdoe.

UM — Desgraçadamente não estamos em condições de decidir com juizo claro sobre a natureza exacta do que sucedeu.

DOIS — Era isso mesmo que eu dizia!

UM — Nesse caso, tenha a bondade de continuar.

DOIS — De todos os modos, procurarei não voltar a perturbá-lo.

UM — Nem sequer podemos definir com relativa aproximação a natureza do sucedido. É-nos impossível conhecer os elementos que o compunham... O senhor dizia alguma coisa?

DOIS — Não não disse ALGUMA COISA.

UM — No que me diz respeito, pareceu-me captar um não sei quê pertencente ao reino animal, porque não estou seguro... ainda que QUIÇA, talvez parecesse conter algo do reino mineral, ou QUIÇA tive a impressão, melhor, de algo mais relacionado com a energia do que com a matéria. No entanto, QUIÇA pudessemos definí-lo como um fenómeno relacionado com todos os cheiros, formas, cores, pesos, longitudes, larguras perfis, claro-escuros, etc., etc. *(Diz estas últimas frases mecânicamente, como se recitasse uma tabuada).*

DOIS — Ainda lhe dói? Por mim, começo a sentir-me melhor...

UM — Faça o favor de não se pôr a simplificar o problema

DOIS — Só queria perguntar...

UM — *(Interrompendo)*, O facto é que não pudemos resistir ao fenómeno em parte por vontade própria, porque procurávamos qualquer tipo de protecção, em parte porque vínhamos a dar por força nesta casa que estava no momento crítico bastante à mão. Foi sorte que as portas estivessem abertas.

DOIS — Estou completamente de acordo com o senhor. Que conclusões tira?

UM — Eis ao que ia, às conclusões. O nosso principal objectivo, por agora, tem que ser este, permanecermos tranquilos, sem perder a dignidade pessoal. Desse modo, ficaremos donos da situação, pois a nossa liberdade, na minha opinião, não nos foi coartada absolutamente em nada...

DOIS — Chama liberdade a termos que estar aqui?

UM — Mas, meu caro senhor. Podemos ir quando nos der na real gana! Veja, as portas estão abertas!

DOIS — Então, vamos, Já perdemos muito tempo! *(Ouve-se o mesmo ruído do princípio).*

UM — Que foi isso?

DOIS — Disse para irmos.

UM — Agora?

DOIS — Agora.

UM — Agora mesmo? Ou terá o senhor medo?

UM — Por favor, cavalheiro! Absolutamente nenhum!

DOIS — Diz primeiro que é indispensável conservar a dignidade pessoal, que é indispensável conservar a liberdade, e agora, que ainda está a tempo, não quer ir embora.

UM — Ir agora, ir imediatamente representaria uma restrição ao princípio da liberdade.

DOIS — Que quer dizer com isso exactamente?

UM — É evidente! Que é, na essência, a liberdade? Simplesmente, POSSIBILIDADE DE ELEGER. Enquanto permaneço aqui sentado, sabendo que posso ir por qualquer dessas portas, sou livre. Porém, no preciso momento que me levante TEREI FEITO UMA ELEIÇÃO, LIMITANDO ASSIM AS MINHAS POSSIBILIDADES, terei perdido a minha liberdade, converter-me-ei em escravo do meu acto.

DOIS — Mas ficar aqui sentado e não ir embora, supõe também uma eleição. O senhor elege ficar.

UM — Falso, meu caro senhor! Estou aqui, porém TODAVIA posso ir. Pelo contrário, se vou. EXCLUO A POSSIBILIDADE DE FICAR.

DOIS — E dá-se satisfeito com isso?

UM — Isso satisfaz-me. Ilimitada liberdade interior, essa é a minha resposta a todo este mistério que se abate sobre mim.

CARLOS PORTO

As (anti)memórias de Malraux

ANTIMEMÓRIAS
por
André Malraux
ed. Livraria Bertrand
Lisboa 1968

Até ao aparecimento, em França, de *Antimemórias*, nenhum admirador de André Malraux poderia imaginar que o laureado autor de *L'Espoir* se dispusesse a escrever a sua biografia. É certo que as mais significativas personagens das suas obras mais divulgadas, como *A Condição Humana* ou *Os Conquistadores* deixavam já antever traços da forte personalidade do seu criador.

Desde 1942 que André Malraux não publicava um livro. Mas o espaço de tempo que decorreu até ao aparecimento de *Antimemórias* não foi perdido.

Diz o ilustre académico acerca desta notabilíssima obra que ela constitui uma «primeira parte, que compreenderá, provàvelmente, quatro tomos, os quais serão integralmente publicados após a morte do autor».

«Que me interessa aquilo que apenas para mim tem importância?», pergunta Malraux logo que começa a escrever as *Antimemórias*. E define melhor o seu pensamento quando afirma: «Quase todos os escritores meus conhecidos amam a sua infância; eu detesto a minha.»

Malraux reflecte sobre a vida, mas fá-lo de modo diferente daquele que se encontra na maioria dos livros de memórias. Pode dizer-se que ele se serve apenas das suas experiências para interpretar o significado da presença do homem no mundo.

Na realidade, André Malraux recusou premeditadamente escrever a sua autobiografia: conta os factos como se deles não tivesse participado e descreve uma figura como se dele próprio se tratasse. «*As Antimemórias* são o meu livro verdadeiro». Nele empreende Malraux um diálogo cujos intervenientes são o jovem à procura de respostas essenciais e o homem adulto para quem todas as respostas são discutíveis. E neste diálogo cruzam-se aspectos do passado e do presente. A simples enunciação dos capítulos em que a obra está dividida — «As Nogueiras do Altemburgo», «Antimemórias», «A Tentação do Ocidente», «A Estrada Real» e «A Condição Humana» — revela um itinerário que abrange diferentes períodos da vida de Malraux e nos quais se consubstancia uma série de acontecimentos que revelam a atmosfera inquietante dos anos 30 e as conturbações do tempo presente: a guerra de Espanha, a ocupação da França pelos nazis, a Libertação, a política de De Gaulle, a incógnita chinesa, a situação no Vietname...

«O que me interessa em qualquer homem é a sua condição humana». Em *Antimemórias*, Malraux não se preocupa com fazer uma autobiografia, mas sim com o relato dos acontecimentos — aliados a contradições e esperanças — de que tem sido simultâneamente testemunha e protagonista.

Já foi posta à venda a
2.ª Edição
DE
Antes do Dilúvio
de MÁRIO BRAGA
•
PRELO EDITORA
R. Misericórdia, 67-2.º
Tel. 370691

Através de «O Delfim»

(Continuação da 5.ª página)

rência, já ultrapassado *nouveau roman*. (Quem se interessar por estas coisas pode ler o estudo de J. V. Alter: «C. Ollier: L'Enquête Policière», *in* «Revue des Lettres Modernes», n.º 94-99). A montagem é perfeita, sem a renda de bilros de «Les Gommes» de Robbe-Grillet, e o autor, nessa noite de recordações pode comentar o *real* à vontade, talvez no romance mais comentado *pelo lado de fora* que até hoje se escreveu em Portugal, o que nos leva a conceber o «Mundo da Gafeira» como um objecto que o escritor mira e remira em torno do qual se requinta com as demoras sábias de observação que devem ser a regra do bom entomólogo.

Ele está no seu quarto, viaja em torno dele, e até não precisa, como Xavier de Maistre ou Almeida Garrett de sair cá para fora para uma descrição que não sairia mais *parecida* se voltasse ao *local do crime*. Ponto máximo da ficção de Cardoso Pires, talvez o ponto máximo da ficção portuguesa dos anos 60. Por que não? Talvez porque «O Delfim» condense tudo o que de positivo a nossa ficção inventou desde que existe. Repare-se: digo *inventou=criou=*elaborou por si própria) e não *copiou*, porque de cópias ou imitações anda a nossa literatura e o nosso Leitor (Distraído ou Não) de barrigas tão cheias que começam a revelar alarmantes sintomas de dispepsia.

ALEXANDRE P. TORRES
University of Cardiff

A REVOLTA DOS ESTUDANTES
Colecção «TEMAS»
•
O DESTINO DUM HOMEM
por CHOLOKHOV
(Prémio Nobel — Autor de «O Don Silencioso»)
EDIÇÕES DELFOS

Iniciativas e prémios

Folhetim artístico de José-Augusto França

O PRÉMIO dos agentes portugueses da «General Motors» desencadeou uma série de iniciativas congéneres, como era de esperar — e de apoiar. Publicidade indirecta ou «de prestígio» é a que mais convém a certo tipo de comércio — e melhor ela se define a um nivel cultural socialmente proveitoso. Escolher o domínio artístico como campo operacional publicitário é uma boa ideia que sobretudo nas Américas tem sido explorada, dentro do quadro dum mecenato ajustado aos esquemas da sociedade industrial de hoje.

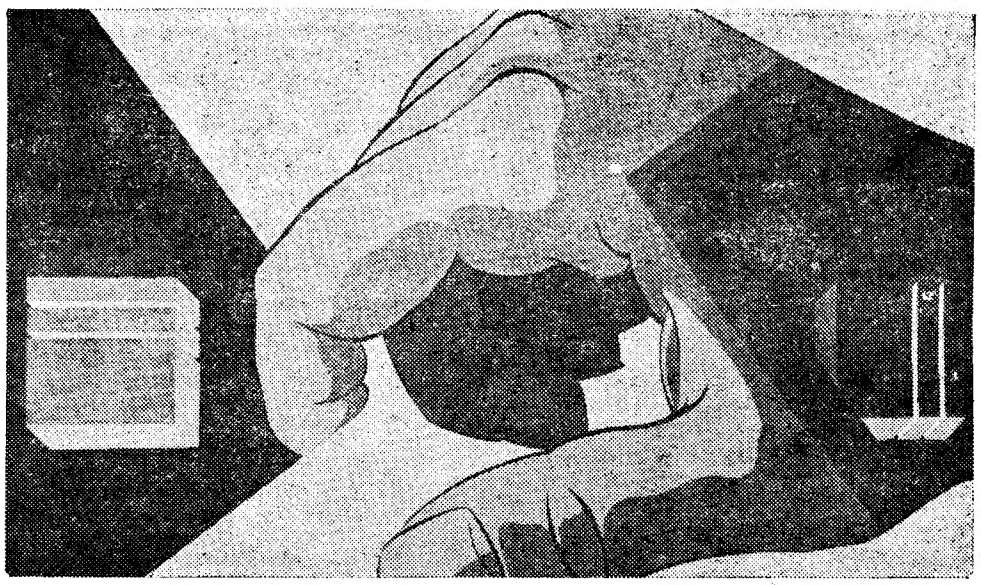
Mecenato generoso sem dúvida, e interesseiro também — porque não? A função social do comércio e da indústria liga-se à função social da arte na fórmula da nossa economia ocidental que, enquanto não for substituída, é como é — e deve ser objectivamente considerada e aproveitada para maior bem da sociedade e de quem nela inevitàvelmente (criticamente embora) se define. Que fora dela só em Utopia...

O prémio «GM» foi, pois, um excelente motor de arranque, como automobilisticamente parece acertado — e logo outra empresa similar, a Sociedade Guérin, representando outras marcas de automóveis, promoveu um prémio de arte que recentemente veio a lume.

Menos feliz, por prováveis erros de organização (temática imposta, júri discutível, local de exposição indiscretamente comercial) mas também por um retraimento profissional dos artistas, o prémio Guérin teve porém boas intenções. E já outro prémio, mais importante e mais bem organizado, se anuncia — o do Banco Português do Atlântico, através duma exposição onde serão também realizadas aquisições importantes. O facto de esta exposição se repetir no Porto e em outras cidades do País constitui uma inovação — e uma vantagem certa para artistas e espectadores. De resto, a ligação com o Porto é cada vez mais desejável para evitar uma bipolarização da vida artística nacional que seria, pelo menos, ridícula.

O Banco Português do Atlântico estuda também a possibilidade de realizar uma exposição de carácter internacional — e já outro Banco tem em apreciação idêntica a possibilidade que lhe foi proposta por uma empresa de publicidade em ligação com críticos de arte. Outro Banco ainda se mostra interessado em entrar no mesmo género de iniciativas. Por seu lado, a crítica de arte foi chamada entretanto a atribuir um prémio anual que acaba de ser anunciado — o prémio SOQUIL, oferecido pela empresa comercial do mesmo nome e que visa recompensar artistas que durante a temporada se tenham destacado, em exposições ou outras manifestações. Sem concurso nem compita, por vezes aleatórios e nem sempre simpáticos, este prémio, garantido desde já anualmente, vai ter um papel considerável na vida artística portuguesa.

...E assim esta vida de repente se apresenta com um cariz diferente. Algumas centenas de contos



Composição de Carlos Calvet, prémio «Soquil» — 1968

entram em circulação na sua precária economia, animando-a e permitindo-lhe um desafogo modesto mas certamente progressivo. E alguma esperança, portanto...

Optimismo o meu? Não, decerto — mas uma análise objectiva da situação autoriza-nos sem dúvida a encarar com outros olhos um futuro menos atingido por habituais desinteresses e desastramentos. Prémios e aquisições promovidas pelo sector privado (e não esqueçamos aqui o clube dos 100 x 100, de que já falei em folhetim anterior, e que representa um volume de aquisições de cem contos por ano), juntam-se às iniciativas do sector público (o Prémio Nacional dos Restauradores, levado a efeito pelo S. N. I.; uma ou outra encomenda — mas geralmente processada à margem da vida artística de índice cultural positivo), às aquisições eventuais da Fundação Gulbenkian (que anuncia também uma exposição para 1969), e a uma acção lenta mas progressiva da parte de galerias e «marchands».

A *quantidade comercial* (um objecto de arte é sempre e também um objecto de comércio, na medida em que se vende ou troca, e em que deve fazer viver profissionalmente quem o produz, neste ou noutro tipo de sociedade, através de livre ou de coordenada concorrência), liga-se nestas iniciativas e prémios a uma *qualidade cultural*, que é (òbviamente o sublinho) o seu fim último e a sua última utilidade.

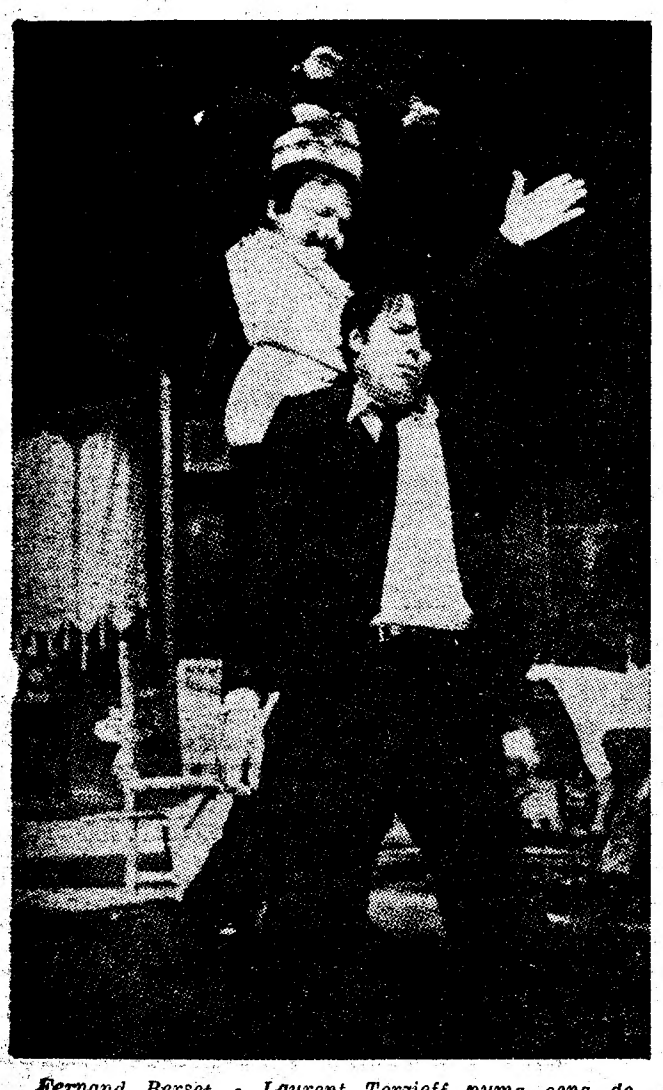
A apreciação de tal qualidade (também o sublinho òbviamente) é função da crítica de arte. A selecção e a classificação são operações críticas que exigem uma preparação específica e um treino apropriado que não cabe aos artistas, com certeza.

Estes dificilmente poderão ser juízes e partes na questão, e apreciar colegas, por maior insenção que se tenha ou suponha ter, é uma atitude sempre e naturalmente ingrata, se não suspeita — que nenhuma bienal ou grande prémio responsável admite. Ora o que se observa actualmente entre nós é uma tendência para encarecer o papel dos críticos nos júris — e nisto a vida artística portuguesa começa a definir a sua maturidade. Para além das intrigas que naturalmente se fazem, efeito dos hábitos amadorísticos que desde sempre têm marcado o comportamento da maioria dos artistas nacionais...

Tais hábitos têm que sofrer modificação profunda: ou os artistas tomam a sério a sua actividade, entendem o seu lugar na sociedade portuguesa, ou sossobram. Que é o que em outras sociedades mais evoluídas aconteceria. E entender a sério o seu papel significa sobretudo trabalhar profissionalmente...

O louvável prémio que a SOQUIL criou, com a sua continuidade, os prémios do Banco Português do Atlântico, como da Guérin ou da G. M. (ou da Fundação Gulbenkian), a ligação que outros Bancos ou empresas, numa inteligente propaganda, venham a estabelecer com a vida artística estrangeira, são outros tantos elementos que virão a permitir a profissionalização dos melhores artistas nacionais. E, por força de tais ligações, o seu lançamento em circuitos culturais (e comerciais...) internacionais. Este lançamento, porém, só será possível *se um teor profissional se definir e estabelecer*. Sem desculpas, sem cepticismos, sem mandriices...

É preciso, em suma, que os artistas mereçam o que está a ser-lhes oferecido. Empenhados certos críticos em que estas ofertas sejam cada vez melhores, cabe-lhes o direito de contar com a colaboração dos artistas. A sua boa vontade — e a sua maioridade profissional. Entramos provàvelmente num momento de viragem da vida artística portuguesa. Que cada qual, dentro dela, assuma a sua responsabilidade. **Amen**...



Fernand Berset e Laurent Terzieff numa cena de «Tango», de Slawonir Mrozek

Apresentação (incompleta) de Slawonir Mrozek

por Carlos Porto

O POLACO SLAWONIR Mrozek, de quem o «Teatro Nacional» apresentará a peça «Tango», vai ser possìvelmente a sensação deste tardio (e morno) abrir da temporada de Teatro. Não que possamos esperar algo de muito original. «Mrozek é um primo de Varsóvia do tio Ionesco», assim o definiu Claude Roy que o traduziu para francês. E um outro crítico, Gilles Sandier, chamou-lhe «Ionesco polaco (cruzado de Tardieu)». Não andaremos longe, portanto, do «Teatro de Absurdo» que Paris exportou há anos e cuja projecção parece neste momento em vias de apagamento (um autor de génio — Beckett — não faz um movimento). No entanto, essa inclusão, sem mais nada, do dramaturgo polaco no «Teatro de Absurdo» deve ser devidamente nuançada. Parece-nos de facto, uma maneira um tanto simplista — e tipicamente gaulesa — de catalogar um autor que embora possa ser aparentado a essa corrente, parece ter uma personalidade própria e parece propor — pelo pouco que dele conheço — uma expressão crítica que permite aberturas a que o teatro dos Becketts & C.ª é alheio.

Mrozek nasceu em Cracóvia há 38 anos, descendendo duma família de agricultores que veio a ter ramificações burocráticas. Estudou arquitectura e línguas mas veio a ser desenhista e jornalista. Tendo viajado largamente pela Europa e pela América, incluindo a Rússia e os Estados Unidos, cedo se interessou pelo Teatro. O florescimento deste na Polónia do pós-guerra veio permitir-lhe possibilidades de experimentação de que nasceu uma obra bastante pessoal, embora conotada, como já foi dito, com a obra de Ionesco e de outros cultores do «Teatro de Absurdo». A partir dos 27 anos, Mrozek dedicou-se inteiramente ao teatro, criando em especial peças em um acto, curtos «skechtes» de carácter satírico. A sua primeira obra, «Os Polícias», foi estreada em Nova Iorque. Escreveu ainda «Entretenimento», «O Pavão», «Strip-tease», «No Alto Mar», «O Filólogo Envergonhado», «Karol», «Tango», etc

Para um crítico espanhol, «a originalidade de Mrozek reside na medida em que, partindo de situações que se podem encaixar no Teatro de Absurdo, não se deixa aprisionar pelos pressupostos clássicos desta escola, e com um poderoso espírito analítico arremete contra certos valores míticos, certas ideias e crenças, sem esquecer que o instrumento empregado nesta dissecação é um humor que em todos os casos ressume ternura e boa vontade».

É indispensável, acrescente-se, ter em particular consideração o tempo e o espaço em que nasceu o teatro de Mrozek e encará-lo com uma óptima crítica que abranja todos os dados da situação. Por outras palavras, a crítica que o teatro de Mrozek propõe só pode ser vista sob um prisma dialéctico. Única maneira de entender a sua pretendida ambiguidade. O que se deverá equacionar também em função da respectiva encenação.

O pequeno trecho que se segue pertence à peça em um acto «Strip-tease» e está, talvez, mais perto de Beckett que de Ionesco.

UM — O senhor insinua que a culpa foi nossa? Mas, meu caro senhor, nós conhecíamos o caminho e igualmente o nosso objectivo!

DOIS — Claro! Não foi por nossa culpa ...

UM — Não. E nesse caso, o que ...

DOIS — Que?

UM — Que sei eu? O melhor será não falar nisso. Continuo a acreditar que

(Continua na 7.ª página)